

CAROLINA
COSTA
CAVALCANTI



O
C
E
I
M
E
D
O
C
O
M
E
Ç
O

A HISTÓRIA DE UM
COMPROMISSO LEVADO
ÀS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS



CAROLINA
COSTA
CAVALCANTI

O FIM DO
COMEÇO

A HISTÓRIA DE UM
COMPROMISSO LEVADO
ÀS ÚLTIMAS CONSEQUÊNCIAS

Casa Publicadora Brasileira
Tatuí, SP

APRESENTAÇÃO

Infelicidade, angústia, ambição, morte e tantos outros problemas afetam diariamente a humanidade.

Parece que nada pode ficar pior do que já está. Mas isso é apenas o começo. Através da história de um pequeno grupo de pessoas, o destino da humanidade está sendo traçado, até que venha o fim.

Um estudante de medicina. Uma esposa infeliz. Um dono de restaurante. Uma professora idealista. Um pescador. Uma estudante de psicologia. Um jornalista ambicioso. Uma dona de casa...

Esta é a história envolvente que descreve os desafios vividos por um grupo de pessoas antes de um acontecimento surpreendente. É quando o mundo mostra que não tem solução que importantes decisões precisam ser tomadas e levadas às últimas consequências. A questão que resta é: como sobreviver a tudo isso?



Direitos de publicação reservados à

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Rodovia SP 127 – km 106

Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Tel.: (15) 3205-8800 – Fax: (15) 3205-8900

Atendimento ao cliente: (15) 3205-8888

www.cpb.com.br

1ª edição neste formato

2012

Editoração: Matheus Cardoso e Neila D. Oliveira

Design Developer: Fernando Lima

Capa: Enio Scheffel

Imagens da Capa: Shutterstock



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

AGRADECIMENTO

A Deus, por me mostrar que Seus sonhos para minha vida são muito maiores do que aquilo que pedi ou imaginei. Por me capacitar, inspirar e chamar para servi-Lo.

Ao meu querido esposo Helder. Você é o amor da minha vida e parceiro nos bons e maus momentos. Obrigada por me amar incondicionalmente.

A Williams Costa Júnior e Sonete, por serem pais maravilhosos. Obrigada por verem em mim uma escritora e me incentivar a trabalhar neste projeto. Tudo que sou devo a vocês.

Aos meus irmãos, Tuiú Costa e Laura Morena. Admiro as escolhas que fizeram, ainda muito jovens, de usar os enormes talentos que possuem para servir a Deus. Vocês são meus companheiros de vida... Amo vocês.

Ao meu avô Gesson, por ler praticamente tudo que escrevo e sempre me incentivar a continuar escrevendo. À vovó Ivete, pela dedicação e carinho. Ao vovô Willie, pelas incessantes orações. À vovó Áurea, pelo legado que deixou à nossa família.

A Débora, Simone e Raquel, por terem lido o livro e contribuído com observações que ajudaram a enriquecer a história.

Aos familiares e amigos, que sempre me apoiaram e inspiraram. O impacto que tiveram em minha vida é transferido para as histórias que conto. Nelas existem pedacinhos de vocês.

DEDICATÓRIA

Aos meus filhinhos Lucas e Davi, que me deram a oportunidade de conhecer uma nova e maravilhosa dimensão do amor. Ser mãe de vocês torna possível que eu aprenda diariamente lições sobre o amor de Deus por Seus filhos. Um amor incondicional, profundo, infundável. Meu sonho é estar com vocês no dia em que Jesus voltar.

CAPÍTULO

I

Estava escuro do lado de fora. Seus olhos continuavam fixos através da janela do ônibus. Tiago não conseguia dormir, porque aquela viagem o levava ao encontro do seu maior sonho. A luz forte dos faróis de carros e caminhões que vinham do outro lado da estrada cegava a bela vista que tinha do Cruzeiro do Sul.

O vento gelado entrava por uma fresta da janela e acariciava o seu rosto, enquanto Tiago continuava pensando na viravolta que ocorrera em sua vida nas duas últimas semanas. Ao fechar os olhos, recordou pela milésima vez como tudo acontecera.

Naquela manhã, acordou cedo, puxou o laptop que havia deixado no chão, ao lado da cama, havia apenas algumas horas. Mexeu no mouse e aguardou ansioso, até que o site da Universidade Federal do Rio de Janeiro mais uma vez iluminasse a tela. Sentiu um frio na barriga, quando viu que haviam publicado na página inicial a seguinte notícia: “URFJ divulga as notas do vestibular”. Clicou nessa frase sublinhada em azul e foi direcionado para a página do “Processo Seletivo”. Logo em seguida, encontrou o link “Classificados”. Com a mão trêmula, clicou nesse link. Enquanto aguardava que o documento em PDF abrisse, alguém bateu à porta de seu quarto:

– Tiago, você já acordou?

– Espere aí, mãe. Estou ocupado. Já falo com você.

– Parece que saiu o resultado do vestibular! – ela anunciou ansiosa.

Respirando fundo, ele disse impaciente:

– Entre logo, mãe; estou aqui checando isso agora!

A porta do quarto se abriu, enquanto a lista, com vários números de inscrição, surgia na tela branca e preta. A mãe sentou-se no canto da cama, enquanto ele começava a tentar decifrar a ordem numérica que surgia na tela.

– Ai, meu Deus! É agora ou nunca!

Os olhos de Tiago moviam-se rapidamente pela tela do computador. Procurava o número 9339551. Seus olhos percorriam as páginas, em busca dos algarismos que mudariam sua vida.

– Ti, olha! Olha! Tá aí.

– O que, mãe? Você achou? – ele sentiu que o ar lhe faltava.

Ela apontou freneticamente para a tela do computador, enquanto comemorava:

– Você passou! Você passou! Pode arrumar as malas, porque é o novo aluno de medicina na Universidade Federal do Rio de Janeiro!

Tiago arregalou os olhos. Mal podia acreditar no que tinha ouvido. Jogou o computador na cama, levantou-se, abraçou a mãe e começaram a gritar e a dançar pelo quarto.

Ao abrir os olhos, Tiago percebeu que estava rindo sozinho. A mulher gorducha, sentada ao lado, resmungou:

– Vá dormir, garoto.

Ele não ligou. A estranha nunca entenderia o que aquela viagem significava para sua vida: três anos enfurnado num cursinho, domingos de sol em frente dos livros, concorrência de 30 candidatos para 1 vaga, mudança para o Rio, independência dos pais, realização profissional e muito mais. Não dava para dormir.

O dia amanhecia e dona Carminha estava na beira do fogão, esquentando leite e fritando pão velho com manteiga para o café da manhã. O frescor da manhã enchia a casa, enquanto os primeiros raios de sol entravam pela janela da cozinha, perfumada com cheiro de pão.

Ela já havia colocado no centro da mesa da cozinha uma cesta com frutas fresquinhas que tinha colhido em seu pomar no dia anterior. Manga, jambo, banana-nanica e caju davam um colorido especial à toalha verde-escuro. Dona Carminha ainda punha os pratos na mesa, quando ouviu o ladrar de Totoca, o cachorro da família cearense que havia acabado de comprar a chácara vizinha.

Correu para a porta da casa e forçou a visão fraca atrás dos óculos grossos, para ver se realmente eram seus convidados que estavam chegando. Ao certificar-se de que eram eles, gritou:

– Vai entrando, gente.

A família de cinco pessoas acenou. Abriram a porteira de madeira branca, que se transformava em uma cerca que rodeava toda a chácara. As crianças corriam por um caminho de pedra no meio do jardim, que mais parecia um mar de margaridas, azaleias e primaveras. O jardim bem cuidado estava localizado na frente da casinha simples da sorridente dona Carminha.

A visão da chácara era deslumbrante. Do lado esquerdo, via-se o jardim e a casinha de madeira pintada de azul-claro com janelas e portas amarelas. Atrás da casa, erguia-se um belo pomar repleto de árvores de frutas típicas do norte da Bahia e o galinheiro com meia dúzia de galinhas de pescoço pelado que punham ovos só de vez em quando. Do lado direito, a uns 500 metros, podia-se ver o majestoso rio São Francisco, que deslizava voluptuoso, refletindo os raios

de sol dourados do amanhecer.

Ao entrar pela porta lateral da casa, que conduzia à cozinha, Donato, o chefe da família visitante, tirou o chapéu de palha da cabeça e cumprimentou:

– Bom-dia, dona Carminha, a senhora dormiu bem?

– Dormi, sim, senhor. Vamos entrando. O café da manhã está pronto.

A família Braga acomodou-se em volta da mesa. Dona Carminha olhou para Ana, mulher de Donato. Era tão nova e já tinha feições cansadas!

– Aninha, minha filha, escolha um dos meninos pra pedir a bênção.

Ana olhou para as três crianças, que não desgrudavam os olhos agitados da cesta de pão fumegante.

– Pedrinho, pode pedir a bênção?

O menino de 8 anos olhou para os lados, suplicando que a irmã mais velha e o irmãozinho o ajudassem. Seu pedido silencioso não foi atendido. Percebendo que não tinha outra solução, proferiu uma rápida prece:

– Pai nosso, abençoa esta comida, amém.

Imediatamente depois da oração, as crianças atacaram a cesta de pão e foram acompanhadas pelos adultos, que comiam com vontade, fazendo todos os tipos de sons. Pedrinho pegou um caju laranja-avermelhado e, quando deu uma dentada, o suco da fruta doce escorreu-lhe pelos cantos da boca. Estavam tão entretidos na refeição que as palavras foram poucas até que estivessem satisfeitos. Quando acabaram de comer, dona Carminha e Ana tiraram os pratos sujos e limparam a mesa. A dona da casa abriu uma gaveta no armário da cozinha e retirou um livro de capa preta e gasta.

– Agora que vocês já comeram, vamos começar o nosso estudo bíblico?

Todos balançaram a cabeça, aprovando a proposta, enquanto dona Carminha colocava a Bíblia em cima da mesa, com todo o cuidado.

A turma de quarenta alunos estava inquieta. Aquele era o primeiro dia de aulas como alunos do terceiro ano do ensino médio. Eles haviam regressado das férias no fim de semana anterior e tinham muita conversa para colocar em dia. Naquele momento, entretanto, estavam calados. O diretor do colégio viera apresentar a nova professora.

– Esta é a professora Letícia. Ela veio de Brasília e vai ensinar História. Espero que vocês deem uma boa impressão de nosso colégio para ela, hein, terceiro ano!

As sobrancelhas grossas do professor Luís Rodrigues levantaram-se enquanto proferia as

recomendações. Sabia muito bem como aquela turma podia ser irreverente. Alguns alunos mediam a professora dos pés à cabeça e cochichavam. Outros estavam quietos e tinham o olhar perdido. Estavam em outro lugar.

Letícia, que era baixinha, cabelos cor de mel levemente ondulados, pele branca, grandes olhos castanho-escuros e sardas no nariz delicado, tentava esconder seu nervosismo. Esse era um momento de primeiras vezes: primeiro emprego, primeiro dia de aula, primeira vez que iria dar aula para uma turma tão grande de jovens, que eram um pouco mais novos do que ela. Tinha medo de que, com sua cara de menina, os alunos não a respeitassem. Havia concluído o curso de graduação havia poucos meses. Agora, era licenciada em História pela Universidade de Brasília (UnB).

Mudara-se para Brasília havia quatro anos, quando passou no vestibular. Logo nos primeiros meses, conheceu Rogério, com quem namorou por praticamente todos os anos que permaneceu na capital do país. Na época, ele era aluno do curso de Jornalismo na mesma universidade. Agora, estava formado havia dois anos e trabalhava como repórter para uma agência de notícias sediada na mesma cidade.

Quando estava prestes a terminar a faculdade, Letícia tentou conseguir um emprego como professora em Brasília, mas seus esforços foram vãos. Não queria voltar para a casa dos pais. Então, começou a contatar escolas de vários locais. Conversou com o namorado e disse que, se arranjasse emprego em outra cidade, iria sair de Brasília. Ele concordou com a ideia, para decepção dela. Na verdade, sonhava em receber uma aliança dourada na mão direita. Tinha decidido que, só com o noivado, deixaria de aceitar propostas de emprego em outras cidades. No fundo, não queria ficar longe do homem que amava.

A proposta de casamento não veio, mas a de emprego, sim. Duas semanas antes de sua formatura, Letícia foi para Santa Catarina realizar uma entrevista na escola que a contrataria alguns dias depois. Quando Rogério soube que sua namorada iria mudar para tão longe, começou a perceber que tinha feito uma besteira... Deveria ter feito sua tão esperada proposta primeiro. Seria duro ficar longe dela.

A proposta de casamento veio tardiamente. Agora, Letícia teria que cumprir sua promessa e trabalhar, pelo menos por alguns meses, na escola que a havia contratado. O casal combinou de ficarem distantes por um semestre. Nas férias de julho, Letícia iria para Brasília a fim de preparar o casamento. A grande festa ocorreria alguns meses depois.

No primeiro dia de aula, Letícia sabia que trabalharia temporariamente naquela escola. Mesmo assim, considerava esse novo emprego um grande desafio. Sabia que não seria fácil convencer esses adolescentes de que as histórias do passado são interessantes, dignas de atenção e um reflexo das experiências que vivemos hoje.

No fundo da classe, Juliana olhou para sua melhor amiga, que estava na carteira ao lado, e cochichou:

– E aí, Mari, você foi com a cara dela?

– Ela é bem novinha... Coitada, se for muito boazinha, vai sofrer na nossa mão.

As duas começaram a rir baixinho, mas logo pararam ao sentir o olhar penetrante e reprovador do professor Luís, que acrescentou:

– A classe está entregue, professora. Se tiver qualquer problema, pode comunicar à direção.

O professor Luís saiu da classe com olhar desconfiado, enquanto Letícia levantou-se, com as mãos trêmulas, arrumando os óculos que tinham escorregado para a ponta do nariz delicado e sardento. Escreveu seu nome no quadro-negro com giz branco, virou-se para a classe, respirou fundo e proferiu palavras que havia ensaiado milhares de vezes:

– Oi, classe! Estou muito feliz por estar aqui com vocês.

Os alunos se entreolhavam, sem demonstrar interesse no que ela dizia.

– Antes de começarmos a estudar História, quero fazer uma pergunta.

Continuavam desatentos, enviando bilhetinhos, cochichando e conversando.

– Vamos supor que estamos aqui na sala de aula hoje e um grande furacão atingisse o colégio e destruísse todos os prédios e as pessoas.

Instantaneamente, todos os olhos se voltaram para Letícia. Ela riu por dentro – sabia que essa tática ia funcionar. Continuou:

– Como seríamos lembrados? O que diriam de nós? Que registros as pessoas encontrariam para expressar o nosso modo de vida, nossas atitudes, aquilo que fizemos e somos?

Na primeira fileira, alguém levantou a mão. Era um aluno magro, com óculos e espinhas no rosto. Letícia fez sinal para que falasse.

– As pessoas que viessem prestar socorro encontrariam nossos CDs, computadores, livros, agendas, cadernos, diários.

– Revistas pornográficas – disse um garoto bonitão no lado esquerdo da classe. Os seus colegas riram.

– Sim. Felizmente ou infelizmente, tudo isso diria quem somos. Mas por que seria importante que esses registros fossem coletados e guardados? – instigou a professora.

– Isso é fácil! – disse Juliana. – Ninguém quer ser esquecido.

Letícia saiu de trás da mesa e começou a andar entre as carteiras onde os alunos estavam sentados.

– Pois é. Quando falamos de História, muita gente torce o nariz. Acha que é uma coisa chata que aconteceu há muitos anos e não vai mudar em nada o que somos hoje.– Fez uma pausa, pegou o caderno de um aluno na mão e continuou: – Vocês acabaram de me dizer que isso não é

verdade. A História permite que as pessoas do passado se perpetuem. Ela é a nossa memória.

Agora os alunos pareciam intrigados.

– Pensem na vida de vocês. Nos momentos mais felizes e tristes. No impacto que esses momentos tiveram em quem vocês são hoje. Pois é isso aí. A História permite saber por que vivemos num mundo como o nosso. Ela nos ajuda a valorizar o que temos hoje e que foi alcançado com o sangue e lágrimas de nossos antepassados. Ajuda-nos a querer trazer de volta aquilo que já foi bom e foi destruído com o passar do tempo. A História permeia o passado, presente e futuro. Hoje, terceiro ano, vocês estão fazendo História.

Juliana olhou para Mari, com os olhos arregalados:

– Prepare-se, a baixinha tem paixão na voz. Realmente vai querer que a gente aprenda História.

Seu Laércio acordou cedo para comprar verduras e legumes fresquinhos para seu restaurante vegetariano. Ele havia comprado uma casinha no centro de Uberlândia e, fazia três anos, havia aberto o restaurante Vegevida. Laércio tinha lutado muito na vida, e aquele restaurante era sua maior vitória. Ele estacionou o carro na frente do restaurante, abriu o vidro e gritou:

– Ó, Luzia, Nelson, me dão uma força aqui para descarregar o carro!

A cozinheira e o garçom vieram ajudar o patrão a retirar as caixas de papel-pardo carregadas de verduras e legumes coloridos.

– Por que vocês ainda estão aqui fora? A Júlia não chegou?

Seu Laércio estava preocupado, porque sua esposa geralmente chegava antes dele para abrir o restaurante para os funcionários. Ele sabia que a briga que tiveram na noite anterior a tinha abalado muito. De manhã, ela se trancara no banheiro e ficara no banho até que ele fosse embora. Laércio ainda tentou bater na porta do banheiro para conversar um pouco, mas foi em vão. Júlia estava sofrendo uma crise existencial e o relacionamento deles estava muito frágil.

– Seu Laércio, não vai abrir a porta, não?

– Desculpe, Nelson, amanheci no mundo da lua. Dá pra você pegar a chave aqui no meu bolso, por favor?

O garçom colocou os pacotes das compras no chão e pegou o molho de chaves no lugar indicado. Procurou a chave certa e abriu a porta de aço que cobria a porta de vidro do restaurante. Usou toda a força para enrolar a porta como um pergaminho e, finalmente, abriu a porta de vidro.

– Eta, que troço pesado, sô.

Seu Laércio deu uma risada amarela. Acendeu a luz do restaurante e se dirigiu para a

cozinha. As palavras amargas da noite anterior não saíam da sua cabeça.

– Mas, Julinha, não estou entendendo por que você está tão brava comigo.

– Sabe qual é o problema, Laércio? Já estou casada com você há 24 anos e parece que não realizei nada na minha vida.

– Como não? A gente construiu tudo junto. Esta casa, nosso restaurante, nossos carros, sem falar nas crianças. Como você pode dizer isso?

Júlia sentou-se na cama com a cabeça entre as mãos, e as lágrimas começaram a rolar. Voltando-se para o marido com um olhar fulminante, descarregou:

– Hoje, encontrei-me com o Fernando no mercado. Laércio, eu estudei com o Fernando da primeira série até o fim do segundo grau. Eu me lembro de quando ele entrou na faculdade de Biologia com o sonho de um dia ser um pesquisador. Eu também tinha sonhos. Queria ser advogada. Na verdade, eu queria ser uma grande juíza.

Laércio sentou-se ao lado da esposa na cama e colocou os braços em volta dela.

– Coração, você é advogada. Você fez faculdade de Direito. Foi com sacrifício, mas você conseguiu.

Júlia olhou irritada nos olhos do marido e levantou-se da cama:

– Como você pode dizer isso? Mal acabei a faculdade, as crianças já tinham nascido e você precisou de mim pra ajudar a cuidar da loja de sapatos, depois da livraria, do hotel... E sempre... suas ideias brilhantes sempre fracassavam. Agora, o Fernando é pós-doutor e o coordenador do departamento de Biologia da universidade. E eu? Eu sou uma garçonete de restaurante.

Laércio abaixou a cabeça e ficou quieto. Não adiantava discutir sobre isso com Júlia. Obviamente, ele nunca a havia forçado a ajudá-lo nos negócios. Uma vez, ele até abriu um escritório de advocacia para ela, mas não deu certo.

– Seu Laércio, o cardápio de hoje é esse colado na geladeira? – a pergunta de Nelson o fez voltar de seus pensamentos perturbadores.

Ele fez que sim com a cabeça e foi para o escritório. Precisava orar, porque sabia que só assim encontraria paz e sabedoria para lidar com a situação.

CAPÍTULO

II

As malas e caixas estavam espalhadas pelo quarto. Letícia sentou no chão gelado por um momento, para tentar se organizar mentalmente: *Onde vou guardar minhas coisas? Sem guarda-roupa, vai ficar tudo bagunçado. Odeio bagunça!* Olhando ao redor, viu que o quarto era espaçoso, assim como o resto da casa que iria dividir com Camila, uma professora de Artes, solteira, que beirava os 30 e trabalhava no colégio havia mais de cinco anos.

Todos os professores do Colégio Adventista Catarinense (CAC) moravam em casas que foram construídas na periferia da instituição, na vila dos funcionários. A planta de todas as casas era igual. O que mudava era a mobília, cuja responsabilidade era dos moradores. O CAC era um colégio interno localizado em Itapoá, e tanto os professores como os alunos internos moravam nos perímetros da instituição.

O *campus* do colégio foi construído como um grande quadrado. No centro, estavam o prédio da administração e a igreja. Os outros prédios foram construídos como se estivessem seguindo a linha imaginária desse quadrado. O dormitório masculino era transversal ao feminino. Depois do dormitório masculino, via-se o ginásio, a mercearia e a biblioteca. A vila dos funcionários ficava perto do dormitório feminino, que precedia a biblioteca. Dessa maneira, o quadrado se fechava.

O colégio também era recheado de árvores de todas as variedades. Embaixo das sombras, existiam bancos de madeira rústica utilizados principalmente pelos alunos para conversar, estudar, tocar violão e descansar depois das refeições. O Colégio Adventista Catarinense era amplo e todo aquele verde fazia com que fosse um local muito agradável.

Letícia sabia que sua estada no colégio não seria longa. Em breve, estaria casada com Rogério e desfrutando de seu novo lar. Por isso, decidiu que não iria comprar móveis agora. Teria que dar um jeito. Quando tomou essa decisão, parecia ser a melhor opção. Agora, ao olhar ao redor, começou a repensar se havia feito a melhor escolha. Sabia que, se não arrumasse o local, jamais conseguiria viver ali. Era sua personalidade perfeccionista falando mais alto.

Tentava achar uma solução para o problema, quando Camila bateu à porta e entrou no quarto antes mesmo que recebesse autorização:

– E aí, está precisando de ajuda? – Sua expressão esbanjava simpatia. Os dentes brancos perolados contrastavam com sua pele negra. Letícia sorriu. Não dava para negar. Camila era uma mulher muito bonita: alta, esbelta, cabelos encaracolados na altura dos ombros, olhos pretos muito vivos.

– Acho que nunca vou conseguir organizar minhas coisas! Ainda mais sem guarda-roupa. Acho que vou ter que comprar... Mas não podia gastar essa grana agora – reclamou, enquanto enrolava o dedo indicador em uma madeixa dos cabelos finos que caíam delicadamente sobre o ombro estreito. Sempre fazia isso quando estava nervosa.

– Calma, vamos tentar outra solução. Vou à mercearia mais tarde e posso perguntar se eles têm algumas caixas de madeira. De repente, pode ser uma medida temporária. Nós empilhamos as caixas, que viram prateleiras. Tenho espaço no meu guarda-roupa e você pode pendurar algumas roupas lá.

A proposta de Camila pareceu satisfatória naquele momento. Letícia estava enfurnada naquele quarto havia algumas horas, e decidiu fazer um intervalo.

– Você já almoçou, Camila?

– Ainda não. Estava pensando em cozinhar macarrão.

– Então, deixa comigo. Hoje eu vou cozinhar pra você... Isso é terapia relaxante pra mim. Exatamente o que preciso!

– Nossa, quer dizer que agora moro com uma *chef*. Ótimo! Vamos lá, eu lhe faço companhia.

As duas se dirigiram para a cozinha. Letícia abriu os armários embutidos antigos e encardidos. Começou a pensar: sua próxima missão era passar uma tarde dando um trato naquele lugar. Olhou ao redor e viu que não tinha muitas opções.

– Bom, ainda não fiz compras de mercado. Vou ter que improvisar com o que você tem aqui.

Fechou as portas dos armários e se dirigiu para a geladeira pequena e branca. Abriu a porta e, enquanto analisava seu conteúdo em busca de ingredientes para compor seu espaguete, perguntou:

– Camila, quando você decidiu que queria estudar Artes?

Ela sorriu e puxou um banquinho. Sentou-se com os braços apoiados na mesa redonda que ficava no centro da cozinha quadrada.

– A primeira lembrança que tenho da infância é da minha avó me dando uma caixa de giz de cera no meu aniversário de 4 anos. Eu não me lembro de nada antes disso. Minha avó conta que estávamos passando por um momento muito difícil. Minha mãe morreu quando eu ainda era bebê e meu pai se casou com uma mulher que não me aceitou. Vovó, uma mulher muito humilde, conseguiu minha guarda e me criou.

Letícia parou de procurar os ingredientes. Sentiu que, com uma história dessas, a colega merecia sua atenção integral. Puxou um banquinho e sentou em frente a Camila, que continuou:

– A caixa de giz de cera foi um presente com grande significado. Permitiu que, pelo

desenho, eu pudesse expressar meus sentimentos de solidão, abandono e amor profundo pela minha avó. Ela era uma mulher muito sábia, que investiu tudo o que tinha na minha educação. Consegui estudar com muito esforço e, quando chegou a hora de escolher uma profissão, decidi que queria fazer aquilo que me dava alegria. Estudei Educação Artística.

A expressão de Letícia demonstrava profunda simpatia pela colega.

– Nossa, Camila! Que história... Sinto muito pela sua mãe.

Camila esboçou um sorriso. Contar aquela história nunca foi agradável. O desconforto era evidente.

– Tudo bem! Sempre sonhei em conhecer a mulher que me carregou no ventre por 9 meses. Não posso reclamar. Minha avozinha é minha mãe verdadeira. Mãe de sangue e de coração.

Letícia levantou-se, encheu a panela com água, acendeu a boca do fogão e sentou-se novamente.

– Sua história me fez pensar como a vida é engraçada. Eu também escolhi minha profissão baseada em momentos que marcaram minha história...

– Sério? Então me conta. Como foi essa descoberta?

Letícia abriu o pacote de macarrão. Enquanto quebrava alguns espaguete em pedaços pequenos, contou:

– Eu sempre gostei de história. Aliás, minhas amigas me chamam de “Forest Gump – a contadora de histórias”.

Camila sorriu estampando seus dentes perfeitos.

– Quando eu era pequena, todas as noites, meu pai me colocava pra dormir. Esse era o momento mais aguardado do dia pra mim. Sabia que ele iria contar minha história favorita: a história da redenção. Meu pai usava uma lanterna para interpretar aquilo que estava contando. Sua voz também mudava de acordo com os personagens que interpretava. Até consigo ouvir a sua voz começando a história com as seguintes palavras: “Deus sempre existiu. Ele não tem começo nem fim. Ele criou o Universo. Todas as galáxias, planetas, estrelas e seres saíram de Suas mãos.” Enquanto falava isso, girava a lanterna no quarto escuro. Em minha mente de menina, não conseguia entender como Deus não tinha nascido, como o Universo podia ser infinito, como as galáxias não se colidiam. Ficava fascinada. Meu quarto se transformava em uma nave espacial. – Letícia respirou fundo e continuou:

– Papai continuava contando que o Universo era perfeito e equilibrado. Não existia mal ou tristeza. Até que um dia, o anjo mais bonito criado por Deus decidiu tomar o lugar do Todo-poderoso (Isaías 14:12-14). Ele era tão especial que convenceu um terço dos anjos do Céu a seguirem-no. Deus amava muito esse anjo, chamado Lúcifer, mas não podia permitir que seu orgulho e pecado se espalhassem por todo o Universo. Nesse instante, a luz da lanterna se apagava. Podia sentir a tristeza de Deus em ter que expulsar Lúcifer do Céu. Deus é amor, e não

podia destruir o anjo mau e o pecado, sem antes mostrar para o Universo as consequências do mal. Por isso, permitiu que Lúcifer viesse para um planeta pequenino, recém-criado pela Sua palavra em sete dias, chamado Terra (Gênesis 1, 2). Nessa parte da história a lanterna iluminava a mão fechada de papai. Esse era o nosso planeta.

– Aqui, Lúcifer encontrou dois seres perfeitos, criados por Deus: Adão e Eva. Eles moravam num jardim maravilhoso. Deus disse que podiam comer de todos os frutos do jardim, menos do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Meu pai sempre imitava a voz de Deus nessa hora: “Essa é a prova de que vocês Me amam e Me obedecem.” Pra resumir a história, pois você já deve conhecê-la, eles desobedeceram a Deus, comeram o fruto, saíram do jardim e conheceram o que é o pecado e a dor (Gênesis 3).

– Lembro-me de que ficava muito triste quando ouvia essa parte da história. Desejava morar no lindo jardim do Éden que meu pai descrevia. Enfim, agora, nosso mundo estava contaminado pelo pecado. “Qual seria a solução?”, perguntava papai. Deus prometeu para Adão e Eva que enviaria um Salvador. O próprio Filho de Deus viria à Terra dar a vida para Se tornar o Redentor do mundo. A promessa de Deus é de que um dia, não só Adão e Eva, mas todos os seus descendentes que acreditassem nesse Salvador, teriam a chance de morar no jardim do Éden eternamente.

– Quatro mil anos depois, o Salvador nasceu em uma manjedoura em Belém (Lucas 1, 2). Seus pais O chamaram de Jesus. Ele viveu para fazer o bem e morreu em uma cruz para dar esperança de salvação aos filhos de Adão e Eva (Lucas 23). Depois dessa história, eu dormia pensando em Jesus: o Deus eterno que havia escolhido morrer pelos seres humanos. Essa história sempre me maravilhou.

– Nossa! – Camila suspirou. – Já ouvi essa história milhares de vezes, mas nunca dessa maneira. Você tem um dom!

Letícia corou. Percebeu que estava falando sem parar havia vários minutos. Camila continuou.

– Na verdade, essa é a essência da Bíblia. No Antigo Testamento, os patriarcas e o povo de Israel aguardavam a chegada desse Salvador, o Messias. No Novo Testamento, encontramos a história de Jesus e do nascimento da igreja cristã. Essa história é muito conhecida. Só que hoje, do jeito que você a contou, me lembrei de como é fascinante.

O som da água borbulhando na panela ecoou pela cozinha. Letícia levantou-se do banco e jogou cuidadosamente o macarrão na panela, enquanto disse:

– Desculpe, Camila, pra variar me empolguei com a história. Viu? Por isso decidi fazer esse curso. Acho que gosto tanto dessa história porque papai me contava com muita paixão... agora faço a mesma coisa.

– Realmente, contar história pra você é tão natural como respirar. Com certeza, você escolheu a profissão certa.

– É, foi uma escolha difícil; também pensei em ser cozinheira. Daqui a 10 minutos você vai descobrir se realmente escolhi a profissão certa.

– Você teve sorte, doutorzinho. O dia, hoje, está perfeito pra você visitar o Rio de Janeiro.

Tiago estava sentado ao lado de tia Ester no Gol 97, enquanto cruzavam o Aterro do Flamengo. *Tudo é tão bonito*, pensava. De um lado, podia ver os jardins bem cuidados do aterro e do outro, o centro da cidade. Tanta gente, tantos carros. Agora, estavam em frente ao Pão de Açúcar. Parecia ser bem mais bonito do que nas outras vezes em que esteve na cidade para fazer as provas do processo seletivo. Na ocasião, estava muito nervoso para desfrutar da beleza da cidade.

– Essa aqui é a praia de Botafogo. Se não tivesse esse trânsito, a gente chegava logo, logo em Copacabana. Vai se acostumando, meu filho, o trânsito aqui é de matar.

Tiago mal ouvia o que tia Ester estava dizendo. Estava curtindo cada segundo de sua nova vida. O vento quente da manhã carioca bagunçava seu cabelo liso cor de mel, enquanto via um grande *shopping* à sua esquerda.

– Esse é o *shopping* Rio Sul. É muito bom e dá pra vir a pé de casa pra cá. Se bem que é uma boa caminhada... Agora, é só passar por aquele túnel que chegamos a Copacabana.

Tiago continuava calado. Estava curtindo cada minuto. Mal podia acreditar que iria morar no Rio. Agora na orla da praia de Copacabana, não resistiu e disse:

– Tia, isso aqui é lindo demais!

Ester riu com o canto da boca e entrou à direita numa rua bem arborizada. Parou o carro em frente à garagem de um prédio de azulejos azuis e buzinou duas vezes. O porteiro abriu o pesado portão de ferro. Ela entrou na garagem do prédio, estacionando o carro com habilidade. Quando tirou a chave do contato, disse com um sorriso nos lábios finos:

– Chegamos, meu filho, vamos lá?

Tiago desceu e descarregou as malas. O cheiro de mofo e fumaça de escapamento de carro impregnavam aquela garagem subterrânea. Ele olhou ao redor e viu que as paredes da garagem tinham manchas escuras de mofo. Começou a espirrar. Tinha alergia.

Seguiu a tia em direção ao elevador de serviço. Colocou as malas empilhadas em um canto do elevador apertado, e os dois se espremeram no espaço restante. Ela apertou o botão do quarto andar. A porta exterior de madeira se fechou e, logo em seguida, uma porta de metal engradada deslizou da esquerda para a direita. O elevador começou a subir. Quando parou, a porta de metal abriu automaticamente. Tiago empurrou a porta de madeira. Ao percorrer os olhos no corredor à sua frente, percebeu que, apesar de o prédio ser antigo, era bem conservado. Ester dividia o andar com mais cinco moradores. O piso do corredor era coberto por uma lajota cinza que estava bem

encerada. Tia Ester apontou para a esquerda e disse:

– Meu apartamento é o 405. Eu moro neste prédio há 21 anos. Conheço todos os vizinhos.

Tiago tirou as malas de dentro do elevador. Agora sentia as gotas de suor escorrerem pela testa. Tia Ester abriu a porta do apartamento, e uma brisa fresca veio ao encontro deles.

– É a brisa do mar. Este apartamento é bem ventilado. Mesmo quando a cidade está a 40 graus, aqui em casa é sempre fresquinho.

Tiago entrou por um pequeno corredor, disputando espaço com as malas. À sua direita, estava uma cozinha pequena com azulejo bege, fogão e geladeira da mesma cor e uma mesinha para duas pessoas. Mais à frente, viu a sala de estar com dois sofás antigos de couro marrom e uma estante de madeira que sustentava uma antiga televisão e livros com capas coloridas. A tia indicou um corredor à direita e abriu a porta, dizendo:

– Este aqui vai ser o seu quarto. Se quiser, pode arrumar suas coisas enquanto vou pôr o feijão pra cozinhar... Já está tarde pra começar a fazer o almoço. Você gosta de arroz, feijão e farofa?

– Hum, hum.

Tiago analisava cada centímetro do quatinho apertado que agora seria seu. Foi quando teve uma ideia brilhante.

– Tia, você se importa se eu caminhar na praia enquanto você prepara o almoço? Assim posso conhecer a região.

– É claro que não me importo. Pode ir. Vê se não se perde. Quando sair da portaria do prédio, vire à esquerda e siga reto até a rua da praia. Não demore muito pra voltar. Daqui a pouco, o almoço fica pronto.

Tiago beijou a testa da tia, abriu a mala, pegou um *short*, uma camiseta, suas sandálias havaianas e se trocou. Foi na direção da saída e, antes de bater a porta, disse:

– Estou indo, tia.

O céu estava azul. Tiago flutuava pelas calçadas em formato de mosaico preto e branco de Copacabana. A rua era comprida. Cheia de prédios antigos e árvores de troncos largos. Os diversos odores de tempero de comida vindos dos prédios de apartamentos se misturavam no ar. A Rua Souza Lima o levava à orla da praia. Pronto, agora era só cruzar a Avenida Atlântica e já estava no calçadão da Princesinha do Mar.

Em todos os lados para onde olhava, via gente interessante. Na ciclovia, um casal de jovens deslizava sobre a pista estreita em suas bicicletas. Do outro lado, um senhor bronzeado corria na areia fofa com os chinelos nas mãos. Na calçada, uma mulher, que usava óculos de sol imensos e canga amarrada na cintura, passeava com seu *poodle* branco. No quiosque mais à frente, quatro

garotas de biquíni estavam tomando água de coco e conversando animadamente. *Uau*, ele pensou, suspirando. *Elas são lindas!*

Tiago resolveu tirar o chinelo e se dirigir ao mar. A areia morna, que dançava entre os dedos, fazia cócegas nos pés. Cruzou muitos guarda-sóis coloridos até sentir que a areia estava ficando dura e fria. Bem à sua frente estava o mar. Azul infinito. Fechou os olhos. Respirou fundo. Sentiu que podia voar. A brisa fresquinha vinda do Sul fazia a areia dar pequenas alfinetadas na perna. Perdido em seu mundo, não percebeu que o mar tinha vindo ao seu encontro. A água gelada molhou seus pés até o tornozelo, juntando-se logo em seguida ao resto do mar. Abriu um sorriso e pensou: *Não troco essa vida por nada! Finalmente agora posso fazer tudo que sempre sonhei.*

A hora de pico do Vegevida havia passado. Agora, só uns últimos fregueses enchiam o prato no balcão *self-service*. Laércio estava no escritório, fazendo o balanço financeiro da semana. Depois de conferir os gastos e os lucros, suspirou aliviado. O restaurante dava muito trabalho, e o lucro diário era pequeno mas satisfatório.

Saiu do escritório e viu que os últimos clientes haviam ido embora. Nelson trancou as portas de entrada e começou a retirar as toalhas sujas das mesas.

– Nossa! O dia foi bem movimentado. Não parei de colocar comida no balcão nem um minuto.

Laércio começou a tirar alguns pratos sujos das mesas e levar para a cozinha. Sabia que Nelson tinha razão em reclamar. Geralmente, Júlia estava ali para ajudar. Como não havia aparecido, o serviço teve que ser dividido por três. Ao acabar de ajudar a limpar as mesas, Laércio voltou ao escritório para colocar o dinheiro recebido dos últimos fregueses junto ao dinheiro que já havia contado. Quando entrou no escritório, percebeu que, com a correria do dia, tinha esquecido de ler o jornal, coisa que fazia religiosamente todos os dias.

A notícia da primeira página era sobre o jogo do Atlético Mineiro e Flamengo. O Flamengo ganhara de 2 a 1. Como não se interessava por futebol, folheou as páginas do jornal até que uma nota chamou sua atenção. O título era: *Presidente norte-americano visita papa e assinam tratado contra crise financeira.*

Apesar de ter muita coisa para fazer no restaurante, Laércio não pôde resistir à curiosidade. Sentou-se atrás de sua mesa para ler a pequena matéria.

O presidente norte-americano John Harris finalizou sua visita de dois dias ao Vaticano, assinando um tratado com o papa Romano I. O país, que há algum tempo enfrenta séria crise financeira, fez um acordo com a maior potência religiosa mundial. Os detalhes do tratado ainda não foram divulgados, mas sabe-se que o Vaticano se comprometeu a injetar uma elevada quantia de dinheiro no país para o desenvolvimento de projetos sociais e educacionais. Esse

tratado é resultado de esforços antigos por parte da Igreja e das principais economias mundiais em unir forças para desenvolver projetos que possam auxiliar especialmente os países mais impactados pela crise financeira.

O papa Romeno I afirmou que as negociações entre a Igreja e a União Europeia estão “bem avançadas”. O tratado deve ser assinado nos próximos meses. Disse também que alguns países da América Latina, incluindo o Brasil, mostraram interesse em aderir ao programa proposto pela Igreja.

Uma equipe do Vaticano tem uma reunião marcada com assessores do presidente Harris na próxima semana em Washington, para discutir os projetos que serão implantados ainda neste ano.

Laércio tirou o lenço do bolso e enxugou as gotas de suor que brotavam de sua testa. Aquilo era preocupante. Levantou-se subitamente carregando o jornal e, antes de sair do restaurante, disse:

– Nelson, vou dar uma saidinha e volto em mais ou menos 40 minutos. Ajude a Luzia a terminar de limpar a cozinha, tá?

CAPÍTULO

III

Os meninos jogavam bolinha de gude em frente à casa de sapé. A casa havia sido construída por Donato pouco antes de trazer toda a família do Ceará. As paredes eram formadas por uma mistura de pedaços compridos de madeira e barro seco. O telhado era feito de folhas de palmeira. Na cozinha improvisada, Ana cantarolava uma canção sertaneja, enquanto descascava mandioca. A água fervia dentro da panela de alumínio que estava sobre o fogão a lenha. Clara, a filha mais velha do casal, varria o chão de terra batida com uma vassoura de piaçaba.

– Ana, pede pros meninos virem me ajudar – pediu Donato, que tinha acabado de amarrar seu barco a vela num toco perto da margem do rio São Francisco.

Ana colocou a cabeça para fora da porta e gritou:

– Meninos, seu pai precisa de ajuda!

Pedrinho e Zezé largaram as bolinhas de gude. Desceram correndo o barranco que os levava ao rio, seguidos por Totoca. Donato estava colocando os peixes semimortos numa bacia de metal. Totoca começou a cheirar os peixes e foi enxotado por Donato. Os meninos ajudavam o pai, fazendo caretas.

– Oh pai, dá um dozinho dos bichinhos.

– Fazer o que, meu filho? Precisamos comer.

Depois de colocar todos os peixes na bacia, Donato subiu o barranco. Os meninos e Totoca correram na frente. Quando entrou em casa, Donato disse:

– Tá aqui, Ana. Escolhi um peixe bem carnudo pro almoço.

Ele entregou o peixe imóvel à esposa, que começou a descamar o bicho.

– Sabe, Donato? Achei bonito aquilo que a dona Carminha ensinou pra nós hoje de manhã. No começo, não queria aceitar seu convite pra fazer estudo bíblico, porque já temos nossa religião. Mas ela é sempre tão bondosa e está nos ajudando tanto, desde que chegamos do Ceará.

– Fora isso, ela prometeu ajudar a colocar nossas crianças na escolinha da cidade. Parece que conhece o pessoal de lá. Não dava pra negar.

Ana tirou a espinha do peixe e começou a fritar fatias largas de cebola. As lágrimas escorriam pelo seu rosto úmido de suor. Donato tirou o chapéu de palha enquanto entrava no quarto.

– Além do mais, estudar a Bíblia não deve ser errado, porque a gente também tem Bíblia na nossa igreja. Depois do que a gente aprendeu hoje, fiquei com mais vontade de aprender tudo direitinho. Ana, cadê o papel que ela deu com os versos bíblicos do estudo?

Donato procurava no quarto a Bíblia de capa gasta. Ana enxugou a mão molhada em um pano de prato. Entrou no quarto e entregou o livro que estava o tempo todo em cima de uma cômoda velha de madeira.

– O papel tá aí dentro. Se fosse um bicho, tinha te mordido... Lê pra mim aquele verso bonito que fala da importância da Bíblia.

– Tá aqui em 2 Timóteo 3:16.

Donato limpou a garganta e leu bem devagar, pois tinha frequentado a escola somente até a 3ª série e tinha dificuldade na leitura e escrita:

– “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça.”

Quando acabou de ler o texto, fechou a Bíblia e sentou em um toco perto da entrada da casa simples.

– Muito bonita essa parte da Bíblia. Fiquei pensando nisso a manhã toda enquanto pescava. Por isso, queria ler de novo.

Ana jogou as postas de peixe na frigideira. Ao fazer isso, pequenas gotículas de óleo tocaram em sua pele. O som e o cheiro do peixe sendo frito chegaram lá fora. Pedrinho entrou correndo na casa e perguntou:

– Já tá pronto, mãe?

– Tá não, espera lá fora, que já te chamo.

Virou o peixe e disse:

– É, Donato, tava pensando aqui... Essa parte da Bíblia nos mostra que esse livro vem de Deus, né?

– Isso mesmo – ele respondeu pensativo. – Mas tem mais. Aqui podemos ver que esse livro pode nos ensinar muita coisa.

– Ensinar o que, Donato? – Agora, Ana colocava algumas postas de peixe frito dentro de um prato fundo.

Donato tirou o chapéu de palha e coçou a cabeça.

– Sei lá, Ana. Que pergunta difícil... Acho que temos muito que aprender com a Bíblia. A dona Carminha disse que tem um bocado de histórias bacanas que podemos contar pros meninos.

Ele colocou o chapéu de volta na cabeça e começou a virar as páginas do livro. Passou a mão carinhosamente em uma das folhas delicadas e completou:

– O que eu queria mesmo era aprender mais sobre Jesus. Saber direitinho porque Ele é tão importante para tantas religiões.

– Pois é. Carminha disse que Jesus é importante porque é nosso Salvador. Não entendi isso direito. Sempre pensei que era a nossa religião que salvava a gente – disse, colocando as mãos na cintura. – Acho que a gente precisa mesmo ler esse livro pra descobrir o que é esse negócio de salvação.

A noite estava muito quente. O clima úmido dava a sensação de que o calor era maior do que os termômetros marcavam. Letícia, que tentava trabalhar no computador em seu quarto, estava incomodada com o calor incomum para aquela época do ano. Abriu a janela do quarto e notou que a brisa tão desejada não existia. As árvores estavam paradas. Decidiu que precisava de um pouco de água.

Saiu do quarto e viu que Camila assistia a um filme na sala. A televisão de 14 polegadas tinha sido colocada sob um banquinho do jogo de mesa da cozinha. Entrou na cozinha, pegou um copo no armário e abriu a porta da geladeira. Deliciou-se com o sopro gelado que saía da porta entreaberta. Começou a despejar água gelada no copo, quando ouviu o toque do celular.

Colocou a jarra e o copo com água na mesa e correu para o quarto. Pegou o celular que estava em cima da cama e atendeu ofegante.

– Alô!

– Oi, Tinha! Sou eu! – a voz mostrava ansiedade.

– Oi, coração! Estou com o computador ligado para conversarmos no Skype em 10 minutos, conforme combinamos.

– Não vai dar pra conversar. Aconteceu uma desgraça e tenho que trabalhar.

– O que foi?

– Um terremoto terrível, sem precedentes, abalou a Ásia. Grandes cidades como Tóquio, Seul, Pequim e Hong Kong estão destruídas.

– Meu Deus! – Letícia sentou na cama. Sentia fraqueza nas pernas.

– Quantas pessoas morreram?

– Meu amor, ainda não sabemos. Todo o pessoal aqui da agência foi convocado pra

trabalhar. Ligue a TV, que vai encontrar notícias sobre o assunto.

– Vai lá... conversamos mais tarde, então.

Letícia desligou o celular, elevou os olhos ao céu e clamou: “Meu Deus, tem misericórdia dessas pessoas.” Foi para a sala, onde Camila assistia ao filme. Quando estava se aproximando da colega, a vinheta de jornalismo da emissora começou a tocar.

– Vão anunciar o terremoto.

– Do que você está falando, Letícia?

Uma repórter que usava roupa preta falou na TV:

– Um terremoto devastou a Ásia há alguns minutos. A destruição foi tão grande que as agências de notícias têm dificuldades em transmitir imagens e informações precisas dos locais atingidos. Ainda não se sabe quantas pessoas morreram. Estima-se que mais de 50 milhões de pessoas podem ter sido afetadas. O tremor, de 9,5 graus na escala Richter, o mais forte registrado na história, provocou grande destruição. O governo norte-americano e a União Europeia enviaram uma nota avisando que irão prestar auxílio às vítimas. Em breve transmitiremos novas notícias sobre a catástrofe.

Camila e Letícia estavam mudas. O filme continuou a ser transmitido na TV. As duas fitavam a tela colorida com o pensamento distante. Pensavam no sofrimento das pessoas que estavam presas embaixo dos destroços, das famílias que foram divididas... Tinham dificuldade de imaginar todas as consequências de uma catástrofe como essa.

– Vou para o meu quarto tentar dormir – Letícia avisou, levantando-se bruscamente. Parou na cozinha, pegou o copo de água e bateu a porta do quarto atrás de si. Pensou em Rogério. O ritmo de trabalho na agência de notícias era enlouquecedor. Os repórteres tinham que estar disponíveis 24 horas por dia e, quando uma catástrofe como essa acontecia, era ainda pior. Lembrou-se do noivo na faculdade. Seu sonho era trabalhar em um lugar assim e ser o primeiro a divulgar as notícias.

O pai de Rogério, Albino Pereira, era deputado federal e representava o estado do Mato Grosso. Ele sempre esteve envolvido com política. Tinha sido vereador e prefeito de Cuiabá, e agora cumpria o segundo mandato como deputado federal. Apoiou a decisão de Rogério de ser jornalista e garantiu que, com seus contatos, o filho teria ótimas oportunidades de trabalho.

– Letícia, minha filha, se quiser, nem precisa ficar dando suas aulinhas; eles pagam tão pouco. Quando casar com meu filho, terá do bom e do melhor. Ele vai ser um repórter famoso.

Esse tipo de comentário a incomodava. Letícia era uma mulher transparente e não conseguia disfarçar sua insatisfação quando o sogro falava dessa maneira. Primava pela honestidade e zelava por fazer o que era correto. Gostava de trabalhar e jamais queria que Rogério achasse que namorava com ele por interesse.

– Não ligue para o meu pai, Tinha – dizia, ao notar que ela enrolava o dedo na ponta do

cabelo. – Fique tranquila, você sabe que comigo você é livre pra fazer o que quiser. Só quero fazer você feliz.

O celular tocou novamente. Era Rogério.

– Tinha, querem que eu vá para a China cobrir o terremoto.

– China? – sua voz exprimia medo. – Não é perigoso?

– Eles não iam me enviar pra lá se fosse perigoso. A questão é que não sei quando vou voltar. Está tudo muito indefinido agora.

– Coração, me promete que vai ter cuidado. Você vai ver muita desgraça, não tente salvar o mundo.

– Olha quem fala!

– Por isso que não escolhi sua profissão; não saberia lidar com tudo isso.

– Ore por mim, OK?

– Vou orar, sim... Vá com Deus e me escreva pra contar como andam as coisas.

– Amo você!

– Eu também amo você.

CAPÍTULO

IV

Havia anoitecido e Laércio cruzava a Avenida Floriano Peixoto, indo na direção de sua casa. A larga avenida estava vazia. O rádio do carro estava sintonizado na estação de notícias, que descrevia os horrores vividos pelos chineses atingidos pelo terremoto. Ele dirigia rapidamente, pensando na gravidade dos eventos que estavam assolando o mundo.

A cada dia parecia que os limites da maldade humana eram ultrapassados mais uma vez: genocídios, guerras infundáveis, morte de pessoas inocentes, pais se voltando contra filhos, filhos destruindo a vida dos pais, corrupção, exploração, mentira, avareza, traição... Notícias de calamidades naturais como enchentes, furacões, terremotos, maremotos eram tão frequentes que as pessoas pareciam nem se importar com tanta destruição. Pareciam estar conformadas com tudo isso.

Passando a mão na testa enrugada de preocupação, Laércio completou seu pensamento: “As pessoas não percebem que esses são alertas da natureza mostrando que o nosso mundo está entrando em colapso. O ser humano maltratou a natureza arduamente por tanto tempo que agora as consequências podem ser vistas quase diariamente.”

O alarde feito por um repórter no rádio fez com que Laércio desejasse, do fundo do coração, viver em um lugar melhor. Um lugar onde não precisaria conviver com o mal e experimentar o sofrimento diariamente. Lembrou-se da promessa de Jesus: “E, quando Eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para Mim mesmo, para que, onde Eu estou, estejais vós também” (João 14:3).

Naquele momento, Laércio faria qualquer coisa para saber quando essa promessa se cumpriria. Sabia que seria em breve, mas não se arriscava em marcar o dia e a hora (veja Mateus 24:36-44). Confiava no Deus que dirigia sua vida e a história de cada planeta do Universo.

Ao chegar à rua arborizada onde morava, viu que o carro de Júlia já estava na garagem. Apertou o controle remoto, e o portão marrom se abriu. Estacionou seu Honda Civic prata ao lado do Corsa vermelho da esposa.

Ao entrar em casa, seguiu o barulho da televisão e encontrou Júlia assistindo à novela das oito. Deixou sua pasta e o jornal em cima da poltrona bege e foi em direção à esposa, que estava encolhida num canto do sofá:

– Oi, Julinha, como foi seu dia?

Laércio tentou fingir que nada havia acontecido. Júlia abaixou o volume da televisão. Voltou os olhos para o marido e disse:

– Foi maravilhoso. Um dia de decisões.

– Nossa! Quanto suspense! E aí, vai dizer o que decidiu?

Júlia se endireitou no sofá:

– Olha, em primeiro lugar quero pedir desculpa pelo que aconteceu ontem. Sei que você lutou muito na vida pra me dar o conforto que tenho hoje.

Laércio respirou fundo. Aquelas palavras fizeram com que se sentisse à vontade para sentar ao lado da esposa no sofá. Seus grandes olhos azuis brilhavam enquanto continuava:

– Mas, pra mim, isso não é suficiente. Tenho percebido que me tornei uma pessoa amarga, porque sempre vivi para realizar os seus sonhos. Então, hoje cedo eu fui à universidade perguntar onde posso fazer curso para me preparar para ser promotora.

– Você vai voltar a estudar?

– Vou. Se quiser, pode colocar outra pessoa no meu lugar no restaurante.

– Olha, por essa eu não esperava... Mas, se é isso que você quer, tudo bem.

Júlia sorriu aliviada ao ver que o marido tinha apoiado sua decisão. Laércio colocou o braço em volta da esposa e começou a contar:

– Hoje, eu saí mais cedo do trabalho e fui à casa do pastor da igreja. Eu precisava conversar sobre uma coisa muito interessante que li no jornal há alguns dias e sobre o terremoto da China. Espere aí, deixe eu lhe mostrar o artigo.

Laércio levantou do sofá e pegou o jornal, que estava na poltrona ao lado. Voltou para perto da esposa e apontou.

– Está aqui, olhe.

Júlia pegou o jornal da mão do marido e correu os olhos sobre o artigo. Deu uma risada irônica e disse:

– Você não tem jeito, né, seu Laércio? Não acredito que você foi incomodar o pastor por causa disso.

– Você não percebe que isso aqui é coisa séria? Pode ser o cumprimento de uma profecia bíblica. Na verdade, a Bíblia diz que isso aconteceria antes da volta de Jesus. O pastor achou tão interessante que pediu para eu pregar sobre esse tema no culto de quarta-feira.

– Esse pastor também abusa da boa vontade alheia. Já arranjou um motivo para colocar outra pessoa para pregar no lugar dele.

– Ih, Júlia! É muito feio falar isso de um servo ungido de Deus. Além do mais, eu acho que a igreja precisa mesmo ficar de olhos abertos para as coisas que estão acontecendo no mundo.

Ela balançou a cabeça e disse, sorrindo:

– Como se alguma alma viva fosse à igreja na quarta-feira à noite. Eu mesma só vou à igreja uma vez por semana e olhe lá. Os cultos de domingo à noite e quarta-feira são horríveis. Só você mesmo pra aguentar.

Laércio pegou o jornal da mão da esposa. Dobrou-o com cuidado e disse solenemente:

– Pois você deveria ir, Júlia. O fato de você só ir à igreja quando tem alguma programação especial mostra que existe alguma coisa errada em sua vida espiritual. Você deveria ir à igreja por causa do seu amor por Jesus, e não pela programação.

– Ih, já vai começar o sermão! Pare de ser fanático, Laércio!

Júlia pegou o controle remoto e começou a aumentar o volume da televisão. Laércio balançou a cabeça. Estava inconformado.

– É, não adianta discutir com você... Termine de ver a sua novela. Vou tomar um banho e acessar a internet pra ver se acho outras coisas sobre o assunto.

Para amenizar o clima, ele passou a mão carinhosamente no cabelo dourado da esposa e dirigiu-se para o quarto.

A sala de aula em forma de anfiteatro estava lotada. Todos estavam inquietos e tentavam achar um lugar para se acomodar. Tiago sentou-se na segunda fileira. Olhou ao redor. Notou que naquela sala grande havia aproximadamente 60 alunos. As paredes estavam repletas de cartazes que mostravam órgãos e partes do corpo humano. Tudo era interessante para ele.

Alguns minutos depois, um professor careca, que usava calça *jeans* e camiseta vermelha, entrou na sala carregando uma pilha de livros grossos. Quando o alvoroço inicial acabou, o professor disse:

– Bom-dia, primeiro ano. Bem-vindos ao mundo da medicina. Meu nome é Rubão e eu dou aula nesta faculdade há 15 anos. Nesse período, eu vou ser o professor de Anatomia Descritiva I. Minha função como professor é ensinar. A função de vocês como alunos é estudar e comparecer às aulas e aos laboratórios todos os sábados pela manhã.

Tiago gelou. Logo na primeira aula, estava tendo problemas com o que acreditava. Durante toda a vida, esteve rodeado de pessoas que acreditavam nas mesmas coisas que ele. Agora que estava no mundo real, sentia que era bem mais difícil seguir aquilo que tinha aprendido ser o certo. Voltando de seus pensamentos, percebeu que todos na sala de aula conversavam. Olhou para uma garota que estava sentada ao seu lado e perguntou:

– O que está acontecendo?

– Estamos escolhendo as duplas para os laboratórios de sábado. Você já tem uma dupla?

– Não, ainda não.

– E aí, quer ser minha dupla?

– É, pode ser – disse, hesitante.

Tiago virou para a frente. Rubão começava sua explicação sobre a estrutura celular. O frio que sentia na barriga aumentava gradualmente. Sabia o que tinha que fazer, mas lhe faltava coragem.

Quando a aula de três horas terminou, todos estavam cansados. Rubão empilhou os livros e saiu rapidamente da sala. Tiago respirou fundo. Levantou-se e seguiu o professor. Chamou-o no corredor. Rubão virou-se. Olhou para Tiago de cima a baixo e disse friamente:

– Posso ajudar você?

– Professor, meu nome é Tiago e o senhor acabou de sair da minha sala. Eu queria conversar sobre os laboratórios de sábado.

Rubão apoiou os livros pesados na perna esquerda e replicou:

– Você acabou de chegar aqui e quero avisar que é bom você entrar no esquema, porque tem filas de gente querendo estar no seu lugar. Mas diga, qual é o problema?

Tiago engoliu seco e respondeu:

– Esqueça, professor. Não é nada, não.

CAPÍTULO

V

As crianças estavam muito inquietas naquela tarde. Estava quase na hora do jantar e o sol ardente do sertão nordestino entrava pela janela da sala de brinquedos. Mosquitinhos minúsculos voavam desorientados, pousando no cabelo oleoso de uma e outra criança. Quando isso acontecia, a atenção de todas elas se voltava para o “sujinho com mosquitinhos na cabeça”. Aí o alvoroço era grande. Dona Carminha, que os acompanhava no momento das brincadeiras, chamava a atenção das crianças mais maldosas.

– Eu não estou gostando dessa atitude. Vamos brincar de roda? Daqui a pouco, vocês vão tomar banho pra jantar.

A sugestão da velhinha fez com que as 25 crianças se animassem. Dona Carminha sabia que as condições da sala de brinquedos do orfanato estavam longe do ideal. Aquelas crianças frequentavam a escola pública no período da manhã e passavam várias horas da tarde naquele local abafado e com poucos brinquedos. Na verdade, muitos dos brinquedos disponíveis tinham sido confeccionados pelas próprias crianças: bola de meia, bonecas de pano, carrinhos de garrafas vazias de refrigerante. O orfanato não tinha pátio e, sempre que conseguia autorização, dona Carminha levava as crianças para passarem o domingo em sua chácara. Ali, elas corriam, lanchavam e nadavam no rio. Era um momento de muita alegria.

Dona Carminha e seu falecido esposo construíram o orfanato havia 30 anos. Por muito tempo, o casal havia prestado atendimento em regime de abrigo a crianças em situação de risco social e pessoal: abandono, desnutrição, exclusão social ou violência. O processo de envio de crianças à instituição era realizado pelo Conselho Tutelar, pelo Ministério Público e pelo Juizado da Infância e Juventude. Ali eles cuidavam, na medida do possível, das necessidades físicas e emocionais daquelas crianças. Entretanto, isso não era tudo. Eles também cuidavam da parte espiritual. Desde cedo, as crianças aprendiam que tinham um Pai no Céu que as amava. Sabiam que podiam falar com Ele por meio da oração.

Dona Carminha ficava feliz por ver que aqueles meninos e meninas estavam aprendendo a amar a Jesus como um amigo. Para ela, educar aquelas crianças e cuidar delas era mais que tirá-las da prisão do abandono. Era tirá-las da prisão da pobreza e das crenças populares que pregavam um Deus tirano. Ela também estivera presa por essas correntes poderosas durante muitos anos, mas um dia tudo mudou. Um vendedor de livros se ofereceu para estudar a Bíblia com Carminha e seu esposo, quando ainda eram jovens. Nesses estudos, encontraram verdades maravilhosas sobre Deus e Sua vontade. Algum tempo depois, o casal se batizou na Igreja Adventista e começou a estudar a Bíblia com outros interessados.

O coração de Carminha tremia ao olhar para aquelas pobres crianças que estavam no orfanato. Sabia o valor de cada uma delas. Apesar de sua idade avançada, nem cogitava a ideia de parar de ajudar o orfanato. Aquilo era o ar que respirava. Na verdade, sentia que estava dando uma oportunidade para as crianças terem um futuro maravilhoso pela frente. Tudo que precisavam era de alguém que acreditasse nelas e lhes ensinasse o caminho a seguir.

O dia de trabalho tinha sido muito intenso no restaurante de Laércio. Depois que Júlia decidiu começar a estudar para o concurso público, o serviço de quatro pessoas tinha sido dividido por três. Laércio procurava uma pessoa de confiança para cuidar da parte financeira do restaurante, antes exercida por sua esposa. Enquanto isso não acontecia, tinha que se virar como dava.

Depois de fechar o Vegevida naquela tarde de quarta-feira, Laércio correu para casa a fim de se arrumar para ir à igreja. Ele já estava com o sermão todo preparado e ficaria muito feliz se Júlia o acompanhasse. Ao chegar em casa, percebeu que a esposa havia saído. Tomou banho, colocou terno, gravata, pegou a Bíblia e as anotações do seu sermão daquela noite. Ao certificar-se de que estava pronto, entrou no carro e foi para a igreja de seu bairro.

No caminho, Laércio cedeu à vontade que tentava controlar e ligou do seu celular para casa. O telefone tocou quatro vezes e Júlia atendeu ofegante:

– Alô.

– Oi, Julinha. Que bom que você chegou. Olha, já estou a caminho da igreja. Você vem me ouvir pregar?

Por alguns momentos, tudo que Laércio ouviu foi um suspiro profundo da esposa.

– Ah, Laércio, acabei de chegar da academia. Estou muito cansada. Corri o dia todo. Mas, se você quiser mesmo que eu vá, eu vou.

Laércio respondeu um pouco desapontado:

– Se você está cansada, não precisa vir.

– Um beijinho, meu amor. A gente se fala depois.

Júlia desligou o telefone e entrou no quarto. O perfume de seu marido impregnava o ar. Nesse momento, começou a se lembrar de quando eles se conheceram e como havia se apaixonado por aquele homem que tinha uma força de caráter incrível.

Júlia era a filha mais nova de uma família tradicional mineira. Laércio tinha vindo do Nordeste quando tinha 17 anos, para tentar a vida em Uberlândia. Ele acabou arranjando um emprego na padaria do pai de Júlia. A primeira vez que Laércio a viu, apaixonou-se. Júlia era uma moça muito bonita. Tinha cabelos loiros bem compridos, olhos azuis, pele clara e sorriso branco. Muitos rapazes ricos da cidade estavam interessados nela. Entretanto, por algum motivo,

Júlia admirava Laércio. Achava que era um rapaz muito educado e trabalhador. Eles se tornaram grandes amigos.

Os anos se passaram. Laércio conseguiu, com muito esforço, abrir uma fábrica que produzia vassouras. Muito disciplinado com o trabalho e com as finanças, conseguiu guardar dinheiro para começar a construir sua casa. A essa altura, Júlia estava no segundo ano de Direito na melhor universidade da cidade. Um dia, ele foi à casa dela e pediu permissão ao pai para falar com a moça. Laércio disse:

– Júlia, você sabe que eu amo você há muito tempo. Sei que nunca poderei amar outra pessoa como amo você. Tudo que faço é pensando em lhe oferecer um futuro bom. Eu só preciso de uma chance.

Os olhos de Júlia estavam marejados. Ela estava sentada na cama, ainda segurando a toalha molhada na mão. De repente, sentiu que deveria ir à igreja e prestigiar o sermão do marido. Eles já haviam passado por tantas coisas juntos. Não custava nada fazer isso por ele.

Tomou um banho rápido. Pôs um vestido marrom e correu para o carro. No caminho para a igreja, ligou o rádio e percebeu que estava começando “A Voz do Brasil”. Ia desligar o rádio, quando algo chamou sua atenção. O locutor dizia:

“Hoje, uma assembleia especial reuniu-se em Berna, capital da Suíça, para receber os católicos e muçulmanos, as duas maiores religiões do mundo, como novos membros da Associação Ecumênica Mundial. A entidade foi fundada em 1949 em Amsterdã e contava até hoje com 385 religiões em todo o mundo, o que significava 1,3 bilhão de fiéis. Com a adesão dos católicos e muçulmanos, a Associação ganha muita força, pois o número de fiéis praticamente triplicou. Os católicos e muçulmanos representam, respectivamente, 1,6 bilhão e 1,4 bilhão de fiéis. Estima-se que agora aproximadamente 75% da população mundial fazem parte da AEM.

“Uma assembleia extraordinária da Associação Ecumênica Mundial irá ocorrer daqui a 60 dias em Berlim. Na ocasião, os membros da Associação irão discutir as ações que serão tomadas para promover a paz e harmonia mundial. Foi declarado na assembleia de hoje que o primeiro passo será reconstruir os países da Ásia que foram destruídos pelo terremoto da semana passada. A pausa das atividades comerciais desses países por somente uma semana foi o suficiente para promover uma queda nas bolsas de valores das principais cidades do mundo e agravar a crise financeira que tem assolado especialmente os Estados Unidos. O presidente do Banco Mundial, August Turk, afirmou nesta tarde que, se a situação não for revertida, rapidamente podemos nos preparar para uma crise financeira sem precedentes na história.”

Alguns minutos antes, Júlia tinha estacionado o carro na frente da igreja, mas continuava amarrada ao banco. Queria terminar de ouvir a reportagem. Lembrou-se de que o marido já devia estar pregando, então desligou o rádio. Desceu do carro, trancou a porta e se dirigiu até a entrada principal da igreja. Pensou que, com certeza, nos próximos dias, Laércio teria todas as informações do mundo sobre o assunto. Então, pra que se preocupar com isso?

Quando Júlia apareceu na porta da igreja, Laércio, que já estava no púlpito pregando, deu um sorriso iluminado. Ela sentou-se no último banco da igreja semivazia e começou a prestar

atenção no que o marido dizia. Ele pregava sobre a volta de Jesus.

Júlia fitava o marido com um olhar de indiferença. Desde que havia se batizado na Igreja Adventista, pouco antes de seu casamento com Laércio, ela ouvia a mesma história: Jesus está voltando. Esse sempre havia sido um dos principais ensinamentos da igreja.

O tempo passou e agora, 23 anos depois, Jesus ainda não tinha voltado. De certa forma, Júlia ficava um pouco irritada de ouvir sempre as mesmas coisas. Seu coração estava começando a duvidar de que tudo aquilo realmente iria acontecer. “Se Jesus for voltar, com certeza ainda vai demorar muito”, pensou.

Havia mais de um mês que Letícia tinha recebido a ligação fatídica de seu noivo dizendo que o terremoto na Ásia havia afetado cidades importantes para a economia mundial. Em menos de 24 horas, Rogério havia embarcado para Hong Kong. Nas semanas seguintes, a comunicação entre os dois foi escassa. Nas poucas mensagens de *e-mail* que conseguiu enviar, Rogério retratava o desespero e sentimento de impotência ao se deparar com a desgraça que havia assolado aquele local.

Querida Tinha, como sinto saudades!... A sua imagem em minha mente é o que me dá forças para superar o caos que tenho vivido desde que cheguei aqui. Hong Kong é uma cidade de 18 milhões de habitantes. Só esse número ajuda a entender a proporção da tragédia. Estima-se que aproximadamente 9 milhões de pessoas estão desaparecidas. Em todo lugar para onde olho ou vou, vejo corpos, pessoas chorando, mostrando fotos de seus familiares a amigos. Não existe nenhuma infraestrutura, e as equipes de resgate estão tendo muita dificuldade em chegar aos locais mais afetados. O mar de arranha-céus altíssimos que representam o poder econômico dessa metrópole está em ruínas.

Estou exausto. Trabalho dia e noite. Estamos acomodados em um hotel localizado a duas horas da capital. Um micro-ônibus vem pegar os jornalistas de manhã e levá-los à noite. O pessoal da equipe está me chamando. Preciso ir. Continue orando por mim e pelas pessoas daqui. Amo muito você. Sonho em me aconchegar nos seus braços!

Cada *e-mail* recebido retratava dor, desespero e frustração. Letícia começou a perceber que o noivo se mostrava revoltado com o que tinha acontecido. Em seu coração, começou a rogar a Deus que o trouxesse de volta. Temia que a fé de Rogério pudesse ser abalada ao presenciar tanto sofrimento. Ajoelhou-se em frente a sua cama e abriu o coração:

Senhor, a cada mensagem que recebo de Rogério, percebo que ele está cansado e desesperado. A situação que está vivendo é muito dura. Meu Pai, ajuda-o a entender que não és o causador do sofrimento humano. Nós somos meros seres humanos e nossa tendência natural é Te culpar por toda coisa ruim que acontece. Se não Te culpamos, pelo menos questionamos por que, com todo o Teu poder, não fizeste alguma coisa para evitar que o mal caísse sobre os

inocentes... Meu Paizinho querido, eu sei que o sofrimento é obra de Satanás e seus anjos. Eles querem destruir nosso mundo e distorcer a Tua imagem. Desde que Satanás resolveu se rebelar contra Ti, ele tem trazido desgraça e dor. Sei que também choras ao ver o sofrimento de Teus filhos, mas gostaria de encontrar uma maneira de expressar para Rogério o porquê de tudo isso.

Letícia permaneceu ajoelhada por mais alguns instantes, esperando ouvir a voz de Deus. A voz que ouviu não era audível. Sentiu uma forte impressão em seu coração sobre o que deveria escrever para o noivo:

Meu amor, como sinto sua falta! A cada mensagem que recebo, compartilho de suas lutas e dor. Você está constantemente em minhas orações. Sei que Deus o enviou para Hong Kong neste momento de crise por uma razão. Não sei exatamente qual é, mesmo assim confio nAquele que nos ama mais que tudo.

Você não me disse com todas as palavras, mas imagino que deve estar questionando a bondade e o amor de Deus. Onde estava Ele em meio a essa crise? Por que permite que o pecado e o sofrimento ganhem espaço neste mundo? Definitivamente, não tenho uma resposta para todas as suas dúvidas. Só quero que se lembre de que Deus, quando criou o Universo, escolheu dar livre-arbítrio para todas as Suas criaturas. Ele queria ser amado de verdade. Amor não pode vir como uma obrigação.

Satanás, tendo livre-arbítrio, escolheu pecar e desobedecer à lei divina. Deus poderia ter destruído Satanás e seus seguidores, mas aí o Universo nunca veria as consequências do pecado. Sem saber das consequências, poderia ficar a dúvida se as leis de Deus realmente eram justas e boas.

Hoje vivemos em um mundo que sofre constantemente as consequências do pecado. Temos dificuldade para compreender o sofrimento, mas devemos confiar que em breve a guerra entre o bem e o mal terminará. O bem vencerá. Precisamos acreditar que nosso Deus de amor está dirigindo nossa vida e a história do mundo. Talvez toda essa destruição seja um mistério que não conseguimos compreender agora. Mas um dia Deus explicará as batalhas que se travaram em nosso planeta e iremos perceber que Ele conduziu tudo da melhor maneira possível.

Querido, neste momento de crise, agarre-se a essa promessa. Acredite na volta de Jesus e deposite sua confiança nas mãos de Deus. Sei que Ele irá sustentar você.

Receba muitos beijinhos de saudade, meu amor!

Tinha

CAPÍTULO

VI

As luzes coloridas e o som alucinante impregnavam o lugar. Tiago tinha acabado de chegar à danceteria Enigma, na Barra da Tijuca, onde os estudantes de Medicina se reuniam toda sexta-feira à noite. Ele havia sido convidado para participar da festa do chope dos calouros no primeiro dia de aulas. Depois disso, não tinha parado de frequentar as baladas. Ali encontrava seus colegas e conhecia muitas garotas lindas.

Logo na entrada do grande salão semi-iluminado, Tiago percebeu que o lugar estava abarrotado de gente. Os holofotes de luz verde, amarela, rosa e azul giravam e piscavam. Uma fumaça de gelo seco dava um efeito especial às luzes coloridas. Muitos jovens dançavam freneticamente nos diferentes ambientes. A música ritmada era ensurdecadora. Rafael, um colega de aula, aproximou-se e praticamente gritou:

– Ei, cara! Que bom que você chegou. Quero lhe apresentar uma gata! Ela é amiga da minha namorada e disse que queria conhecer você.

– Vai indo, que eu vou buscar umas bebidas e já encontro vocês.

Tiago se dirigiu ao bar tentando abrir espaço em meio à multidão. Quando chegou ao balcão, sentou-se num banquinho e pediu duas caipirinhas. Começou a beber, balançando a cabeça no ritmo da música. Ninguém percebeu, mas por dentro sentia que algo estava errado. De certa forma, sentia que por muito tempo traía tudo em que acreditava. Por que tinha que ser tão influenciável?

Tiago não queria se sentir tão pequeno. Afinal de contas, estava ali para curtir a noite. O vazio silencioso gritava mais alto que as batidas da música. O sabor da caipirinha gelada ajudava a anestesiar seus sentidos, que ainda estavam bem aguçados. Ele bebia e observava as pessoas ao seu redor.

De repente, Tiago viu uma cena que chamou sua atenção. No fim do balcão do bar, havia uma mulher lindíssima bebendo vodca. Na verdade, ela era a mulher mais bonita que já tinha visto. Tinha cabelo preto liso, um pouco acima dos ombros. Sua pele era dourada. Usava um vestido vermelho de alças. Tudo aquilo era interessante, mas o que realmente havia chamado sua atenção era outra coisa. A bela mulher tinha uns cinco copos de vodca vazios na sua frente. Ela bebia descontroladamente, enquanto tímidas lágrimas lhe rolavam pela face.

Intrigado com a cena, esperou um pouquinho para ver se ela não estava acompanhada. Depois de observá-la por alguns minutos, decidiu tomar uma atitude. Saiu de onde estava e se

meteu no meio das pessoas, até chegar ao fim do balcão. Sentou-se no banquinho vazio ao lado dela e olhou mais uma vez para a desconhecida. Ela era mais bonita de perto que de longe. Tomando fôlego, disse:

– Tudo bem com você?

Depois de alguns instantes, ela finalmente percebeu que Tiago estava do seu lado. A maquiagem preta escorrida emoldurava seus grandes olhos verdes.

– O quê? – gritou.

Tiago se aproximou e perguntou, falando um pouco mais alto:

– Por que você está triste?

Ela olhou para ele com raiva e gritou:

– Olha aqui, se você está querendo tirar uma casquinha de uma mulher bonita que está sensível, pode desistir!

Tiago ficou sem jeito com a situação, mas ousou dizer:

– Eu juro que não vim aqui dar em cima de você, embora eu ache você linda – disse mais baixo. – Eu estava observando ali do outro lado e fiquei preocupado com você. Sabia que beber tanto assim é perigoso?

Com a feição enrijecida, ela ralhou:

– O que é isso agora?! Por acaso, você é médico pra me dizer o que é bom ou ruim pra mim?

Tiago deu um sorrisinho maroto:

– Pois é, ainda não, mas em alguns anos serei. Todo mundo sabe que a festa está cheia de estudantes de Medicina.

Pela primeira vez, ela esboçou um sorriso que estampou dentes perfeitos. Ele completou:

– Meu nome é Tiago, e o seu?

– Meu nome é Nina. Muito prazer.

Ela tomou mais um gole de sua bebida, respirou fundo e disse:

– Você quer ir lá fora respirar um ar fresco?

Tiago concordou com a cabeça. Nina andava na frente, tentando achar espaço entre o mar de gente em movimento. Ela virou para trás e gritou:

– Ei, você sabe como a gente sai daqui?

Tiago pegou no braço dela e a conduziu até uma porta de vidro que os levava para uma grande varanda. Sentia-se mais leve só por ter saído daquele ambiente carregado. Andaram até o fim da varanda. Nina se apoiou no murinho da sacada. Respirando fundo, disse:

– Odeio cheiro de cigarro e música alta. Não sei por que ainda venho a este lugar.

O vento fresco acariciava o rosto dos dois. Nina estava calada, com os olhos perdidos no infinito. O silêncio dos minutos seguintes parecia uma eternidade. Tiago não sabia o que fazer. Decidiu ficar quieto, até que ela perguntou:

– Qual o sentido da vida? Eu sempre tive tudo que quis. Meu pai é juiz e sempre me deu tudo que eu peço. Estou fazendo faculdade de Psicologia porque achava que, se entendesse a mente dos outros, ia acabar entendendo a minha. Pura besteira...

Pensativa, ela respirou fundo e disse:

– Sempre tive todos os namorados que quis. E feia, eu sei que não sou. Aparentemente, tenho todos os motivos do mundo pra ser feliz. Mas a verdade é que não sou.

Tiago olhou para Nina com simpatia. Nunca havia conhecido uma pessoa que falasse de assuntos tão profundos e íntimos logo no primeiro encontro. De qualquer forma, sabia exatamente o que ela estava sentindo. A diferença é que ele tinha respostas para aquelas perguntas. Sua grande dificuldade era colocar em prática aquilo que sabia ser o certo. Nina continuou:

– Hoje à tarde, briguei feio com o meu namorado e decidi vir aqui pra mudar de ares, conhecer gente nova, esquecer o idiota. O problema é que, quando cheguei, fiquei mais deprimida ainda. Parece que todo mundo ali dentro é tão infeliz quanto eu. Todo mundo usa uma máscara para tentar esconder o que realmente está sentindo. Pra mim, isso não é suficiente. Deve existir alguma coisa melhor nesta vida.

Subitamente ela parou de falar, olhou para Tiago e rapidamente desviou o olhar. Desconcertada disse:

– E por que eu estou contando isso logo pra você? Como é o seu nome mesmo?

– Tiago.

– Olha, Tiago, desculpe. Essa situação é ridícula. Geralmente não sou assim. Vou embora.

– Você está de carro aí?

– Não, vou ligar para o motorista do meu pai vir me buscar.

Nina tirou o celular da bolsa e ligou para o motorista. Falou meia dúzia de palavras e guardou o telefone na bolsa. Alguma coisa dizia para Tiago que não podia deixá-la ir sem antes oferecer um pouco de esperança. Tomando coragem, disse:

– Olha, Nina, eu também não conheço você. No momento, estou me sentindo tão vazio

quanto você. Mas isso é culpa minha. Desde pequeno meus pais me ensinaram que Deus me ama e tem um propósito pra minha vida. O problema é que tenho corrido dEle por vários anos. No fundo, eu sei onde posso encontrar paz e esperança.

Os olhos de Nina brilharam. Apertando a mão de Tiago, ela disse:

– Como você é sortudo! Seus pais lhe ensinaram tudo isso?! Por favor, Tiago, me diga como posso ter essa segurança que você tem.

Sorrindo sinceramente, disse:

– Vamos amanhã cedo à igreja comigo?

– Mas amanhã é sábado!

– E daí? Quanto tempo mais você quer continuar se sentindo assim?

Nina pensou um pouco e finalmente concordou. Abriu a bolsa, pegou um pedaço de papel, uma caneta e rascunhou um número de telefone.

– Esse aí é o número da minha casa. Me liga na hora que você estiver saindo pra me dar o endereço. Eu juro que vou... Tenho que ir. Até amanhã.

Não deu tempo para Tiago dizer mais nada. Nina saiu correndo varanda afora e, antes de cruzar a porta de vidro que a levava para dentro da danceteria, acenou.

– Me liga, hein?

Tiago acenou de volta. Estava de queixo caído. Ainda não acreditava que tinha falado de Deus para a mulher mais linda da festa. Passando a mão na testa úmida, esboçou um sorriso. Havia percebido que não sentia mais o vazio no peito que o atormentava por vários anos, desde que tinha parado de levar a sério esse assunto de igreja. Alguma coisa tinha acontecido.

O abajur que estava em cima do criado-mudo de Laércio iluminava parcialmente o quarto escuro. Ele estava sentado na cama de casal com os óculos de leitura na ponta do nariz. Seus olhos pretos corriam de um lado para o outro enquanto lia, com muito interesse, um livro de capa amarela. Do seu lado, Júlia tentava pegar no sono; mas, por alguma razão, estava inquieta e não parava de se mexer. Percebendo que alguma coisa estava errada, Laércio passou a mão suavemente nas costas da esposa e sussurrou:

– Ju, não está conseguindo dormir?

Ela virou o corpo na direção do marido e abriu os olhos azuis com dificuldade por causa da claridade.

– É, já tem tempinho que estou tentando dormir, mas não consigo.

Laércio colocou o livro aberto no criado-mudo e se aproximou da esposa. Alisando seu braço com ternura, perguntou:

– Você está preocupada com alguma coisa?

Ela chegou mais perto do marido. Tinha uma prega na testa e o olhar perturbado.

– Na verdade, estou sim. Hoje passei o dia pensando nas crianças.

Laércio deu uma risada gostosa.

– Crianças? Aqueles lá já estão muito bem criados.

– Não vem dar uma de durão pra cima de mim, seu Laércio. Aposto que também é difícil pra você ver que os seus filhos são independentes e não precisam de você.

– Não precisam? Ontem mesmo recebi a conta do cartão de crédito. Acredite, eles ainda dependem de nós!

– Pare de ser pão-duro. Coitadinhos, são superamorosos com a gente.

– Isso não posso negar. Ontem, eles me ligaram.

Alisando seus cabelos suavemente, ele perguntou:

– Mas é isso que está tirando seu sono?

Júlia sentou-se, ajeitando o travesseiro de penas atrás das costas.

– Não. Sei lá... Fico tão preocupada que alguma coisa ruim aconteça com eles! Tem tanta gente louca no mundo.

Laércio abraçou a esposa e disse:

– Julinha, é por isso que a gente tem que confiar em Deus. Muitas coisas nesta vida estão acima das nossas forças. Não adianta nada você ficar aí toda preocupada. Confie que Deus está cuidando deles.

Júlia se afastou um pouco do marido. Seu olhar era fulminante:

– Não vem falar que devo confiar em Deus, Laércio. Você sabe o tanto que eu orei para que Ele trouxesse meu pai de volta do coma. E, pelo visto, não adiantou nada. Ele acabou morrendo do mesmo jeito. Parece que, pra você, confiar em Deus é uma válvula de escape que vai livrá-lo da realidade do mundo.

Embora não concordasse com a opinião da esposa, Laércio ficou calado. Sabia que Júlia ainda não havia se recuperado da perda de seu pai, dois anos antes. Ela continuou desabafando:

– Parece que pra todo mundo da igreja é muito fácil falar que Jesus está voltando, então não devemos ficar preocupados com as coisas deste mundo passageiro. Talvez, pra muita gente, isso

seja suficiente. Mas, pra mim, não é. A minha realidade é que não tem um dia que eu não questione a Deus por que Ele não curou meu pai e por que não volta logo para esse sofrimento acabar.

Os olhos azuis de Júlia brilhavam. Tinham uma expressão tensa.

– E só mais uma coisa: Estou cansada de ficar indo à igreja só para agradar você, quando, na verdade, estou muito chateada com Deus. Desculpe se isso o magoa. Prefiro ser sincera. Eu tenho que solucionar algumas dúvidas minhas. Vou dar um tempo nesse negócio de igreja até que isso seja esclarecido.

Laércio ainda tentou argumentar:

– Amorzinho, sei como se sente. Não é fácil mesmo, mas o melhor lugar pra você encontrar as soluções é na própria igreja. Você não precisa tentar resolver seus problemas sozinha. Todo mundo sofre, Júlia. Existe uma diferença muito grande entre as pessoas que sofrem tendo Deus no coração. Quem está com Ele sente paz, mesmo em meio ao sofrimento.

– Pra mim chega, Laércio. Já estou pensando em fazer isso há muito tempo. Eu preciso reavaliar umas coisas em minha vida, e não quero influência de igreja nenhuma. Além do mais, por que você tinha que ser de uma igreja tão diferente das outras? Acho que essa igreja ainda vai se dar mal se continuar sendo uma religião tão extremista. Ainda mais agora com esse negócio de que os católicos e muçulmanos se uniram à Associação Ecumênica Mundial. Não entendo por que a Igreja Adventista também não se associa.

Laércio balançou a cabeça:

– Júlia, por que isso a espanta? É óbvio que a nossa igreja não vai se unir à Associação Ecumênica Mundial.

Júlia suspirou fundo, enquanto advertia com um tom fatalista na voz:

– Agora estão perto de unir todas as religiões e parece que, depois disso, vão tentar juntar os países para promover a cooperação e a paz mundial. Algo que na verdade é fundamental, especialmente pra tentar contornar a crise financeira que se formou e só cresce depois da tragédia na China.

– Viu como sabe das coisas? – Laércio estava sério. – Você mesma já percebeu que as profecias estão se cumprindo. Este é o momento de se apegar ao que a Palavra de Deus diz ser a verdade. Muitos vão ser enganados. O inimigo vai tentar enganar até os escolhidos (Lucas 21:8).

Irritada, ela retrucou:

– Pare de ser separatista, Laércio. Por que acha que só vocês têm a verdade?

Com o olhar profundamente triste, Laércio declarou:

– Eu vou respeitar o seu pedido. Nunca poderia forçá-la a ir à igreja comigo. Só me prometa

que vai ficar de olhos abertos. Essa história de Associação Ecumênica Mundial pode ser o cumprimento daquela profecia do Apocalipse que fala sobre a marca da besta (Apocalipse 13:17).

– Tá bom. Pode deixar. Meus olhos vão ficar bem abertos.

Ela enfiou a cabeça no travesseiro. Alguns minutos depois estava dormindo profundamente. Laércio apagou o abajur e tentou dormir. Agora, quem tinha perdido o sono era ele.

CAPÍTULO

VII

Tiago se revirava na cama. Estava com muita preguiça de se levantar. Sua cabeça doía muito e seus olhos estavam pesados. Ainda um pouco perdido, começou a se lembrar do rosto de Nina. Por alguns instantes, ficou em dúvida se aquilo tinha sido um sonho ou se realmente havia conhecido aquela bela mulher.

Fazendo um esforço tremendo, rolou o corpo para fora da cama e puxou a calça *jeans* que tinha usado na noite anterior. Enfiando a mão no fundo do bolso, encontrou um papelzinho com um número de telefone. Esfregou os olhos para se certificar de que estava realmente acordado.

Olhando para o relógio de pulso, deu um pulo. Já estava atrasado para ir à igreja. Também tinha que ligar para Nina. Discou o telefone, que chamou algumas vezes, e uma voz grave atendeu:

– Alô.

– Alô. Por favor, a Nina está?

– Só um minuto. Vou ver se ela ainda está aqui.

Momentos depois, ouviu a voz meio rouca de Nina:

– Alô. Quem fala?

– Oi, Nina, aqui é o Tiago, o cara que você conheceu ontem à noite. E aí, está pronta para sair?

– Oi, Tiago. Por que você não ligou antes? Ainda tenho que me arrumar...

– Você ainda quer ir à igreja? Se preferir, podemos marcar outro dia.

– Não, nada disso. Eu quero ir, sim. Que tipo de roupa devo usar?

– Pode usar qualquer roupa. O importante é que fique confortável.

– Pode deixar. Olha, vai indo que a gente se encontra lá. Que horas começa o culto da sua igreja?

– Às nove horas.

– Ah, tá. Olha, como já são quase nove horas, vou correr aqui e tentar me arrumar rapidinho. Vou passar o telefone para o Romão, meu motorista. Dê o endereço da igreja pra ele. A gente se vê daqui a pouco.

Alguns momentos depois, Tiago explicava ao Romão como chegar à Igreja Adventista de Ipanema. Ao desligar o telefone, correu para o banheiro e tomou um banho frio.

Quando saiu, encontrou tia Ester no corredor. Ela ficou surpresa ao vê-lo acordado:

– Nossa! Caiu da cama?

Ele sorriu um pouco sem graça e respondeu:

– Tia, queria aceitar o seu convite e ir à igreja com você. Será que pode me esperar? Eu prometo que me arrumo rapidinho.

Ester balançou a cabeça positivamente. Ficou feliz que o sobrinho finalmente iria acompanhá-la à igreja. Todos os sábados o convidava, mas ele nunca aceitava.

Enquanto isso, Nina estava terminando de se arrumar. Ao certificar-se de que estava pronta, foi para a sala, onde seu pai assistia televisão. Ao ver a filha arrumada, Teodoro perguntou:

– Uau! Aonde você pensa que vai tão bonita a essa hora da manhã?

Nina deu um sorriso largo, enquanto pensava no que iria responder. Não queria dizer a verdade, porque seu pai seguia a filosofia da Nova Era. Ele sempre falava mal dos crentes. Beijando a testa do pai, disse:

– Vou sair com um amigo, papai.

Teodoro segurou na mão da filha e disse:

– Você não tem jeito né, Nina? Mal acabou o namoro com aquele surfista e já está enfeitando outro rapaz. Desse jeito você nunca vai se casar. A sua irmã é mais nova do que você e já está pra ficar noiva.

– Ih, papai! Já vai começar a me comparar com a Denise? Me deixa em paz... Sempre saí com quem quis. Vai começar a implicar agora?

Fazendo cara de vítima, Teodoro disse:

– Nossa! Alguém amanheceu de mau humor! Está até parecendo sua mãe.

Nina fingiu ignorar o comentário maldoso do pai. Os dois estavam divorciados havia vários anos, mas ele sempre fazia questão de mencionar a ex-mulher. Nina desconfiava que ele ainda a amava.

Tentando desconversar, Teodoro apontou para o relógio e disse:

– É melhor você ir. O Romão está esperando lá embaixo.

Nina passou a mão na careca do pai e saiu rumo à igreja. Estava ansiosa para chegar na igreja e descobrir se o que Tiago dissera era mesmo verdade. Ficou calada durante todo o percurso da Barra da Tijuca a Ipanema. Romão estava acostumado. Para ele, Nina era uma riquinha metida, mimada e que tinha todas as vontades feitas pelo pai.

Algum tempo depois, ele estacionou o carro em frente a um prédio grande. A fachada era de mármore e tinha os dizeres em preto: *Igreja Adventista do Sétimo Dia*. Nina desceu do carro e cruzou o portão de ferro. Algumas pessoas estavam por ali. Ao chegar à porta da igreja, foi recepcionada por uma senhora simpática que apertou sua mão e deu as boas-vindas. Nina disse que iria se encontrar com uma pessoa. A senhora a guiou até a porta principal do grande salão, que estava cheio. Esboçando um sorriso, Nina sussurrou:

– Obrigada. Vou ficar aqui um pouquinho, pois meu amigo já vai aparecer.

A senhora abriu um sorriso e voltou para seu posto de recepcionista. Nina começou a olhar para todos os lados, procurando Tiago. Como não o via, decidiu esperar um pouco ali no fundo. Foi só então que percebeu que existia algo especial naquele lugar. Achou bonito ver jovens, velhos, crianças, negros, brancos, pobres e ricos reunidos num lugar para buscar a Deus. De repente, alguém tocou em seu ombro, trazendo-a de volta de seus pensamentos:

– Que bom que você chegou! Estava ficando preocupado.

Era Tiago. Ao vê-lo, Nina abriu um grande sorriso e disse:

– Nossa! O que aconteceu com o cara que conheci ontem à noite? Não tinha percebido como você é alto e... bonito!

Tiago sorriu satisfeito. O esforço que havia feito para vestir o terno valeu a pena. Ele apontou para o meio da igreja e disse:

– Vamos sentar ali porque o sermão já começou.

Os dois se dirigiram para o lugar onde a tia Ester estava sentada. Quando a velhinha viu a acompanhante de Tiago, cutucou-o e disse rindo:

– Agora entendi por que o bonitão decidiu vir à igreja comigo!

Tiago sorriu um pouco sem graça. Pegou a Bíblia que havia trazido, colocou nas mãos de Nina e sussurrou:

– Nina, leia a história da mulher adúltera (João 8:2-11). Depois que ler, vai entender melhor o que o pastor está falando.

Nina sorriu e começou a ler a história de uma mulher flagrada em adultério que fora levada aos pés de Jesus para ser apedrejada, conforme a legislação judaica. Jesus não a condenou e deixou bem claro aos seus acusadores que todos somos pecadores e, por isso, não temos direito

de condenar ninguém. Os acusadores da mulher adúltera reconheceram que eram pecadores e foram embora. Quando Jesus ficou sozinho com a mulher, disse amoravelmente: “Nem Eu tampouco te condeno; vai e não peques mais.”

O coração de Nina batia aceleradamente. Ela nunca tinha lido uma história de amor tão bonita. Naquele momento, percebeu que estava sofrendo à toa. Viu que, se Jesus era capaz de perdoar e amar aquela mulher pecadora, com certeza também a amava. Agora, sem nenhum preconceito, estava aberta para ouvir o que o pastor dizia:

– Alguma vez na sua vida, você sentiu que nada podia preencher aquele vazio do seu peito? Você já fez coisas que não gostaria de ter feito, e depois ficou carregando sentimento de culpa? Saiba que você não é o único que se sente assim. Jesus tem a solução para os seus problemas. Assim como Ele foi capaz de dar para aquela mulher o que ela procurava, Ele é capaz de suprir o desejo do seu coração. Se você procura amor, saiba que Ele o ama mais do que tudo nesta vida. Se você procura paz, saiba que Ele é o Príncipe da Paz. Se você procura compreensão, saiba que Ele é o único que conhece todos os seus motivos e lutas. Abra seu coração para Jesus e permita que Ele o perdoe e lhe diga hoje: “Eu também não te condeno, vai e não peques mais.”

Os olhos verdes de Nina estavam marejados. Ela sentia que algo acontecia em seu coração. Pela primeira vez na vida, sentia que o vazio que a acompanhava por tantos anos podia ser preenchido. Agora, as lágrimas mornas começavam a rolar lentamente pelo seu rosto.

Nesse momento, percebeu que os irmãos da igreja cantavam um lindo hino que a emocionou profundamente:

Oh! que encanto estar com Cristo,

Onde já não há mais dor!

Livre de qualquer perigo,

Desfrutando Seu amor!

Face a face eu hei de vê-Lo, quando vier em glória e luz;

Face a face lá na glória hei de ver meu bom Jesus.

(Hinário Adventista, nº 444)

Nina abaixou a cabeça e disse em sua mente: *Meu Deus, eu nunca quis falar com Você. Na verdade, nunca dei uma chance pra que Você chegasse perto de mim. E agora, da maneira mais estranha do mundo, eu vim parar nessa igreja e, pela primeira vez, estou vendo como fui idiota de não ter Lhe dado uma chance antes. Se não for tarde demais, será que Você também poderia transformar a minha vida como transformou a vida daquela mulher? Eu quero conhecê-Lo melhor. Aceite minha sinceridade.*

Era segunda-feira. O dia amanhecia. Um vento fresco mostrava que o outono chegava. As grandes árvores que contornavam a pista de atletismo do Colégio Adventista Catarinense dançavam com sincronia. Letícia e Camila terminavam sua caminhada matinal. Aquele era o momento em que se exercitavam e aproveitavam para conversar. A amizade delas crescia a cada dia.

– O Rogério me disse que vem me visitar daqui a duas semanas. Mal posso esperar. Nunca fiquei tanto tempo sem ver o meu amor – o rosto delicado de Letícia mostrava felicidade ao contar as notícias.

– Nossa! Finalmente vou conhecer o famoso Rogério!

– Tenho certeza de que você vai gostar dele.

Alguns minutos mais tarde, as duas entravam em casa.

– Camila, se quiser pode tomar banho primeiro. Vou preparar uma omelete para o nosso café da manhã.

– Então, está bem. Vou tomar banho rapidinho, tá?

Letícia abriu a geladeira, pegou quatro ovos. Abriu-os cuidadosamente em uma bacia de plástico posicionada no balcão da cozinha. Bateu os ovos com um garfo e adicionou sal, queijo ralado e uma colher de farinha.

Acendeu um fósforo para ligar a boca do fogão, quando alguém bateu à porta. Ela apagou o fósforo e se dirigiu para a porta de entrada. Viu que era Juliano, o professor de Física. Ele estava ofegante:

– Algo muito sério aconteceu. O diretor do colégio está convocando todos os funcionários para uma reunião no auditório central. Disse que era um assunto seriíssimo e que irá impactar a todos nós. Estejam lá em 15 minutos.

Letícia bateu na porta do banheiro e apressou Camila. Enquanto se arrumava para sair, ficou imaginando o que poderia ser tão sério:

– Muito estranho isso, viu, Letícia? Em todos os anos que estou aqui nunca houve uma reunião como essa. Provavelmente vai atrasar o início das aulas. Muito estranho mesmo.

– Agora não adianta ficar curiosa. Daqui a pouco iremos saber.

Quando as duas entraram no auditório central, encontraram um grande alvoroço. Praticamente todos os professores e funcionários estavam presentes. Muitos ainda tinham cara de sono e pareciam preocupados com o que seria discutido na reunião. Juliano havia criado um grande alarde. Agora as diversas possibilidades eram cogitadas: *O colégio vai fechar... Seremos demitidos... Vai vir um novo diretor... O que deve ser?*

Alguns minutos depois, o professor Luís Rodrigues apareceu com um jornal na mão. Estava um pouco desorientado. Ao perceber o estado do diretor, todos se aquietaram e se assentaram. Quando chegou à frente do auditório, ele pegou o microfone e disse:

– Algo importante aconteceu, por isso convoquei essa reunião. Está aqui! Na primeira página – levantou o jornal. Letícia conseguiu ler as letras garrafais publicadas na primeira página: *Lei Dominical é Aprovada no Congresso.*

O professor Luís começou a ler:

Ontem à noite, a Câmara dos Deputados aprovou em sessão especial o projeto da lei dominical apresentado a todos os países do mundo pelo governo norte-americano e pela Igreja Católica, por meio da Associação Ecumênica Mundial (AEM). A adesão do Brasil às regras estabelecidas deverá mudar a situação financeira do País. A lei dominical visa à integração política e religiosa de todos os países numa tentativa de acabar com a crise financeira agravada pelo terremoto da China.

Harris afirmou ontem em entrevista coletiva na Casa Branca que os Estados Unidos e o Vaticano querem unir suas forças com os outros países do mundo para que juntos possam vencer o grande desafio de equilibrar a situação financeira mundial. Ressaltou que “o primeiro passo será unificar todos os países por meio das igrejas, que terão um só dia de adoração. A partir daí será mais fácil encontrar conformidade política e econômica por meio de tratados”.

O papa também expressou seu apoio ao projeto ao afirmar que “chegou a hora de nos unirmos perante Deus para suprir as necessidades do próximo. Com a lei dominical, a AEM estará presente em praticamente todos os países do mundo e assumirá o papel de sede política e religiosa dessa nova ordem mundial que está sendo criada”. O papa acredita que isso será um passo importante no processo de reconstituição da economia mundial que está abalada.

Houve certa relutância da parte de alguns deputados para a aprovação da lei, pois questionaram se isso não irá impedir que exista liberdade religiosa no Brasil. Entretanto, a coligação partidária do governo apoiou o projeto. O Presidente da República, Carlos Moreira, disse que a tragédia na Ásia teve um impacto negativo na economia brasileira. A previsão é que os níveis de inflação continuem subindo. “Se alguma coisa não for feita, viveremos uma situação incontrolável e quem vai pagar por isso é a população mais humilde”, afirmou Moreira. Informou também que o Ministério da Fazenda acredita que a injeção de capital estrangeiro no País é fundamental neste momento. “Não custa nada irmos às nossas igrejas aos domingos. Isso irá recuperar a economia e melhorar a vida de nosso povo”, afirmou o presidente. No próximo mês, a lei será votada no Senado. Se for aprovada, terá um impacto imediato na maneira como as igrejas se congregam e no bolso do trabalhador, que já sente os resultados da crise.

O silêncio era mortal. Ninguém ousava falar nada. Alguns momentos depois, Ricardo, o

professor de Biologia, levantou a mão e perguntou:

– Desculpe, diretor, ainda não consegui entender por que essa notícia é tão importante...

Luís passou um lenço branco na testa suada e respondeu:

– Professor, nós somos uma escola confessional. Fazemos parte da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Nossa mensagem está baseada nas verdades encontradas na Bíblia. Primeiramente, acreditamos que somos salvos por meio dos méritos de Jesus Cristo na cruz. Além disso, acreditamos na breve volta de Jesus. Também cremos na guarda do sábado, estabelecida por Deus no Éden, confirmada nos dez mandamentos e cumprida por Jesus e pelos apóstolos. O sábado é o sétimo dia. Se for existir uma lei dominical, com certeza teremos sérios problemas como instituição.

Ricardo não ficou satisfeito com a resposta e argumentou:

– Tudo bem, entendi que isso afeta a parte religiosa, que é um aspecto importante dentro desta instituição. O que não deu pra assimilar é a influência que isso teria na parte acadêmica. Afinal de contas, o Colégio Adventista Catarinense é um *colégio*.

– Vai impactar sim, professor. O advogado da igreja está acompanhando o processo em Brasília. Estão comentando que o Ministério da Educação irá instituir a obrigatoriedade de aulas de religião em todas as escolas no Brasil.

– Achei que vocês aprovariam essa determinação. O colégio já ministra aulas de religião para os alunos – Ricardo interrompeu.

– O problema é que o livro-texto que deverá ser utilizado nessas aulas será aquele estabelecido pelo MEC. Com certeza, ensinará as crianças e jovens a guardar o domingo. A Igreja Adventista nunca vai concordar com essa resolução. As mais de 600 escolas distribuídas no país enfrentarão grandes problemas.

Ricardo queria fazer outras perguntas. Não entendia por que tanta preocupação com algo que ainda nem tinha acontecido. Eram somente suposições. Viu que o tumulto entre os funcionários era grande. Todos pareciam muito preocupados e até temerosos com a notícia. Decidiu ficar quieto e começar a procurar outro emprego.

CAPÍTULO

VIII

O carteiro, que vestia a usual roupa amarela e azul, cruzava o jardim florido que ficava na frente da casa de dona Carminha. Ela estava na beira do tanque esfregando uns panos de prato. Ao se aproximar da porta da casa, o carteiro chamou:

– Dona Carminha, a senhora está aí?

Ouvindo a voz familiar de Aluísio, Carminha enxugou na saia estampada as mãos molhadas e enrugadas pela água e rodeou a casa até encontrá-lo na porta da frente. Estendendo a mão, ele entregou um envelope branco.

– O seu filho escreveu pra senhora.

Pegando o envelope, Carminha afastou o braço e forçou a vista cansada, na tentativa de conferir o remetente. Em poucos segundos, ela sorriu satisfeita.

– É meu filho mesmo, Aluísio. Você não quer entrar pra tomar um suco de goiaba?

– Ah! Quero sim, senhora. O sol está de rachar hoje.

Dona Carminha abriu a porta de casa e fez sinal para o carteiro segui-la até a cozinha. A cortina branca dançava de um lado para outro, enquanto a brisa entrava no cômodo limpo e fresco. Abrindo sua velha geladeira verde com a tinta descascada, Carminha tirou uma jarra de vidro grande. Pegou um copo no armário e despejou o suco grosso de goiaba dentro dele. Ao receber o copo gelado, Aluísio levou-o até a boca e tomou quase metade do suco num gole só. Agora, um pouco mais calmo, começou a conversar entre um gole e outro.

– Dona Carminha, todo mundo lá da cidade está na maior empolgação com a quermesse que a igreja vai proporcionar nesse domingo. Eles estão querendo juntar dinheiro pra ajudar o orfanato. Será que a senhora e os membros de sua igreja não podem ajudar com alguns quitutes?

– É claro que podemos, Aluísio. Pode deixar que vou falar amanhã com os irmãos da igreja. Só queria um favorzinho seu.

– Pode pedir qualquer coisa, dona Carminha.

– Queria que você e sua família comessem a estudar a Bíblia comigo uma vez por semana.

Aluísio tirou o boné azul que tinha na cabeça e enxugou o suor na testa negra. Meio sem

jeito, disse:

– Sabe o que é, dona Carminha? Tem gente lá na minha igreja falando mal das pessoas que ficam dando ouvido para os estudos bíblicos da senhora. Não me leve a mal, todos admiram muito seu trabalho com as crianças do orfanato, mas está começando a ficar chato essa história da senhora tirar as pessoas da igreja e levar pra sua religião... Agora não sei o que dizer pra senhora.

Dona Carminha deu um sorriso compreensivo.

– Tudo bem, Aluísio, eu respeito sua decisão. Só queria que você tivesse uma chance de conhecer as coisas maravilhosas que todas as pessoas que estudam a Bíblia descobrem. Em relação à quermesse, não se preocupe. Nossa igreja vai mandar umas comidinhas pra ajudar o orfanato.

O carteiro colocou o copo vazio de suco em cima da mesa.

– Dona Carminha, a senhora é um raio de sol nesta cidade. Muito obrigado pelo copo de suco. Até mais ver.

Aluísio se dirigiu à porta e caminhou jardim afora até alcançar a porteira branca que o levava para fora da chácara. Antes de ir embora, acenou para a simpática velhinha que estava de pé na varanda da casa. Quando o carteiro sumiu na primeira curva da estrada, Carminha correu para dentro de casa e pegou seus óculos. Com todo o cuidado, abriu o envelope que tinha acabado de receber. Lá dentro, encontrou uma carta de duas páginas com a caligrafia caprichada de seu único filho.

Querida mamãe, como estão as coisas por aí? A senhora nem imagina como sinto saudades do tempo em que vivi aí no interior da Bahia. Agora a minha vida é muito mais agitada, mas no geral está tudo bem. O Senhor tem cuidado da minha família e de mim também. Ele tem suprido todas as nossas necessidades.

Olha, estou escrevendo pra avisar que estamos pensando em reunir toda a família e ir passar as férias de julho em sua casa. Fico muito preocupado de a senhora estar morando aí sozinha. Sei que o dia que abandonar seu pedaço de terra e suas crianças, a senhora morre. Então, nem adianta insistir. Nesse caso, decidimos ir visitar a senhora e passar umas duas semanas nesse lugar maravilhoso. Mal posso esperar... Estou com muitas saudades.

Outro motivo por que quero visitá-la, é que precisamos conversar ao vivo sobre certas coisas que andam acontecendo. Não achei bom escrever sobre esse assunto na carta. Quando estivermos juntos, vamos conversar sobre isso também. Ah, sim, como está a igreja? Vocês já têm um pastor? Mande um abraço para todos os irmãozinhos.

Só mais uma coisa, eu já deposei o seu dinheiro mensal no banco. Se precisar de qualquer coisa, é só pedir. Mamãe, nunca se esqueça de que amo muito a senhora. Todos lhe mandam

beijos e abraços. A gente se vê em um mês.

Cinho

Dona Carminha estava emocionada. Como amava aquele filho! Ficava muito feliz todas as vezes que sua família vinha visitá-la. Agora precisava começar a fazer os preparativos para a chegada deles.

Dobrou a carta com cuidado, colocando-a de volta no envelope. Voltou para a beira do tanque e terminou de enxaguar e torcer os panos de prato. Levou o balde de panos limpos para o varal e os estendeu um ao lado do outro. O sol forte do meio da tarde destacava a alvura dos panos que bailavam no quintal.

Enquanto estava atarefada com a casa, não conseguia parar de pensar no assunto secreto que seu filho queria conversar. O que poderia ser tão importante assim? Agora, o jeito era esperar. Riu sozinha ao perceber como era feio para uma mulher de sua idade ser curiosa.

Passava da meia-noite e as ruas de Copacabana estavam quase vazias. As únicas pessoas que se arriscavam a ficar na rua até tão tarde eram os bêbados, que enchiam os bares, e as prostitutas, que tentavam ganhar a vida. As vozes da noite carioca não eram vozes de conforto, mas gritos de desespero. O sorriso das pessoas não estampava felicidade, mas tentava esconder o vazio que sentiam no coração.

Da janela de seu quarto, Tiago observava as poucas pessoas que perambulavam pela rua. Na verdade, ele estava estudando para uma prova difícilíssima que teria que fazer no dia seguinte. Como não aguentava mais decorar o nome de todas as veias do corpo e o percurso da corrente sanguínea, decidiu pegar um ar fresco. Adorava ficar olhando as pessoas que andavam na rua. Cada pessoa tinha uma história. Uma realidade. Um sofrimento.

Depois de algum tempo, decidiu que iria retomar os estudos daquela noite. Sua mente borbulhava com toda a informação que tentava aprender e com a responsabilidade de ter que ir bem na prova do dia seguinte. Sabia que precisava tirar uma nota boa, pois havia faltado em alguns laboratórios para acompanhar Nina aos cultos de sábado de manhã. Talvez as outras pessoas até acreditassem que tudo que ele fazia era por amor a Deus. Mas, lá no fundo, sabia que quase tudo que tinha feito ultimamente era por amor a Nina. Talvez, se ela não estivesse em sua vida, suas atitudes teriam sido diferentes.

Depois da primeira vez que Nina o acompanhou à igreja, muita coisa começou a mudar no comportamento dela. Aquela moça fútil, mimada e sem objetivo que Tiago tinha conhecido na danceteria não existia mais. Agora, ela tinha sede de aprender tudo que podia sobre a Palavra de Deus. Como Tiago tinha sido a pessoa que a levara para a igreja, sentia o peso da responsabilidade de ser um bom exemplo. Ele sabia que essa era a maior prova de que estava loucamente apaixonado por Nina. Se não fosse por isso, não aguentaria manter a fachada de bom moço por tanto tempo.

Até o dia em que a conheceu, suas ações nunca tinham sido exemplares. Muito pelo contrário. Agora, tinha que dar o exemplo para Nina. Muitas vezes, isso não era nada agradável.

Tiago nunca se esqueceria da primeira vez que Nina o questionou sobre a guarda do sábado. Ela era como uma criança que havia acabado de nascer na fé e tinha que ser instruída em tudo. A conversa começou num sábado à tarde, enquanto os dois caminhavam no calçadão da praia do Arpoador. Nina perguntou de uma maneira bem meiga:

– Tiaguinho, posso perguntar uma coisa?

Do jeito que tinha falado, podia pedir qualquer coisa no mundo que ele dava um jeito de conseguir. Tentando esconder o que sentia, Tiago respondeu de maneira seca:

– Pode falar.

– Sabe o que é? Hoje de manhã, na classe de estudos na igreja, o pessoal estava discutindo sobre o sábado.

– E... ?

– Pois é, você nunca me disse exatamente por que a sua igreja guarda o sábado em vez de guardar o domingo, como todas as outras igrejas. Com essa história da lei dominical sendo aprovada no Congresso, fiquei em dúvida se agora os cultos vão ser transferidos para o domingo. – Ela olhou para ele com ar de reprovação, enquanto continuava: – Como você não veio à Escola Sabatina, fiquei com vergonha de perguntar para o pessoal da minha classe sobre o assunto. Mesmo assim, eles me deram uma revista que trata disso. Eu li um pouco da revista, mas mesmo assim não entendi direito.

Por alguns momentos, Tiago pensou no que iria fazer. Ele sabia qual seria a próxima pergunta. Olhando para Nina, ele perguntou com cara de desinformado:

– Sério? Eu nunca lhe expliquei?

Os olhos verdes de Nina estavam intrigados. Colocando o cabelo liso e preto atrás da orelha, ela fitou os olhos cor de mel de Tiago. Ele tremeu por dentro. Finalmente, ela disse com um tom sério na voz:

– Não. Você nunca tocou no assunto. E já tem um bom tempo que estou indo à igreja todos os sábados com você. Será que você podia acabar logo com esse mistério?

Tiago parou de andar e apontou para as pedras no final da praia do Arpoador:

– Vamos sentar ali que eu explico. Você trouxe aquela Bíblia que eu lhe dei e a revista que ganhou hoje de manhã?

Nina balançou a cabeça positivamente. Os dois andaram mais alguns metros até o paredão de pedras que separava a praia do Arpoador e a de Copacabana. No fundo do coração, Tiago pediu sinceramente a Deus que conduzisse a conversa que teriam.

Agora, estavam no topo da grande pedra. O céu azul anil parecia se diluir no azul profundo do mar que estava à sua frente. As ondas batiam contra as pedras a poucos metros deles. Olhando para Nina, sugeriu:

– Vamos sentar aqui?

Os dois se acomodaram na pedra gelada. Nina abriu a mochila de couro bege que carregava nas costas e entregou a Bíblia e a revista para Tiago. Antes de começar, ele olhou mais uma vez para Nina. Ela estava linda e seus olhos brilhavam, pois estava ansiosa para ouvir o que tinha a dizer.

A amizade deles havia crescido nos últimos tempos. Tiago tinha consciência da seriedade do que estava prestes a fazer. Quando Nina entendesse a santidade do sábado, iria questionar várias coisas que eles tinham feito nesse dia e que não eram muito apropriadas. Respirando fundo, ele finalmente falou:

– Olha só. Em primeiro lugar, eu acho que a gente devia fazer uma oração antes começar. Esse assunto é talvez o mais delicado que você vai aprender na Bíblia. Eu sinto que preciso de uma forcinha do nosso Amigo lá de cima pra lhe mostrar tudo pela Bíblia, do jeito certo.

Ele folheou a revista que Nina tinha nas mãos e notou que continha um estudo bíblico sobre a guarda do sábado. Respirou aliviado e completou:

– É claro que esse material também vai ser minha cola.

Com um sorriso nos lábios, Nina disse:

– Então, deixe que eu oro.

Segurando na mão de Tiago, orou:

“Senhor, antes de qualquer coisa, eu quero Te agradecer pelo milagre que tens feito na minha vida. Nunca imaginei que eu podia ser tão feliz. Depois que eu Te conheci, muitas coisas estão mudando dentro de mim, e pra melhor. Eu também quero Te agradecer pela amizade do Tiago. Ele tem se tornado uma pessoa muito querida. Agora, nós vamos abrir a Bíblia e, pelo jeito, vamos estudar um assunto muito importante. Pra ser sincera, eu não sei muito bem o que vou descobrir e o impacto que essa descoberta terá em minha vida. Só peço que o Senhor abra o meu coração para mais esta verdade; tenho descoberto tantas... Muito obrigada por nos amar. Em nome de Jesus, amém.”

Ao abrir os olhos depois da oração, Nina percebeu que Tiago a contemplava. Ele desviou o olhar e disse, um pouco sem graça:

– Puxa, que oração bonita! Queria ter metade da sua sinceridade – ele limpou a garganta e completou: – Bem, vamos lá. Lembra que você leu o livro de Gênesis, um tempinho atrás?

– Lembro.

– Pois é. Nos primeiros capítulos de Gênesis, a Bíblia descreve que Deus criou o mundo em seis dias e descansou no sétimo dia.

Tiago conferiu onde poderia achar o texto na revista. Abriu a Bíblia em Gênesis 2:1-3 e, apontando, pediu:

– Está aqui, Nina. Será que você pode ler pra mim?

Tiago colocou a Bíblia na mão de Nina e ela leu:

– “Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e todo o seu exército. E, havendo Deus terminado no dia sétimo a Sua obra, que fizera, descansou nesse dia de toda a Sua obra que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, fizera.”

– E aí, Nina, o que você entendeu desse verso?

Ela estava confusa. Então comentou pausadamente:

– Bom, o verso diz que Deus descansou no sétimo dia. Estranho, eu nunca pensei que Deus pudesse Se cansar.

Dando um sorriso compreensivo, Tiago disse:

– Sobre isso, olhe o que a revista diz: “O verbo *descansar* em hebraico, a língua original em que o livro de Gênesis foi escrito, significa cessar as atividades.”

Tiago levantou os olhos e explicou:

– É claro que Deus não Se cansa, Nina. Ele é onipotente. A Bíblia diz que Ele parou de criar o mundo pois já havia feito tudo que desejava. Deus descansou para nos dar o exemplo. Já na criação, Ele estava dizendo para os seres humanos que o sétimo dia era um dia especial.

– Nossa! Como não pensei nisto antes? Tudo bem, agora tenho outra pergunta. Aqui também diz que Deus abençoou e santificou o sétimo dia. O que isso quer dizer?

– Bom, se Deus abençoou o sétimo dia, isso significa que Ele também tem uma bênção especial para as pessoas que guardam esse dia.

– E essa parte que fala que Ele santificou esse dia?

Tiago coçou a cabeça. As perguntas eram difíceis. Pensou um pouco e sorriu:

– Nina, dê exemplos de coisas e lugares santos que você conhece.

– Ah! – respondeu pensativa. – Eu acho que a igreja, por exemplo, é um lugar santo. Lá é a casa de Deus, certo? Não dá pra fazer qualquer coisa dentro de uma igreja. Ali nos comportamos de uma maneira diferente daquela que faríamos na praia, por exemplo.

Quando Nina acabou de responder à pergunta, abriu um sorriso imenso enquanto exclamava:

– Acho que estou começando a seguir sua linha de pensamento.

– Se a Bíblia fala que Deus santificou o sétimo dia, isso significa que esse dia é santo. Esse não é um dia como qualquer outro dia da semana. Mas é um dia especial separado por Deus para que possamos passar um tempo com Ele.

Nina continuava um pouco confusa. Então, Tiago resolveu simplificar:

– Você está meio confusa, né? Vou dar um exemplo melhor. Quando duas pessoas começam a namorar, elas precisam separar um tempo para se conhecerem melhor. Se o casal não separa tempo um para o outro, logo, logo o relacionamento vai esfriar. Todo mundo sabe que é impossível amar alguém que a gente não conhece, certo?

– Certo.

Ele continuou:

– Pois é, com Deus é a mesma coisa. Ele também nos ama muito e quer desenvolver um relacionamento pessoal conosco. Mas como Ele é Deus e sabe de tudo, Ele sabia que a gente teria milhões de coisas para fazer e nunca iria separar um tempo para ficarmos juntos. Então, Deus simplificou as coisas. Na própria criação, Ele separou um dia santo, no qual os seres humanos teriam 24 horas para se desligar de todo o resto e assim poderiam investir só no relacionamento deles com Deus. Não é bonito?

– Uau! É lindo demais. Quem dera se todas as pessoas que eu amo estivessem dispostas a separar um tempo especial só para investir no relacionamento.

Nina olhou para a linha do horizonte onde o mar e o céu se encontravam. Ela estava tentando assimilar as coisas maravilhosas que tinha ouvido. Ela pensou que, ao estudar sobre o sábado, iria aprender apenas sobre uma doutrina. Ao contrário do que tinha pensado, estava descobrindo um Deus que a amava tanto que fazia questão de separar um dia só pra eles se conhecerem melhor. Ela queria descobrir mais detalhes sobre o assunto. Então olhou novamente para Tiago e disse:

– E os dez mandamentos? Eu me lembro de que, hoje de manhã, o pessoal lá da classe disse que a gente guardava o sábado por causa dos dez mandamentos.

– Pra tirar esta dúvida é só ler o que está escrito em Êxodo 20. Só vou checar o verso. – Tiago folheou a revista e viu a referência do quarto mandamento. – Está aqui, dos versos 8 a 11.

Nina procurou cuidadosamente o livro de Êxodo e começou a ler:

– “Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor, teu Deus; não farás nenhum trabalho, nem tu, nem o teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o forasteiro das tuas portas para dentro; porque, em seis dias, fez o Senhor os céus e a Terra, o mar e tudo o

que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou.”

Ainda com a Bíblia aberta em Êxodo, Nina exclamou:

– Mas isso aqui está muito claro! Como tantas igrejas podem guardar o domingo, se a Bíblia diz claramente que Deus escolheu o sábado como dia santo?

– Ah, Nina, isso é uma longa história. Eu não conheço direito, mas aí na sua revista deve ter alguma coisa sobre isso.

Nina começou a folhear a revista e achou um artigo com o seguinte título: “A guarda do domingo e a ressurreição de Jesus”. Ela passou os olhos no artigo e, depois de alguns momentos, comentou:

– É, aqui diz que muita gente guarda o domingo porque foi o dia em que Jesus ressuscitou. – Coçou a cabeça, confusa. – Jesus mudou o dia de guarda depois de Sua ressurreição?

– Nunca encontrei na minha Bíblia nenhuma passagem que fale que Jesus mudou o dia de adoração do sábado para o domingo.

– Quer dizer que as pessoas que guardam o domingo não estão seguindo nenhum texto bíblico?

– É. A maioria das pessoas segue a tradição e nunca se preocupou em buscar a verdade na Bíblia. Empresta a revista aqui. Quero ver uma coisa.

Nina colocou a revista nas mãos de Tiago, que, depois de alguns momentos, leu em voz alta:

– “Muitos cristãos guardam o domingo porque acreditam que os dez mandamentos foram escritos somente para o povo de Israel. Acham que, depois que Jesus morreu na cruz, os dez mandamentos foram abolidos. Esse argumento é incompatível com os ensinamentos bíblicos, pois Deus estabeleceu a santidade do sábado no jardim do Éden (Gn 2:1-3; Mc 2:27), mais de 2.500 anos antes de entregar os dez mandamentos para o povo de Israel. Além disso, os dez mandamentos são normas criadas para estabelecer como deve ser a relação entre Deus e os seres humanos e a relação entre as pessoas (Mt 22:36-40). Se os mandamentos foram abolidos, nós podemos matar, adulterar, roubar, mentir, que não é errado. Os dez mandamentos são parâmetros para manter uma sociedade saudável. O próprio Jesus disse que Ele não veio para abolir a lei, mas para cumpri-la (Mt 5:17-19).”

– Que coisa séria... – Nina estava pensativa. – Pelo visto, então, essa história de lei dominical vai contra a vontade de Deus. A nossa igreja não vai mudar o dia dos cultos, né?

– Provavelmente não, Nina. Ainda não sei as implicações disso, mas alguma consequência deve ter... – Tiago sentiu um frio na espinha ao lembrar-se das histórias dos cristãos que foram perseguidos na Idade Média. Tentou afastar da mente esse pensamento.

Pela primeira vez, naquela tarde, Nina estava quieta. Naquele momento, muitas das verdades

bíblicas que ela havia descoberto começavam a tomar uma dimensão ainda maior. Nina folheou sua Bíblia com cuidado e abriu mais uma vez em Êxodo 20. Tiago a observava, interessado, pois não tinha a mínima ideia do motivo por que ela havia aberto a Bíblia de novo. Depois de percorrer os olhos sobre o texto, Nina disse:

– Desculpe insistir no assunto. Mas eu tive a impressão de que tinha lido que a gente não deve trabalhar no sábado.

Apontando para o quarto mandamento, Nina exclamou:

– E o pior é que é verdade. Olha aqui, Tiaguinho. E aí, o que isso significa?

Rindo, ele repetiu as palavras que ela havia proferido:

– Isso significa que a gente não deve trabalhar no sábado.

– Ah, você está de brincadeira comigo! Então, como é que eu já o vi estudando pra prova um monte de vezes no sábado? Sua profissão é estudante; então, estudar é seu trabalho.

A expressão de Tiago mudou. Ele engoliu em seco e tentou se explicar pausadamente:

– Olha, Nina, o que eu fiz estava errado. E quanto mais você conhecer da Bíblia, mais vai perceber que eu estou longe de ser um bom cristão. Pra ser sincero com você, há muito tempo que não estou tão envolvido com as coisas da igreja. De certa forma, você está me motivando a falar e fazer coisas que eu não fazia há muito tempo.

Nina parecia estar desapontada.

– Mas como você consegue viver assim, sabendo toda a verdade e simplesmente decidindo fazer as coisas erradas?

Tiago pegou suavemente na mão de Nina:

– Você tem que entender que, às vezes, é muito mais fácil pra uma pessoa como você seguir as verdades bíblicas do que para uma pessoa como eu. Você é sincera e agora está descobrindo a vontade de Deus para sua vida. Por muito tempo você foi infeliz e não sabia por quê. Agora que encontrou a Cristo, Ele é o centro da sua vida. Comigo é diferente. Durante minha vida toda, eu ouvi que Deus me amava e que tinha um plano pra mim. Com o passar do tempo, ir à igreja se tornou uma obrigação. Essas regrinhas, inclusive o mandamento do sábado, eram pura chateação. O que eu mais queria era viver a vida que você vivia. Eu queria curtir.

Apertando a mão do amigo, Nina perguntou:

– Mas sua consciência não doía?

– É claro que doía. Só não queria assumir isso. Sempre que tinha uma festa, eu era o primeiro a ficar bêbado. Sempre que os meus amigos tinham cigarro, eu era o que mais fumava. E, de vez em quando, até me drogava. E sabe por que eu fazia isso? Quando estava bêbado ou drogado, eu não me sentia um lixo por ter decidido conscientemente fazer coisas erradas. Ah,

Nina, você nunca vai me entender. Sinto muito se a decepcionei.

Agora, Nina olhava calorosamente para Tiago. Ela sussurrou:

– Meu amigo, você já me ajudou tanto. Eu também quero ajudar você a aprender a amar esse Deus que você está me apresentando.

O Sol parecia uma bola de fogo tocando a linha do horizonte. O *dégradé* colorido do céu ia do azul-escuro ao lilás, rosa, vermelho e laranja. As primeiras estrelas apareciam. Tiago e Nina apreciavam esse espetáculo com as mãos entrelaçadas. O som das ondas batendo nas rochas se misturava com as vozes das últimas pessoas que estavam na praia. Eles sentiam ter parado no tempo. Quando, finalmente, o horizonte engoliu o Sol, Tiago sussurrou:

– Boa semana, Nina.

Ela olhou pra ele, sem entender nada. Tiago explicou:

– O sábado que começou ontem na hora do pôr do sol acabou de terminar. Agora nós temos mais uma semana pela frente.

Ele passou a mão suavemente no rosto de Nina, enquanto sussurrou:

– Obrigado por estar do meu lado no sábado mais importante de toda a minha vida.

Abrindo os olhos, Tiago percebeu que não estava na praia. Ele estava no seu quarto, com o livro de Anatomia aberto em cima da escrivaninha. Ao levantar da cama, sorriu satisfeito. Os minutos em que havia pensado em Nina o tinham animado para continuar estudando para a prova do dia seguinte. Ao jogar-se na cadeira em frente à escrivaninha, pensou alto: *Tente se concentrar, pois ainda tem muito que aprender...*

CAPÍTULO

IX

A biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia estava quase fechando. Uns poucos alunos ainda estavam sentados às mesas do grande prédio, concentrados na leitura. Era tarde e Júlia estava cansada. Havia passado a tarde toda estudando para o concurso público. Empurrando a pilha de livros para o lado, esticou as costas e os braços. Sua cabeça doía. Não aguentava ficar naquele lugar por nem mais um minuto.

Enquanto ajuntava suas canetas, lápis e folhas de papel espalhadas pela mesa, ouviu uma voz familiar. Virando-se, sorriu ao ver um homem charmoso, muito bem vestido e de cabelos levemente grisalhos conversando com a bibliotecária. Era Fernando, seu amigo de infância, que tinha se tornado um professor universitário de renome. Mais do que depressa, Júlia se levantou e começou a andar na direção dele. Ao ver a amiga, despediu-se da bibliotecária e deu alguns passos até encontrá-la entre as prateleiras de livros.

– Júlia? – sussurrou admirado. – Nossa! O que você está fazendo por aqui? Nunca esperava encontrar você aqui!

– Ué, por que não? Já tem dois meses que estou fazendo um curso para prestar concurso público. Quero ser promotora.

– Sério? Que ótimas notícias! Já tinha passado da hora de investir em si mesma!

Ela ficou sem jeito com a reação do amigo. Percebendo o desconforto dela, ele disse:

– Desculpe, Júlia. Não devia ter sido tão sincero com você. A verdade é que sempre achei uma mulher muito inteligente e bonita. Honestamente, depois que casou, você se apagou muito.

– Eu sei, Fernando. Por muito tempo fiquei mesmo acomodada. Mas isso são águas passadas. Ainda posso realizar muita coisa. Por isso, decidi voltar a estudar.

– Tenho certeza de que você vai se realizar muito... Ei, tive uma ideia! Que tal sairmos pra jantar? Queria conversar um pouco com você. Faz tanto tempo!

Júlia estava morrendo de fome. Mesmo assim, ficou em dúvida se era sensato dizer a verdade para o amigo. Depois de alguns momentos, respondeu timidamente:

– Na verdade, estou com um pouco de fome, sim. Estava arrumando minhas coisas para ir para casa.

Abrindo um sorriso, ele disse:

– Ah, então eu faço questão de levar você pra comer num restaurante italiano muito bom, de um amigo meu.

Júlia checou seu relógio de pulso. Já eram quase 21h30. Laércio devia estar esperando que chegasse em casa para que fossem fazer compras no supermercado. Seu semblante mostrava a dúvida.

– Não sei se devo ir, Fernando. Tinha combinado fazer outra coisa com o Laércio.

– Ah, Júlia, vai ser rapidinho. Além do mais, faz um tempão que a gente não conversa. Tenho certeza de que o Laércio não vai se incomodar.

Fernando pegou no braço de Júlia e começou a guiá-la até a mesa onde havia deixado suas coisas.

– Vamos rapidinho, que eu garanto que você vai estar em casa em menos de uma hora.

Júlia raciocinou que ele tinha razão. Não custava nada sair para jantar fora com um velho amigo. Ajuntou suas coisas e os dois se dirigiram até o carro dela, que estava estacionado na rua. Olhando para o amigo, perguntou:

– Esse restaurante é muito longe?

– Não, fica a umas três quadras daqui. Vamos caminhar. A noite está bem agradável.

– Boa ideia, preciso mesmo de um pouco de ar fresco.

Júlia colocou a pasta e alguns livros no porta-malas do carro.

– Pronto! Podemos ir.

Fernando abriu um sorriso com o canto da boca e apontou para onde deveriam ir. O vento fresco da noite mineira balançava os cabelos cor de ouro de Júlia. Eles caminhavam lado a lado, trocando algumas palavras. Para ela, a companhia de Fernando era muito agradável. Júlia o admirava por ser um homem intelectual e bem-sucedido. Depois de alguns momentos que estavam andando, Fernando disse:

– Sabe, Júlia, foi muito bom ter encontrado você hoje. Estava mesmo precisando conversar com alguém sobre uma coisa particular, mas não sabia com quem.

Júlia se sentiu lisonjeada que ele a tivesse escolhido para falar desse assunto secreto. Tentando esconder a curiosidade, disse:

– Pode falar, Fernando.

– Não sei exatamente como lhe contar – hesitou. – Faz uns cinco meses que a Cida e eu nos separamos.

Arregalando os olhos, Júlia não pôde esconder sua surpresa ao saber que o amigo estava separado da esposa. Ainda se lembrava da belíssima cerimônia de casamento que havia presenciado havia 15 anos. Parecia que eles tinham sido feitos um para o outro. Com tom de decepção na voz, ela perguntou:

– Mas o que aconteceu, Fernando?

– O tempo esfriou o nosso amor. No começo, tinha muita química. Depois, o relacionamento caiu na rotina e aquele amor acabou. Além do mais, a Cida estacionou no tempo. Parou totalmente de estudar. Não era mais aquela mulher intrigante com quem me casei. Ah, sei lá... Acabou.

– Nossa, sinto muito. Deve ser horrível essa experiência da separação.

– Olha, pra ser sincero, pensei que seria pior. De certa forma, estou crescendo muito com essa experiência. Estou mais livre para ser eu mesmo e me desenvolver como pessoa. Acho que as pessoas toleram um casamento infeliz por muito tempo, por medo de ficar sozinhas, quando, na verdade, seriam muito mais felizes sem um cônjuge que as tolhe.

Júlia sentiu um friozinho na barriga. Parecia que tudo que ele dizia se aplicava a ela. Quanta coisa ela teve que sacrificar pelo Laércio. Quantas vezes teve que abrir mão da sua vontade pelo bem comum da sua família. Com certeza, conseguia se identificar com o que Fernando dizia. Mesmo assim, sentia-se desconfortável por estar assumindo que, no fundo, concordava com o que ele dizia.

– Júlia...

Ela olhou para Fernando, que apontava para um restaurante na esquina da rua que tinha grandes janelas de vidro.

– Chegamos.

Os dois atravessaram a rua e Fernando abriu a porta do restaurante para Júlia entrar. O clima dentro do pequeno restaurante era bem aconchegante. A iluminação era indireta. Em todas as mesas, havia um arranjo de flores silvestres e uma vela. Os garçons vestiam um uniforme preto e branco. Nas paredes, havia quadros com pinturas de paisagens da Itália: plantações de parreiras, colinas verdes, camponeses colhendo uvas. A parede no fundo do restaurante tinha um suporte de madeira que guardava muitas garrafas de vinho. O cheiro de comida italiana impregnava o ar.

Fernando guiou Júlia até uma mesa no canto do restaurante, perto da larga janela de vidro. Ali, eles poderiam comer olhando as pessoas que passavam na rua. Ao chegarem à mesa, ele puxou a cadeira para ela sentar. Júlia estava apreciando o cavalheirismo do amigo.

Naquela noite, Júlia e Fernando conversaram animadamente sobre os seus planos. Durante o jantar, ele elogiava a inteligência e beleza da amiga. Quando isso acontecia, ela mudava de assunto. Mas, de certa forma, estava gostando de tudo que estava acontecendo.

No final do jantar, o garçom entregou uma pastinha de couro preta com a conta para

Fernando. Abrindo a carteira, ele escolheu um dos muitos cartões de crédito que tinha. Entregou o cartão para o garçom e disse para Júlia:

– Não se preocupe, o jantar de hoje fica por minha conta.

Júlia ainda tentou argumentar, mas foi em vão. Nesse momento, o celular tocou. Era Laércio. Os ponteiros de seu relógio marcavam 23 horas. Ela não atendeu à ligação e começou a maquinar o que diria para o esposo, quando chegasse em casa.

O momento era festivo. Iniciavam-se as Olimpíadas do Colégio Adventista Catarinense. Os alunos estavam reunidos no ginásio de esportes para acompanhar o primeiro jogo de basquete da temporada. Do lado esquerdo do ginásio e da quadra, era possível acompanhar o confiante time e a torcida do terceiro ano. Os heróis já consagrados do time arremessavam a bola na cesta preparando-se para o início da partida. Enquanto isso, várias meninas da turma, que estavam encostadas na grade que separava o público da quadra, celebravam cada acerto e diziam palavras de apoio para aqueles que erravam.

Do outro lado do ginásio, os alunos do 1º ano pareciam saber o resultado da partida antecipadamente. Era quase impossível vencer o 3º ano. Eles eram mais altos, experientes e tinham melhores jogadores.

Na última fileira da arquibancada, Letícia e Rogério aproveitavam o momento de descontração para conversar.

– Que legal! O pessoal aqui do colégio leva esse negócio de olimpíadas bem a sério...

– E como! A Camila me disse que, no ano passado, o time de basquete da turma do 2º ano venceu os formandos na final. Ninguém esperava esse resultado, por isso hoje o time está tão tranquilo. Acham que vencer esses meninos do 1º ano vai ser moleza.

O apito do juiz soou, os jogadores se posicionaram no centro da quadra e a bola laranja foi jogada para o alto. O camisa 5 do terceiro ano puxou a bola para si com rapidez e se dirigiu correndo para o lado esquerdo da quadra. O camisa 7 do primeiro ano bloqueou sua passagem. O jogador do 3º ano lançou a bola para o camisa 10 do outro lado da quadra. Imediatamente, o portador da bola lançou-a para a cesta e marcou dois pontos. Os gritos da torcida do terceiro ano inundaram o ginásio. Nesse momento, Rogério sentiu seu bolso tremer e avisou:

– Meu celular está tocando – segurou o aparelho na mão e viu quem estava ligando. – É minha mãe.

Abrindo o aparelho, falou alto:

– Oi, mãe, estou aqui no CAC. Estou assistindo a um jogo de basquete. Ligo depois... Agora? Urgente? Espera aí, que vou lá fora e já te ligo.

Segurou no braço de Letícia e disse:

– Vou atender lá fora. Já volto.

Rogério desceu as arquibancadas do ginásio, tentando se desviar dos torcedores mais empolgados. Mesmo assim, descia esbarrando nas pessoas. Sua mente estava concentrada no tom de voz de sua mãe. Do jeito que tinha falado sabia que alguma coisa havia acontecido... mas o quê? Em sua mente, ele cogitava:

“Será que meu irmão bebeu mais uma vez em uma festinha e se meteu em confusão? Pior ainda, e se ele bateu o carro? Ah, pode ser o vovô... Ele tem hipertensão e já teve ameaça de infarto. Isso não pode ser. Falei com ele ontem e me disse que estava se sentindo bem. Então deve ser o casamento da tia Luiza, que todo mundo sabe estar por um fio. Será que o tio Gumercendo aprontou de novo e ela decidiu sair de casa? De repente, a tia Luiza pediu pra mamãe deixa-lá ir com as crianças morar lá em casa por um tempo... É, deve ser isso.”

O turbilhão de possibilidades jorrava por sua mente, nos minutos infindáveis que se arrastavam, até que finalmente se viu só, sentando em um banco debaixo de uma árvore frondosa e apertando o botão do celular. Enquanto aguardava que sua mãe atendesse ao telefone, tentou afastar da mente as inúmeras possibilidades que o deixavam quase com náusea.

– Oi, mãe, sou eu. Diga logo o que está acontecendo. Seu tom de voz me deixou preocupado.

– Tico querido... não queria estragar seu fim de semana, ainda mais agora que finalmente foi visitar sua noiva, mas o que aconteceu é sério mesmo.

– Vai mãe... não enrola – interrompeu, com voz angustiada.

– É o seu pai... Ele está muito doente.

– O que meu pai tem, mãe? Deixe-me falar com ele?

– Ele está dormindo agora... Tico, descobrimos que seu pai tem câncer. Rogério fechou os olhos e apertou o celular com força. Sentia perder o chão. Não podia acreditar no que estava ouvindo. Respirou fundo, na intenção de absorver todo o ar que pudesse, pois parecia que não havia sobrado ar em seus pulmões. Trêmulo, balbuciou:

– Como assim, mãe? Câncer, onde?

– No intestino, meu filho... Já está bem avançado e tem metástase em outros órgãos.

– Mas meu pai sempre foi tão saudável, vegetariano, não pegava nem gripe? Como isso foi acontecer? Como não descobrimos antes?

– Essas coisas acontecem, meu filho... – ele sabia que até esse ponto sua mãe lutava para não chorar, mas não estava mais conseguindo esconder a aflição. – Seu pai está confiante na vontade de Deus. – Agora ela chorava. – Disse que está pronto para fazer o tratamento e que vai lutar até o fim.

– Calma, mãe... não fique assim. Amanhã mesmo pego o avião e vou pra casa ficar com vocês.

Rogério também procurava fingir que as lágrimas abundantes não desciam pelo seu rosto. Como em um filme, as memórias que tinha de seu pai começaram a passar rápido em sua mente: a noite de Natal quando, sob os olhos felizes de seu pai, rasgou o papel de presente colorido que envolvia o carrinho de controle remoto de seus sonhos; a presença do pai nos recitais de piano e o orgulho em aplaudir seu desempenho no final da apresentação; os jogos de futebol no quintal de casa; as viagens em que acampavam de barraca; os cultos em família; os passeios de bicicleta; a alegria de seu pai no dia em que foi eleito deputado; os olhos marejados de seu pai ao entregar o certificado na formatura de jornalismo...

– Tico, não venha amanhã, não. Fique aí com a Letícia e espere a gente ter um quadro melhor. Seu pai fez uma bateria de exames e amanhã o médico vai nos dizer o que deve ser feito... Só quero que você ore pelo assunto.

– Vou orar sim, mãe, pode deixar. Amanhã ligo pra saber o que o médico disse e combinar minha viagem.

– Fique com Deus, meu filho.

– Beijo, mãe. Mande um beijão para o pai e saiba que amo muito vocês.

Dentro do ginásio, Letícia acompanhava o jogo com atenção. Entre uma jogada e outra, se deu conta de que Rogério estava demorando muito para voltar. Como tinha ouvido que o assunto com a sua mãe era urgente, ficou preocupada e decidiu ir atrás dele.

Saiu do ginásio e, enquanto seus olhos se adaptavam com o ambiente mal iluminado do gramado coberto de árvores que rodeava o ginásio, começou a procurar seu noivo. Avistou-o sentado em um banco a uns duzentos metros. Percebeu que tinha a cabeça enfiada entre as mãos, que estavam apoiadas no joelho. Aproximou-se vagarosamente e colocou a mão suavemente sobre seu ombro.

– Tico, está tudo bem?

Ele levantou a cabeça, deixando à mostra os olhos que cintilavam no escuro.

– Tinha, ainda não consegui acreditar no que está acontecendo.

Ela não disse nada, queria que ele se sentisse à vontade para compartilhar – ou não – o ocorrido. Segurando a mão da noiva, sussurrou:

– Vi tanto sofrimento lá na China. Sempre agradecia a Deus por proteger as pessoas que amo. E agora acontece isso; é muito irônico.

Letícia entrelaçou o pescoço de Rogério com seus braços e puxou carinhosamente a cabeça dele até seu ombro. Ele respirou fundo e disse:

– Meu pai... Ele está com câncer. Minha mãe ligou pra avisar.

As lágrimas rolavam em seu rosto.

– Meu pai sempre foi um homem honesto e trabalhador. Até foi contra a votação da lei dominical no Congresso. Isso lhe custou alguns inimigos, mas ele fez o que sabia ser o certo. E agora, acontece isso?

Letícia olhou para o céu. Nesse momento, preferiu ficar calada. Não podia imaginar a dor que ele estava sentindo, mas queria que soubesse que estaria ao seu lado para enfrentar a situação. Ficaram assim por alguns minutos e Rogério começou a se acalmar.

– Não é justo, Tinha...

Acariciando suas mãos, Letícia disse suavemente:

– Este mundo é mau e cheio de pecado. Deus não é o responsável pelo sofrimento ou pela doença do seu pai.

– É, pode não ter sido Deus que fez meu pai adoecer, mas Ele permitiu que isso acontecesse.

– Tico, Deus é soberano e eterno. Ele sabe o fim desde o começo. Agora talvez não possamos entender o porquê dessa situação. Mas Deus nos ama muito. E sempre quer o melhor para os Seus filhos.

– Se Deus me ama, Ele vai curar meu pai...

Letícia enxugou uma lágrima que descia pela face do noivo. Seus olhos mostravam dúvida e raiva.

– Tenha fé, meu amorzinho. Confie em Deus.

– Ah! Então você quer que eu fique feliz com Deus porque meu pai está doente?

– Não, Tico. No Salmo 23, Deus diz que vamos passar pelo vale da sombra da morte, mas que Ele estará conosco enquanto passamos por esse vale. Ele será o nosso conforto e consolo. Você pode ficar triste com essa situação, mas tenha seu coração nas mãos de Deus. Aceite Sua soberania e o plano que tem para a vida do seu pai e de sua família.

– Que diferença isso vai fazer?

– A diferença é que, quando você acredita de todo o coração que “Deus age em *todas* as coisas para o bem daqueles que O amam” (Romanos 8:28, Nova Versão Internacional), experimenta “a paz que excede todo o entendimento” (Filipenses 4:7). O Senhor recebe permissão para atuar na situação da maneira que achar melhor segundo Sua sabedoria. Na verdade, a Bíblia vai além. Ela diz: “Em *tudo*, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 Tessalonicenses 5:18).

Rogério tinha a feição tensa. Ele pensava nas palavras da noiva. Como conseguiria confiar em Deus de tal maneira que pudesse dar graças *em* tudo (embora não *por* tudo)? Era duro demais. Ao mesmo tempo, sabia que, sem a força de Deus, não conseguiria passar por essa situação.

– Tinha, tenho medo de confiar em Deus e a vontade dEle ser diferente da minha. Pelo que minha mãe disse, meu pai está muito doente e tem mais chances de morrer do que de viver. É um jogo praticamente perdido.

– Deus pode virar o jogo, se isso for o melhor dentro de Seus planos eternos. Nesse jogo, tudo pode acontecer, pois quem está na quadra lutando não é você, e sim o Rei dos reis. Confie no Senhor e Ele vai lhe dar forças diariamente para vencer os desafios que surgirem.

Rogério esfregou os olhos. Abriu um sorriso tímido e disse:

– Você tem razão. Minhas lágrimas não vão ajudar em nada. Vou tentar confiar no Senhor. Para Deus, tudo é possível, certo?

Levantou e puxou Letícia pela mão. Ao passarem na frente do ginásio, notaram que os alunos do lado direito haviam invadido a quadra e estavam pulando, gritando, celebrando junto com os jogadores. Ao olhar para o placar digital posicionado no fundo do ginásio, ficaram surpresos. O time do 1º ano havia vencido o jogo.

CAPÍTULO

X

A academia de ginástica Total Body era a mais badalada da Barra da Tijuca. Todos os dias, os riquinhos que moravam no bairro lotavam os três andares do prédio.

Naquela noite, Nina estava exausta. Havia trabalhado como estagiária a tarde toda em uma clínica para dependentes químicos. Isso a deixava muito cansada mentalmente. O exercício físico era a única coisa que a fazia relaxar. Então, foi direto do estágio para a academia pedalar na bicicleta ergométrica. Na verdade, tinha o costume de ir à academia todas as noites. Ali encontrava suas amigas, relaxava e mantinha a forma.

Enquanto pedalava, Nina conversava com Juliana e Renata, que discutiam as novidades da moda outono-inverno e reclamavam do frio que não chegava.

– Comprei uma bota linda, mas com esse calor não vai dar pra usar – reclamou Renata.

– É tudo culpa do aquecimento global – explicou Juliana, que era aluna do último ano do curso de Biologia. – A temperatura do planeta subiu quase 2°C, se compararmos com 1960.

– E qual é o impacto que isso pode ter em nossa vida, além, é claro, da impossibilidade de usar minha bota nova?

– Ora, Renata, esse aquecimento é responsável pela mudança brusca de temperatura em todo o mundo. Alguns estudos revelam que o aquecimento global agrava a força dos furacões, o derretimento das calotas polares, causa grandes enchentes... Enfim, precisamos mudar nosso estilo de vida ou acabaremos com o planeta.

A conversa de Juliana e Renata estava interessante. Nina começou a pensar no estilo de vida frenético dos moradores do Rio de Janeiro e de outras grandes cidades. Como seria possível mudar esse estilo de vida para salvar o planeta? Era inconcebível deixar de usar carro, não depender de energia elétrica e abandonar tantos outros costumes que, aparentemente, estavam afetando a natureza. Estava absorta em seus pensamentos, quando um comentário de Juliana chamou sua atenção:

– Um professor da faculdade disse que, em um momento de crise global, os países terão que se unir e tomar ações efetivas para reverter o problema.

– Que tipo de ações, Ju? – perguntou Nina, interessada.

– Podemos nos comprometer a não usar o carro durante um dia da semana. Já pensou no impacto positivo disso? – respondeu, sorrindo.

– Nossa, mas a situação teria que estar muito complicada para chegarmos a um extremo desse. Será que as pessoas iriam concordar?

– Nina, se for lei, todo mundo concorda. Por que você acha que estão criando a lei dominical? Meu professor falou que tudo indica que a lei, além de outras coisas, pretende evitar que terminemos de destruir o planeta. A ideia é que as pessoas deixem de usar seus carros aos domingos...

Nina ficou preocupada com o comentário de Juliana. Tinha ouvido um sermão na igreja sobre a lei dominical e sabia que iria impactar a vida de todos os brasileiros. Só não imaginava que o discurso politicamente correto dos ambientalistas seria utilizado pela AEM para convencer os governantes a aderir à nova lei.

– Estou cansada de fazer ergométrica – disse Juliana, enquanto apontava para um rapaz alto, loiro e musculoso que tinha acabado de chegar na sala de musculação. – O meu *personal trainer* chegou. Tchauzinho!

Renata se levantou e seguiu a amiga, que estava toda espreitada com a aparição do professor de musculação. Nina apoiou os braços no guidão da bicicleta e pensou: *Meu Deus, onde este mundo vai parar?* Olhando no relógio, viu que já eram quase sete e meia. Ela tinha combinado de sair para jantar com Tiago às oito horas. Passando uma toalha no rosto suado, dirigiu-se ao vestiário, abriu a fechadura do armário, pegou suas coisas e foi tomar um banho.

Alguns minutos depois, foi para a entrada da academia, onde Tiago a esperava dentro do Gol da tia Ester. Ao ver Nina, ele desceu do carro e o rodeou para abrir a porta do lado do passageiro. Com um sorriso nos lábios, ela sussurrou, enquanto o saudava com um beijo em cada bochecha:

– Ah! Tiaguinho, ainda não sei como estou conseguindo resistir ao seu charme por tanto tempo.

O coração de Tiago disparou e suas pernas travaram. Tentou fingir que aquele comentário não o havia afetado, ajudou-a a sentar e fechou a porta do carro. Enquanto rodeava o automóvel, maquinava a próxima coisa que diria. Não podia perder aquela chance por nada no mundo. Ao sentar no banco do motorista, olhou para a amiga e sugeriu:

– Bem, a gente tinha combinado de ir tomar um sorvete no *shopping*. Mas, depois desse comentário, eu quero levar você a um lugar especial.

– Onde? – perguntou intrigada. – Eu não estou vestida pra ir a um lugar muito chique. Fora isso, meu cabelo está pingando.

– Não se preocupe, você está linda como sempre. Acho que a gente tem que conversar. Você não acha?

Ela respondeu com um olhar maroto, que ele recebeu como sendo um sim. Tiago respirou fundo e virou a chave no contato. Enquanto dirigia velozmente pela Avenida das Américas, Nina procurava sintonizar sua rádio favorita. Quando encontrou a estação de MPB, jogou o corpo para trás, encostou a cabeça no banco e começou a olhar para Tiago. Ele estava tão tenso que nem percebia o jeito carinhoso com que aqueles olhos verdes o contemplavam.

Por alguns minutos, um silêncio desconcertante predominou. A única coisa que se podia ouvir era a voz de Djavan cantando. O pequeno carro cruzou túneis, ruas, avenidas, e os dois continuavam absortos em seus mundos. Finalmente, Tiago entrou numa rua que os levava para a Lagoa Rodrigo de Freitas. Poucos momentos depois, parou o carro num estacionamento grande em frente a muitos quiosques com música ao vivo.

Enquanto se dirigiam para uma mesa de plástico branco perto do famoso Quiosque do Alemão, Nina entrelaçou o braço no braço forte de Tiago.

– Como pude me preocupar? Você nunca dá bola fora, né? O lugar é perfeito. Tem até vista para o Cristo Redentor!

Ele respondeu com um sorriso satisfeito. Puxou a cadeira para ela sentar e acomodou-se na cadeira à sua frente. Tinha chegado o momento que Tiago esperava desde a primeira vez que viu Nina. Tudo parecia estar perfeito. À sua frente, estava o espelho d'água da lagoa que refletia as luzes da cidade, a lua cheia e o Morro do Corcovado. A banda tocava músicas de Tom Jobim e os olhos inquietantes de Nina estavam postos sobre ele. Tiago, por sua vez, estava perdido em seus pensamentos, quando foi surpreendido:

– Você acabou de me convencer de que minha teoria estava errada.

– O quê? – perguntou, ainda desnortado.

– É sério. Por muito tempo acreditei que poderia existir amizade sincera entre um homem e uma mulher. Na verdade, queria que você fosse a prova de que minha teoria estava certa.

Nina estava quebrando o gelo, Tiago sorriu aliviado. Ela continuou:

– Olha, Tiago, eu queria lhe agradecer pela paciência. Aquela vez que você veio falar comigo sobre os seus sentimentos, eu fiquei com medo de estragar a nossa amizade. Foi por isso que lhe disse que pra mim você era apenas um bom amigo.

– Você mentiu, né? – seus olhos cor de mel brilhavam esperançosos.

Ela respondeu positivamente com a cabeça. Mostrando um sorriso sincero, ele sussurrou aliviado:

– Eu sabia!

– Se você sabia que eu gostava de você, por que nunca mais tocou no assunto?

Tiago colocou os cotovelos em cima da mesa e fez sinal para Nina se aproximar. Então,

disse bem baixinho e pausadamente no pé do ouvido dela:

– Não toquei no assunto por pirraça.

Ela encostou-se novamente na cadeira, cruzou os braços, abaixou a cabeça e disse sorrindo:

– Pois é, seu pirracento, funcionou! – fitou os olhos dele. – Já estava ficando cansada de esperar por uma segunda chance.

Tiago colocou a mão suavemente sobre as mãos macias e mornas da amiga.

– Nina, você sabe que comigo você teria quantas chances quisesse. Só não toquei mais no assunto porque queria que você descobrisse sozinha o que realmente sente por mim. Além do mais, o que sinto por você é verdadeiro, como nunca senti por ninguém em toda a minha vida. – Ele interrompeu a frase, respirou fundo e continuou: – Esperar por você não foi nenhum sacrifício.

Os olhos de Nina brilhavam. Um calor diferente aquecia seu coração. Ela nunca antes ouvira palavras tão sinceras como aquelas. Agora, sabia que Tiago gostava dela como pessoa. Ele conhecia suas limitações e qualidades. Tinha sido seu amigo por quase quatro meses e sempre a havia respeitado, apoiado e ajudado. Nina apertou bem forte as mãos de Tiago:

– Ti, hoje eu vejo que valeu a pena a espera. Eu queria ter certeza de que a gente ia fazer as coisas do jeito certo. Você sempre foi muito especial para acabar sendo simplesmente mais um namorado. Acho que esse tempo foi bom para nós dois aprendermos a ter paciência e para a nossa amizade crescer. Sabe, orei muito sobre esse assunto e tenho certeza de que Deus vai nos guiar daqui pra frente.

Tiago levantou e puxou Nina suavemente para perto de si. Ele a abraçou com ternura por alguns momentos. Depois, deu um beijo suave nos seus lábios e, abraçando-a novamente, disse:

– Vou lhe fazer muito feliz!

– Corre, Zezé; quem chegar por último é mulher do padre.

Pedrinho gritou, ofegante. A sua jugular quase lhe saltava do pescoço. Seu rosto rosado estava molhado de suor, mas seus olhos brilhavam ao desafiar o irmão mais novo. Os dois meninos tinham acabado de sair da escola. Agora, como de costume, estavam apostando corrida da escola até a chácara onde moravam.

Todos os dias, Totoca, o cachorro vira-lata da família, ia ao encontro dos meninos na hora em que estavam voltando da escola. Aí, a correria era grande. Pedrinho, de 8 anos, era maior e tinha pernas mais compridas. Zezé, de 6 anos, era mais esperto e veloz. Os meninos levantavam poeira na estrada arborizada que beirava o rio São Francisco. Totoca latia sem parar, enquanto acompanhava a correria desenfreada dos dois meninos.

Depois que a poeira baixava, podia-se ver Clara, a irmã mais velha, vindo atrás. Ela sempre chegava em casa depois dos irmãos menores porque, nessa correria, eles sempre derrubavam lápis, folhas com dever de casa, canetas e todo tipo de material escolar. A missão diária de Clara, que tinha 12 anos, era recolher tudo que os irmãos deixavam espalhado pelo caminho. Ela não se importava com isso, pois já estava acostumada a cuidar dos irmãozinhos travessos.

Da pequena cozinha de sua casa, Ana começou a ouvir ao longe as risadas altas dos meninos e o ladrar incessante de Totoca. Desligou o fogo embaixo da panela de polenta e ficou encostada no parapeito da porta da casa para esperar os filhos. Os dois meninos cruzaram os limites da chácara e logo frearam ofegantes na frente da mãe.

Ana deu uma olhada de baixo para cima nos dois meninos. Os chinelos de borracha e as pernas magras estavam cobertos de poeira. A roupa gasta estava suada e suja. Colocando a mão na cintura, reclamou:

– Olha a cor da roupa de vocês! Todo dia é a mesma coisa.

Passou a mão na testa quente e úmida de Zezé.

– Suado desse jeito, você não vai jantar. Pode fazer o favor de ir tomar um banho.

Os meninos jogaram os cadernos no chão e deram um grito:

– Êba!

Desceram o barranco em frente à choupana que os levava para as margens do rio São Francisco. Ana fitava-os de longe com um sorriso discreto nos lábios. Ela sabia que seus filhos davam trabalho, mas, no fundo, eram somente meninos. Os dois já tinham arrancado a camiseta e estavam prontos para pular nas águas verdes do rio. Lá de cima, Ana gritou:

– Não quero ver vocês dois indo pro fundo. Fiquem só na parte rasiinha.

Os dois abanaram os braços positivamente enquanto mergulhavam a cabeça na água morna. Nisso, Clara apareceu na curva da estrada. Carregava alguns livros nos braços. Ana foi ao encontro da filha, ajudando-a a carregar os livros.

– Oi, filhinha, como foi a aula?

Clara entrelaçou a mão no braço da mãe e respondeu:

– Foi boa. Hoje a professora leu uma história muito bonita pra gente. Eu até pedi o livro emprestado. Ela confiou tanto em mim que me deixou trazer o livro pra casa.

Ana passou a mão carinhosamente na cabeça da filha, enquanto as duas entravam na humilde casa. Clara molhou as mãos numa bacia de metal repleta de água. Chegou perto do fogão a lenha e espiou dentro da panela de polenta.

– Nossa! Estou morrendo de fome!

Enquanto lambia a ponta da colher de pau, notou que seu pai tinha chegado. Ele entrou e tirou o chapéu de palha, colocando-o sobre um toco de madeira perto da mesa da cozinha. Passando a mão nos cabelos pretos de Clara, disse:

– Filhota, vai ajudar os seus irmãos a se arrumarem para o jantar, vai?!

Obediente, Clara pegou um trapo de toalha de banho e correu barranco abaixo, até chegar onde seus irmãos estavam. Donato estava encostado no batente da porta, enquanto observava os filhos brincarem nas águas claras do rio. Agora os meninos jogavam água em Clara, que tentava se proteger com a toalha. Ana notou que o marido parecia preocupado com alguma coisa. Ele continuou quieto por alguns momentos, observando as crianças brincando no rio. Finalmente, fitou a esposa e disse:

– Ana, eu não sei o que vai ser de nós. Como sabe, não está dando pra gente sobreviver só com o dinheiro da pesca. Primeiro, porque minha barça é muito velha e vive precisando de conserto. Segundo, porque nós temos três filhos pra criar.

Donato tinha um olhar angustiado e a esposa não entendia o que estava acontecendo. Chegou mais perto do marido e perguntou:

– Donato, e o seu emprego na fazenda de cana-de-açúcar do coronel Mendonça? Eu pensei que a pescaria era só um meio de conseguir mais uns trocados. Na verdade, o que segura a gente é o seu trabalho na fazenda.

Donato começou a balançar a cabeça. O olhar intrigado de Ana começou a ficar marejado ao perceber que algo sério tinha acontecido. Examinou o marido por alguns instantes e adivinhou:

– Ele está implicando com o sábado?

Donato colocou as mãos entre as mãos dela.

– Está. Você sabe que todo mundo trabalha no sábado. Quando começamos a ir à igreja de Carminha pensei que daria pra conciliar. Agora não tenho coragem de trabalhar no sábado, porque sei o que a Bíblia diz. O problema é que hoje o coronel me disse que se faltar ao serviço mais uma vez perco o emprego. É a tal da lei dominical... No serviço disseram que agora não tem choro nem vela. É só uma questão de tempo.

Ana desencostou a cabeça do peito do marido. Os traços fortes do rosto dele estavam desfigurados. Ela sabia que Donato estava numa luta interior muito grande. Abraçando-o, sussurrou em seu ouvido:

– O Senhor vai cuidar de nós.

A dúvida no olhar de Donato fez subir um calafrio na espinha de Ana.

– A gente mudou pra cá buscando uma vida melhor. Agora que finalmente eu tinha um emprego, isso acontece. Às vezes eu acho que, se a gente não tivesse estudado a Bíblia com dona Carminha, nada disso teria acontecido.

Ana deu dois passos para trás e colocou a mão na cintura.

– Olha, Donato, eu até entendo que você esteja preocupado, mas o que você está falando aí é um pecado. Todo dia eu acordo, me ajoelho e agradeço a Deus por ter aprendido mais sobre a Bíblia.

Agora sua voz emitia mais emoção:

– Eu sempre tive medo de Deus e do inferno. Esta é a primeira vez que encontrei um Paizinho que me ama. Não troco isso por nada, por nada!

Donato sentou no toco perto da mesa e colocou a cabeça entre as mãos:

– Mas como a gente vai sobreviver?

Ana colocou as mãos no ombro do marido e disse:

– O Senhor vai abrir uma porta. Tem um verso na Bíblia que diz que “o meu Deus, segundo as Suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (Filipenses 4:19).

Ainda sentado, Donato abraçou a cintura da esposa, que estava de pé na sua frente. Olhando para cima, disse:

– Eu concordo com tudo que você está dizendo. Mas por que é tão difícil colocar isso em prática? Eu sei que Deus sempre cumpre as Suas promessas. Lembra o que aconteceu quando aprendemos que o nosso dinheiro não é nosso, mas é de Deus?

Ana abriu um sorriso:

– Não foi fácil pra gente seguir o ensinamento bíblico de devolver para Deus 10% de tudo que ganhamos. Nós começamos a separar todos os meses os nossos dízimos e ofertas, mesmo não tendo dinheiro sobrando. Deus foi fiel e sempre cuidou de nós. Ele cumpriu o que prometeu (Malaquias 3:10). É muito bonito saber que o Deus Todo-poderoso usa nosso dinheirinho para manter Sua obra aqui na Terra.

Donato levantou reanimado e abraçou a esposa. Nesse momento, Totoca apareceu na porta da casa todo molhado. Começou a sacudir o corpo freneticamente, enquanto espalhava gotas de água no chão de terra batida. Logo em seguida, as crianças entraram em casa correndo. Ao verem o pai e a mãe abraçados, começaram a brincar:

– Ih, tão namorando!

Ana chamou os filhos e todos se abraçaram. Donato sussurrou no ouvido da esposa:

– A gente é pobre, mas, graças a Deus, temos uma riqueza que muita gente cheia de dinheiro gostaria de ter e não tem. Nós somos felizes.

Naquela noite, havia vários carros estacionados na rua em frente à casa de Laércio. Algumas pessoas da igreja tinham se reunido na casa dele para estudar as profecias bíblicas. Havia algum tempo que Laércio tentava fazer reuniões na igreja para estudar as profecias sobre o fim dos tempos, mas, por qualquer motivo, ninguém parecia estar interessado no assunto. Finalmente, ele decidiu chamar três amigos que realmente tinham interesse em estudar as profecias, para virem à sua casa algumas noites da semana.

No começo, esse grupo era pequeno; mas, à medida que iam descobrindo as coisas maravilhosas que estavam para acontecer, começaram a convidar mais gente. Depois que todos estavam acomodados, Laércio iniciou a reunião.

– Que bom que vocês vieram hoje! Eu sei que todo mundo deve estar cansado do dia de trabalho, mas também tenho certeza de que Deus tem uma coisa muito especial para nos mostrar hoje. Vamos começar com uma oração. Alguém quer orar?

Uma senhora que estava sentada no sofá levantou a mão e começou a orar. Quando ela acabou de pedir a iluminação de Deus para o estudo daquela noite, Laércio disse:

– Bom, eu sei que a gente tem seguido um roteiro de estudos bíblicos até aqui. Mas, como vocês sabem, existem coisas horríveis acontecendo em várias partes do mundo. Novos ataques terroristas na Espanha, enchentes que estão destruindo diversas cidades de nosso país, terremotos... Isso sem falar da lei dominical que foi aprovada pelo Congresso em decorrência, especialmente, da grave crise financeira que estamos enfrentando. Pra muita gente isso não quer dizer nada. Mas Jesus deixou profecias na Bíblia mostrando que esses são sinais claros de que Ele está perto de voltar. O que vocês acham de estudarmos esses sinais?

– Acho que ia ser legal – disse Nelson, o garçom do Vegevida, que estava frequentando as reuniões havia um mês. Ele não tinha religião, mas tinha aceitado o convite de Laércio de tanto ele insistir. Agora, Nelson era uma das pessoas mais interessadas do grupo.

O dono da casa disse:

– Um bom lugar para começar é em Mateus 24. Ali Jesus está falando da destruição de Jerusalém e sobre o fim dos tempos. Jerusalém foi destruída sob a chefia de Tito em 70 depois de Cristo. A primeira parte da profecia de Jesus já se cumpriu, agora vamos ver o que o texto fala sobre os sinais da segunda vinda de Jesus. Capítulo 24, versos 3 a 6. Alguém pode ler para mim?

Dona Maria, uma senhora muito dedicada da igreja, começou a ler:

– “E estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a Ele os Seus discípulos em particular, dizendo: Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da Tua vinda e do fim do mundo? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane; porque muitos virão em Meu nome dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos. E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que tudo aconteça, mas ainda não é o fim.”

Quando ela acabou de ler, Nelson levantou a mão e disse:

– Desculpe-me pela ignorância, mas como Jesus sabia que tudo isso ia acontecer? Porque, sinceramente, o que Ele disse é uma fotocópia do nosso mundo de hoje. Primeiro, Ele falou de falsos cristos. Vira e mexe, aparece um louco por aí, dizendo ser Jesus e acaba convencendo um monte de gente inocente. Lembra-se daquele David Koresh, lá no Texas? No final, ele fez todo mundo se suicidar. Aquele povo realmente acreditava que ele era o Messias. Fora isso, vocês ouviram falar de um sujeito na África do Sul que afirma ser o novo Cristo? Ele está todo o dia na mídia e já tem seguidores de todas as partes do mundo. Depois o texto fala de guerras entre os países. Isso a gente nem precisa comentar, parece que o Oriente Médio vive numa guerra constante. As pessoas vivem com medo de novos ataques terroristas.

Nelson respirou fundo e perguntou:

– Laércio, como Jesus sabia? Uma vez uma cartomante leu o meu futuro, mas nada do que ela disse aconteceu.

Laércio deu um sorriso de canto de boca, e disse:

– Eu vou deixar que a Bíblia responda a esta pergunta. Eu vou dar alguns textos e aí eu peço que vocês leiam para mim. O primeiro texto está em 2 Pedro 1, verso 21.

Laércio apontou para uma moça que estava sentada ao lado de Nelson. Ela leu:

– “Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana; entretanto, homens [santos] falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo.”

– Como vocês podem ver, a Bíblia está falando que toda profecia vinda de Deus é dada para pessoas escolhidas por meio do Espírito Santo.

Nelson perguntou novamente:

– Tudo bem, é Deus quem mostra para as pessoas o que vai acontecer. Mas como Ele sabe de tudo isso?

Laércio pediu para o seu amigo Renato ler Isaías 46:9 e 10:

– “Lembrai-vos das coisas passadas da antiguidade: que Eu sou Deus, e não há outro, Eu sou Deus, e não há outro semelhante a Mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o Meu conselho permanecerá de pé, e farei toda a Minha vontade.”

Quando ele acabou de ler, Laércio disse:

– Nelson, Deus é onipotente, o que significa que Ele pode fazer qualquer coisa, inclusive saber o futuro desde o começo.

Colocando a mão na testa, Nelson exclamou:

– Ah, mas isso é muito grande pra minha cabeça! Você está querendo dizer que Deus já sabia que eu ia nascer quando Ele criou este mundo?

– Isso mesmo. Ele sabe de tudo, mesmo antes de as coisas acontecerem. Agora, Ele decidiu dizer para nós algumas coisas do futuro, como uma advertência. Ele não queria que os Seus filhos fossem apanhados de surpresa, exatamente por isso é que a gente pode estudar as profecias e descobrir um pouco do que vai acontecer.

– Além do mais – disse dona Maria –, podemos confiar que as profecias da Bíblia são verdadeiras. No Antigo Testamento, existem muitas profecias falando sobre o nascimento, vida e morte de Jesus na Terra. Veja, por exemplo, Isaías 53. A probabilidade de todas elas se cumprirem, por acaso, como estava previsto era quase inexistente. Mas, ao estudar a Bíblia, vemos que tudo se cumpriu na vida e morte de Jesus. Esse é um dos motivos por que eu acredito nas profecias sobre o fim dos tempos. Deus já nos deu provas suficientes de que sempre cumpre o que profetizou. Pode saber que isso não tem nada a ver com a cartomante que leu seu futuro nas cartas do baralho.

Quando ela mencionou a cartomante, todos deram uma risada descontraída. Até que Laércio falou:

– Vimos que podemos confiar nas profecias da Bíblia. Quando falamos de religião, existe outro ingrediente muito importante: a fé. Precisamos acreditar que a Palavra de Deus nunca falhou e nunca vai falhar. Mas existe um verso em Mateus 24:14 que fala de uma condição para que Jesus volte. Deixe que eu leio.

Laércio folheou a Bíblia até encontrar o verso e leu emitindo sua voz grossa e forte:

– “E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.” Em outras palavras, nós podemos ajudar a apressar a vinda de Jesus quando contamos para os outros a maravilhosa boa notícia de que Jesus morreu na cruz para salvar a todos que aceitarem o Seu sacrifício.

– É, mas tem muita gente no mundo que nunca nem ouviu falar do nome de Jesus. Do jeito que as coisas estão indo, Jesus não vai voltar nunca.

– Isso é verdade, Afonso, mas não se esqueça de que pra Deus nada é impossível. Deus está agindo neste mundo de maneiras que nem imaginamos. Ele só não voltou ainda porque quer dar oportunidade para o máximo de pessoas aceitarem sua salvação. 2 Pedro 3:9 diz: “Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, Ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento.”

Quando Laércio acabou de ler esse texto, ouviu o barulho do carro de Júlia entrando na garagem. Olhou no relógio e viu que já eram quase dez e meia da noite. Nas últimas semanas, especialmente depois que ele tinha começado a fazer os estudos bíblicos em casa, ela sempre saía cedo e voltava tarde. Ele já havia pedido que ela os acompanhasse nos estudos, mas ela sempre inventava uma desculpa para não estar presente.

Abrindo a porta da sala, Júlia entrou e deu uma olhada geral em quem estava ali. Chegando perto de Laércio, ela cochichou:

– Eu quero esse povo fora da minha casa. Eu estou exausta e quero dormir.

Sem cumprimentar ninguém, foi para o quarto e ligou o rádio bem alto. Laércio ficou encabulado com a atitude da esposa. Percebendo o desconforto do patrão, Nelson disse:

– Bom, acho que já estudamos bastante sobre esse assunto. Agora eu tenho que ir, porque amanhã o dia começa cedo.

Todos concordaram e começaram a se arrumar para sair. Alguns minutos depois, a casa estava vazia. Laércio estava irritado com o que Júlia fizera. Na verdade, ele já estava cansado do jeito emburrado dela. Tudo que ela fazia era reclamar e botar defeito nas coisas de que ele gostava. Entrando no quarto, viu Júlia deitada na cama lendo uma revista feminina. Abaixando o volume do rádio, Laércio disse, mostrando impaciência:

– Júlia, por que você fez aquilo? A gente já estava acabando a reunião. Eu passei a maior vergonha na frente de todo mundo.

– Ah, Laércio, não me enche. Vergonha passo eu de ter um marido que nem você. Parece que a única coisa no mundo que existe pra você é Deus. Poxa, você não tem tempo pra mim. Esse casamento é uma piada.

Laércio estava visivelmente transtornado. Tentando não perder o controle, disse:

– Como você pode dizer isso? Tem muito tempo que estou querendo marcar uma segunda lua de mel pra gente e você nunca tem tempo. Quantas vezes eu marquei de sair com você pra jantar fora, pra assistir a um filme ou fazer qualquer outra coisa e você nunca aparecia. No final, você chegava em casa supertarde, dizendo que teve que ficar estudando. Agora que, finalmente, eu arranjei alguma coisa construtiva pra fazer, você fica me criticando. Não sei mais o que fazer. Sinceramente, estou desanimado.

Júlia continuava folheando a revista como se não estivesse ouvindo uma palavra que ele dizia. Laércio sentou na cama e falou com um tom de seriedade na voz:

– Isso é sério, Júlia, a gente não pode continuar vivendo assim. Nós dois estamos infelizes. Só que não adianta nada eu tentar salvar o nosso casamento se você não quiser. Eu preciso da sua ajuda. Eu tenho certeza de que podemos encontrar alguma coisa pra fazermos juntos, que vai nos unir.

Ela fechou a revista e sentou na cama. Olhando nos olhos do marido, disse:

– Tudo bem. Se você quer mesmo salvar esse casamento, eu quero que você venha comigo, domingo que vem, a uma igreja que estou frequentando. Quem me levou lá foi o Fernando e, desde que comecei a ir a essa igreja, muita coisa começou a fazer sentido na minha vida. Se você começar a ir comigo aos domingos, eu prometo separar tempo pra uma viagem bem especial.

Laércio não podia acreditar no que estava ouvindo. Com olhar incrédulo, perguntou:

– Ir a uma igreja com você no domingo? Desde quando você está indo a essa igreja, Júlia?

Ela deu um sorriso e colocou os braços em volta do pescoço do marido. Ele sentiu um friozinho na barriga:

– Já tem mais de um mês. Essa igreja não está ligada a nenhuma religião e faz parte da AEM. Tem gente de todas as crenças que vai lá. É muito lindo ver gente católica, batista, budista, espírita, metodista juntas no mesmo lugar. Eles são bem liberais e pregam sobre melhorias sociais através do amor a Deus e ao próximo.

Com um tom manhoso na voz, Júlia sussurrou:

– Ah, amorzinho, vamos lá comigo. Aposto que você vai adorar. Com certeza esse vai ser um primeiro passo pra gente melhorar o nosso relacionamento. Se você for, eu vou ver que você realmente se interessa pelas coisas de que eu gosto e que me fazem feliz. Vamos comigo, vai!

O cheiro do cabelo perfumado de Júlia era estonteante. Havia muito tempo que Laércio não a sentia tão perto. Por dentro, estava muito tentado a acompanhá-la, mas sabia que não devia. Conhecia algumas pessoas de sua igreja que tinham ficado fracas na fé porque tinham começado a frequentar essa igreja. Ele não queria se expor a esse tipo de influência. Por outro lado, queria voltar a ter o relacionamento que tinha com a esposa. No fundo, ele sabia que, se quisesse Júlia de volta, teria que aderir à nova religião dela. Engolindo seco, finalmente tentou argumentar:

– Oh, Julinha, por que você está indo logo a essa igreja? Eu queria tanto que você voltasse a frequentar a igreja aos sábados!

A expressão de Júlia começou a mudar:

– Eu sabia que cabeça-dura do jeito que você é, não ia aceitar meu convite. Bem que Fernando me disse...

– Só porque não quero ir a essa igreja, não significa que não queira melhorar as coisas com você. Será que não tem outra coisa que a gente possa fazer junto?

Levantando-se da cama, Júlia disse:

– Sinto muito, meu convite está feito. Enquanto a gente continuar tendo religiões diferentes, as coisas vão continuar complicadas. Eu frequentei sua igreja por 23 anos. Ia ser muito bom se você abrisse mão de fazer as coisas do seu jeito e fosse comigo à minha igreja. A decisão é sua. Minha consciência está limpa. Você que não quer salvar esse casamento.

Ela pegou a camisola, dirigiu-se ao banheiro e bateu a porta. Jogando-se na cama, Laércio pensou: “E agora, Senhor? Será que estou exagerando? Ajuda-me a fazer a coisa certa!”

CAPÍTULO

XI

O ônibus circular estava abafado e lotado de gente. O chuvisco gelado que havia perdurado o dia todo havia se transformado em chuva grossa. Tiago e Nina tentavam se manter de pé dentro daquela lata de sardinhas. Enfiando a cabeça entre dois marmanjos, Tiago disse:

– Nina, pode ir para a frente, porque a gente vai descer no próximo ponto.

Ela foi tentando se locomover entre as pessoas, enquanto Tiago apertava o botão que avisava o motorista de que devia parar o ônibus. Quando o motorista freou o ônibus bruscamente, os dois saíram e começaram a correr para fugir da chuva. Tiago tirou a jaqueta e a colocou sobre a cabeça da namorada. Eles precisavam percorrer dois quarteirões para chegar ao prédio de tia Ester.

Quando cruzaram a rua congestionada de carros que estava localizada à frente do prédio de azulejos azuis, os dois já estavam totalmente ensopados. De longe o porteiro viu que Tiago se aproximava e destravou o portão para que entrassem. Já no *hall* do prédio, Nina balançou os cabelos ensopados e cruzou os braços:

– Uau! Que chuva fria!

Tiago apertou o botão para chamar o elevador. Momentos depois, apontou para o caixote quadrado e disse:

– O elevador chegou. Vamos lá?

Já no apartamento de tia Ester, Tiago pediu para Nina esperá-lo na sala enquanto sumia corredor adentro. Logo depois, ele entregou uma toalha branca felpuda, que ela colocou em volta dos ombros. Passando as mãos na textura macia da toalha, ela perguntou como quem não quer nada:

– Sua tia vai chegar agora?

Enquanto secava o cabelo molhado com outra toalha, ele respondeu, emitindo um som abafado:

– Deve estar chegando daqui a pouco. – Ele tirou a toalha da frente do rosto. – Por quê? Quer falar com ela?

Nina parecia estar um pouco desconfortável, mas respondeu, pensativa:

– Não. Na verdade, queria falar com você mesmo.

– Quanta cerimônia... – disse, abraçando a toalha e jogando-se no sofá ao lado dela. Nina sorriu e finalmente disse, um pouco hesitante:

– Ti, o assunto é meio chato, mas preciso saber...

– Chega de suspense, Nina. Fale logo! O que está incomodando você?

– Bem, já estamos juntos há um bom tempo e até agora você não tentou... – Ela suspirou para tomar coragem de terminar a frase. – Ah, deixa para lá...

Tiago notou que a namorada tinha corado e percebeu o que ela estava sugerindo. Então, decidiu ajudá-la:

– Lindinha, acho que sei aonde você está querendo chegar. Você está estranhando porque nunca tentei fazer sexo com você, certo?

Ela não se surpreendeu com a pergunta dele. Tiago era muito direto e não gostava de rodeios quando precisava conversar sobre algum assunto. Exatamente por isso, achou que a decisão deliberada do namorado de não tocar no assunto até aquele momento era muito estranha. Nina perguntou pausadamente:

– Você não se sente atraído por mim?

– O quê? – Ele sorriu.

– Fale a verdade! Você não me deseja?

– Nina, é lógico que a desejo... Você é linda por dentro e por fora e, além disso, sou completamente apaixonado por você.

– Então, qual é o problema? – ela o interrompeu.

– É que eu... eu sou... eu sou virgem! Pronto, falei! – Tiago disse, olhando para o chão e sentindo-se encabulado com a situação.

Nina começou a rir e não parava mais. Até que percebeu que ele não estava rindo.

– Se você quiser, posso ajudá-lo a resolver esse problema rapidinho.

Tiago desviou os olhos por um momento. Respirou fundo e confessou:

– Na verdade, Nina, não considero isso um problema. – Ele entrelaçou seus dedos aos dela.
– Em casa, aprendi que o sexo é sagrado e reservado somente para as pessoas casadas. Eu já tive algumas namoradas e, obviamente, oportunidade de dormir com elas. Vontade também não faltou... Na minha adolescência, fiquei muito tempo sem frequentar a igreja. Porém, mesmo estando longe de Jesus, conservei em mente o que havia aprendido em casa.

Nina tinha os olhos arregalados. Não acreditava que um rapaz bonito, charmoso e cheio de energia podia estar falando aquelas coisas.

– Nina, acho que, de uma forma ou outra, sempre quis fazer as coisas do jeito certo. Estou convicto de que devo esperar. Especialmente agora que voltei para a igreja e para Deus, sei que essa é a vontade de Deus para minha vida. O que estamos construindo juntos é muito especial. Agora, mais do que nunca, quero esperar o momento certo.

– O casamento? – ela perguntou.

– É, Nina, o casamento. Eu sei que nos dias de hoje isso parece loucura. Mas é o plano de Deus para os casais que desejam que Ele seja uma parte importante de seu relacionamento.

Tiago estava visivelmente desconfortável ao fazer essa confissão, mas ao mesmo tempo mostrava que não mudaria sua posição sobre o assunto. Nina, por sua vez, estava confusa.

– Tiago, será que precisamos pagar esse preço? Somos jovens e não temos nada a perder!

Nina pediu licença, entrou no banheiro do apartamento e fechou a porta. Parecia chateada. Tiago a seguiu e, encostando a cabeça na porta, tentou explicar:

– Nina, você precisa entender. Quero ter você de uma forma completa: corpo, alma e coração, para sempre. Mas o que sinto por você vai além da atração física.

– Eu amo tanto você, Tiago! Você é meu namorado; não entendo que mal pode haver em nos entregarmos um ao outro – ela falou com voz chorosa de dentro do banheiro.

Abalado, mas com convicção na voz, Tiago respondeu:

– A questão é que Deus criou o sexo como um meio para unir o casal de uma maneira muito íntima. A Bíblia diz que esse ato transforma um homem e uma mulher em uma só carne. Isso significa que é um compromisso sério que o casal assume diante de Deus. Por isso, deve ser reservado para a intimidade do casamento.

Nina sentou no chão do banheiro e encostou a cabeça na porta. Tudo aquilo era muito novo para ela. Tiago era um rapaz atraente. Mas, assim que se conheceram, ela percebeu que ele era diferente dos seus ex-namorados. Outros rapazes teriam tentado seduzi-la no primeiro encontro. Sabia que Tiago sentia-se extremamente atraído por ela e a recíproca era verdadeira. Isso fazia com que fosse ainda mais difícil entender o porquê da escolha dele. Então, de repente, como que se fosse atingida por um raio, Nina entendeu como Tiago a amava... Não devia estar sendo fácil para ele dizer aquelas coisas. Ele tinha tudo nas mãos: oportunidade e vontade. Ainda assim, escolheu fazer o que acreditava ser certo.

Um pouco mais calma, Nina se levantou e abriu a porta do banheiro vagarosamente.

– E então, Nina? Agora você entende minhas razões?

Enquanto esperava a resposta da namorada, Tiago rogou a Deus em seu coração: “Senhor,

ajude que Nina entenda. Essa é a maior prova de amor que posso dar a ela.”

Passando a mão no rosto dele, Nina disse:

– Eu entendo, Ti... Talvez não seja fácil esperar até o casamento, mas prometo não insistir mais nisso. É estranho... – ela fez uma pausa antes de continuar – mas nunca me senti tão especial e ao mesmo tempo tão...

Ela desviou o olhar. Ele notou sua angústia.

– Tão o quê? – Tiago disse pausadamente, como se estivesse com medo daquilo que estava prestes a ouvir.

– Tão vulgar... tão sem merecimento... tão pecadora... – Nina segurou as mãos de Tiago e continuou olhando para baixo.

– Não importa o que aconteceu – ele a interrompeu. – O passado ficou para trás. O que importa são suas decisões daqui para frente.

– Mas... você se guardou até agora. Acho que merece alguém que não tenha um passado como o meu. Talvez alguém da sua igreja. Você merece, Ti! – Agora as lágrimas deslizavam pelas bochechas avermelhadas.

– Nina – ele olhou seriamente no fundo de seus olhos perplexos –, eu sei quem você é e a amo assim. Para mim, não importa o seu passado. O que nós teremos, depois de casados, será muito mais forte do que qualquer coisa que você já experimentou. Isso me traz segurança.

Nesse momento, tia Ester abriu a porta da sala e entrou cantarolando no apartamento, mas logo percebeu que o casal estava tendo uma conversa importante. Caminhou confiante até a estante, pegou um livro e disse sorrindo:

– Só vim buscar este livro. Já estou de saída.

Ela se dirigiu rapidamente para o corredor, estampando um sorriso sincero que enrugava suas bochechas fartas. Em seguida, fechou a porta do apartamento.

O casal sorriu da desculpa da tia e foi até o sofá da sala. Acariciando suavemente as mãos de Nina, Tiago completou:

– Sei que ainda somos novos e não podemos casar tão cedo. Mesmo assim, quero que tenha a segurança de que não estou com você para brincar com seus sentimentos, usá-la e depois abandoná-la... Quero ficar com você para sempre.

Nina estava estupefata. Em seu coração, surgia algo que nunca havia sentido por nenhum outro rapaz. Agora as lágrimas rolavam por outro motivo. Tiago falou:

– Quando você aceitou a Jesus, Ele jogou seus pecados passados no fundo do mar e se esqueceu de todos eles. Quem sou eu para questionar alguma coisa? Agora, você deve aceitar o perdão de Deus e também se perdoar por aquilo que fez no passado. Eu sei que a amo... Você

mudou minha vida!

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e ficou assim por alguns momentos. Agora sabia que o sentimento que nascia em seu coração era amor verdadeiro.

Remanso estava em festa naquele fim de tarde. Parecia que todos os habitantes da cidade do interior da Bahia tinham ido para a praça do coreto. Barraquinhas com teto colorido formavam uma meia-lua que acompanhava o formato redondo da praça da cidade. No coreto, uma banda tocava marchas conhecidas pelo povo. Crianças corriam de um lado para o outro, querendo participar das gincanas. Nas barraquinhas, as senhoras vendiam bolo de mandioca, bombom de castanha, pastel de queijo, goiabada, biscoitinhos de amendoim, cuscuz e cocada, entre outras iguarias.

Remanso era uma cidade de 30 mil habitantes. Grande parte dos moradores da redondeza eram simples pescadores e agricultores. Isso sem contar, é claro, com as famílias Mendonça e Albuquerque, donas das maiores fazendas de café da região. Os moradores da região de Remanso eram pessoas humildes que sobreviviam do pequeno comércio, do emprego nas fazendas de café e da exploração das riquezas naturais do rio São Francisco.

A poucos metros dali, numa rua de terra mal iluminada, 35 pessoas estavam reunidas na humilde Igreja Adventista. Por fora, a igreja parecia uma casa. Suas paredes eram pintadas de verde-claro. A única coisa que diferenciava essa igreja de uma casa comum era o letreiro que tinha sido pintado de preto na parede da frente: Igreja Adventista do Sétimo Dia. Apesar de a igreja ser tão humilde, o coração das pessoas que estavam lá dentro se encontrava repleto de empolgação e amor a Deus.

Naquele fim de tarde de domingo, eles estavam reunidos para orar porque os fazendeiros mais ricos da cidade haviam demitido todos aqueles que se negaram a trabalhar no sábado. Dona Carminha e os outros membros da igreja já estavam orando pelo assunto havia muito tempo. Todos sabiam que essa seria uma grande prova de fé para aquelas pessoas simples que precisavam trabalhar para conseguir sobreviver. Agora, estavam a somente alguns metros da praça da igreja, onde muitos participavam da festa sem a preocupação de como iriam pagar as contas no próximo dia. Depois de uma oração de joelhos, dona Carminha se levantou com um pouco de dificuldade e disse:

– Meus irmãozinhos, decidimos fazer uma vigília de oração hoje porque muitos de nossos irmãos aqui da igreja perderam o emprego nos últimos dias. Como somos uma família, acho importante nos reunirmos para orar uns pelos outros. Por isso, pedi para o Donato preparar uma mensagem especial para nós.

Donato estava nervoso. Era a primeira vez que iria falar em público. Ana apertou sua mão duas vezes. Ele se levantou e colocou-se ao lado de dona Carminha.

– Meus irmãos, eu sei que não tem muito tempo que fui batizado na Igreja Adventista e não estou acostumado a falar em público. Bem – disse, enchendo os pulmões de ar –, depois que

perdi meu emprego, realmente gastei muitas horas por dia estudando a Palavra de Deus. Posso até dizer que minha família só está aqui hoje graças à misericórdia de Deus para conosco. Quando dona Carminha me pediu para pregar hoje à noite, eu fiquei com muito medo. Depois de orar, senti que Deus quer que eu transmita uma mensagem especial para vocês.

Cada músculo do rosto bronzeado de Donato estava rijo. Sua personalidade colérica se refletia na maneira convicta com que falava. Olhando para o marido, o coração de Ana estremeceu. Ela estava vendo mais que um homem baixo, troncudo, rosto redondo, cabelos encaracolados e pequenos olhos redondos rodeados de rugas.

Mais do que ninguém, ela sabia como seu marido amava a Deus e, mesmo em sua simplicidade, queria testemunhar desse amor naquela noite. Sabia como ele lutava para sustentar a família. A camisa xadrez desbotada, calça preta e sapatos gastos que Donato usava mostravam que as coisas não eram fáceis. Apesar de tudo isso, ele estava em pé na frente dos outros membros da igreja, encorajando-os.

– Para muitos de vocês, esta noite vai ser decisiva. Sei que a tentação de quebrar o mandamento de Deus e trabalhar no sábado é muito grande. Eu sou tentado constantemente...

Uma expressão de desespero e frustração podia ser vista na face de várias pessoas que estavam presentes ali. Francisco, um jovem que frequentava a igreja havia alguns anos, levantou-se e vocalizou o pensamento de muitos:

– Pois é, Donato, não é fácil, não... Quase todos os membros da igreja estão desempregados. As pessoas têm compromissos. Eu estava com a data do meu casamento marcada. Dependia do meu trabalho, lá na fazenda do coronel. O que vamos fazer?

Donato deu alguns passos até chegar perto de Francisco. Colocando a mão no ombro dele, disse:

– Francisco, precisamos confiar nas promessas de Deus. Ele sempre cumpre Suas promessas. Quer ver o que Ele tem para nos dizer hoje? – Em seguida, apontou para a esposa. – Ana, você pode ler Mateus 6, verso 25 em diante, por favor ?

Todos podiam sentir a tensão que pairava no ar. Com suas mãos magras e trêmulas, Ana folheou as páginas da Bíblia e começou a ler pausadamente:

– “Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?”

Ana tirou os olhos da Bíblia e começou a recitar o resto do texto com os olhos fechados e muita convicção. Esse texto tinha sido sua fortaleza nos momentos mais escuros:

– “Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? [...] Pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas [estas coisas]. [...] Portanto, não vos inquieteis

com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.”

Ao acabar de recitar esses últimos versos, Ana estava visivelmente emocionada. Os membros da igreja também estavam emocionados. Aquela mensagem da Palavra de Deus parecia se aplicar à realidade que estavam vivendo. Donato se levantou e enlaçou sua mão calejada à mão fria da esposa:

– Irmãos, eu estou disposto a continuar confiando na Palavra de Deus. Se vocês também estão dispostos, se coloquem de pé e vamos rogar que Ele esteja conosco daqui pra frente. Vamos renovar nossa fé e exercitar nossa confiança em Deus.

Aos poucos, um a um foi se levantando. Alguns momentos depois, todos os membros da igreja estavam de mãos dadas, enquanto Donato rogava a provisão de Deus.

Aquele tinha sido um semestre singular. Era tarde da noite e Letícia não conseguia dormir. Fazia um balanço de tudo que havia acontecido. Tinha conseguido seu primeiro emprego e ficado noiva de Rogério. Também tinha apoiado o noivo em sua viagem inesperada para a China e durante a doença terminal de seu pai. A situação no Colégio Adventista Catarinense também não era nada simples. Depois da reunião em que o professor Luís havia avisado que a lei dominical fora aprovada no Congresso, muitos professores comunicaram à coordenação que, terminado o semestre, iriam trabalhar em outras instituições. Vários pais de alunos souberam do ocorrido e decidiram não renovar a matrícula dos filhos.

Letícia precisava avisar a coordenadora pedagógica que também iria deixar a instituição no segundo semestre. Em vista de tudo que estava acontecendo, sentia-se mal em ser mais uma a dar as costas para o colégio nesse momento tão delicado.

Sua relação com Rogério também estava delicada. Havia poucas semanas, ele soubera da doença do pai e isso foi motivo suficiente para que sua atitude mudasse bastante. Em uma ligação, quando falavam do casamento, ele disse que não queria casar na igreja. Achava que seria hipocrisia. Letícia tentava argumentar. Era tudo em vão. Parecia que o coração de Rogério estava completamente endurecido para as coisas de Deus.

As atitudes dele mostravam seu desinteresse pelas coisas espirituais. Numa sexta-feira à noite, Letícia ligou para desejar um feliz sábado e Rogério disse que estava no escritório, trabalhando. No dia seguinte, ligou para a noiva para dizer que ia a um churrasco na casa do patrão, que lhe prometera promoção e aumento salarial.

Os pensamentos massacravam Letícia. A reação do noivo fazia com que se lembrasse de alguém que conhecia. Se ele não mudasse, sabia que não poderia se casar com ele. Por mais difícil que fosse...

Levantou-se da cama e ajoelhou-se no chão. Abriu o coração para seu melhor Amigo.

Senhor, preciso da Tua direção... Em primeiro lugar, quero Te agradecer por teres dirigido

cada passo da minha vida até aqui. Obrigada pela minha família, amigos, este trabalho e principalmente pelo Rogério. Estou preocupada com o Tico, meu Deus. Ele mudou muito. Agora só pensa em dinheiro, sucesso. Acha que, com isso, vai abafar a dor que sente por causa da doença de seu pai. Ele já não guarda o sábado e está revoltado contigo. O que devo fazer? Nosso casamento está marcado para daqui a três meses... Sei que não posso casar com ele se continuar revoltado contigo dessa maneira. Por mais que ame o Rogério, o meu amor por Ti é ainda maior.

Nesse momento, ela parou de orar, colocou o rosto entre as mãos. Sentiu o peso de sua afirmação. Nunca imaginou que precisasse escolher entre Deus e seu casamento. Em sua mente, começaram a brotar pensamentos diferentes: *Posso sim casar com ele; que diferença vai fazer? Isso é só uma fase, ele vai voltar a amar a Deus.* Sentia-se atormentada por tais pensamentos. Decidiu continuar a orar:

Senhor, não posso deixar o Rogério. Agora é o momento em que ele mais precisa de mim. Será que devo prorrogar a data do casamento pra tentarmos contornar essa situação? Dá-me forças, Senhor. Sei que a escolha do casamento é a decisão mais importante da minha vida. Não quero errar. Mostra-me a Tua vontade, mesmo que seja diferente daquilo que meu coração quer... Ajuda-me, meu Deus.

Mesmo desesperada, Letícia sentiu que estava sendo envolvida pelos braços de Deus. O silêncio do momento era profundo. Sentiu que Cristo a envolvia com Seu amor e lembrou-se das palavras que o Príncipe da Paz proferiu para o apóstolo Paulo: “A Minha graça te basta” (2 Coríntios 12:9).

Decidiu que iria jejuar e orar sobre o assunto por alguns dias e, em duas semanas, iria até Brasília conversar com Rogério. Sabia que estava prestes a tomar a decisão mais importante de sua vida. Rogou a Deus por instrução e coragem.

CAPÍTULO

XII

Naquela manhã, quando Laércio chegou ao Vegevida, ficou surpreso com o que viu. Grudada na porta de seu restaurante, havia uma carta com os seguintes dizeres:

Caro empresário:

Você está sendo convocado a participar de uma reunião extraordinária da associação dos empresários desta cidade. A reunião ocorrerá em nossa sede, no próximo sábado, às 10h. Sua presença é de extrema importância. Iremos tratar de assuntos de interesse geral dos donos de empreendimentos do município.

Laércio ficou intrigado com a carta, mas estava mais preocupado com outro assunto: Júlia. Ela não havia dormido em casa na noite anterior e não atendia a seus telefonemas. A barreira entre eles só aumentava, assim como seu desespero ao ver que o amor que um dia ela sentira por ele estava se apagando como uma fogueira no fim da noite. Abriu o restaurante e deixou as compras na cozinha. Logo encontrou com Nelson, que acabara de chegar. Ele havia sido promovido e agora era o braço direito do patrão.

– Nelson, preciso resolver um assunto pessoal e volto logo. Comece a organizar as coisas aí no restaurante. Qualquer coisa, ligue no meu celular.

– Vá tranquilo, seu Laércio... Eu cuido de tudo.

Ao entrar no carro, ligou para Júlia de seu celular. Depois de alguns toques, ela atendeu, sussurrando:

– Laércio, estou no meio da aula. O que você quer?

– Júlia, por onde você andou? Preciso falar com você... estou indo para a universidade.

– Mas logo agora? – ela aumentou o tom de voz. – Não pode ser hoje à noite?

– Não, Júlia, dá um jeito de sair da aula. Só vou precisar de dez minutos do seu tempo.

– Então, venha logo, porque terei um intervalo daqui a pouco e posso aproveitar pra falar com você.

Ao cruzar as ruas da cidade, Laércio mergulhou em seus pensamentos e tentava organizar

sua mente sobre como abordaria a esposa. Qual seria a desculpa que ela usaria desta vez. Mesmo desconfiando que Júlia estava envolvida com outra pessoa, ele pensava em táticas para tentar reconquistar o coração cada vez mais inacessível da esposa.

Quando se deu conta, já havia estacionado em frente ao prédio de aulas. Júlia conversava com algumas pessoas e, quando viu Laércio, foi na direção do carro com uma expressão séria. Abriu a porta do carro, pegou um papel que estava no banco do passageiro e sentou-se ao lado do esposo.

– Pronto. Estou aqui. Espero que fale rapidinho, pois minha aula já vai começar e não posso chegar atrasada... Ei, o que é isto? – Júlia havia passado os olhos na convocação para a reunião de sábado. – Onde você encontrou isso?

– Júlia, não mude de assunto, fiquei preocupado com você. Onde passou a noite?

– Passei na casa do meu irmão, por quê? Não lhe disse que ia ao cinema com ele? Pois é, o filme acabou tarde e ele me convenceu de que era perigoso dirigir sozinha àquela hora da noite. – Ela se mostrava irritada por ter que se explicar para o marido.

– Você podia ter ligado, né? Fiquei preocupado, esperando você a noite toda. Seu irmão também não atendeu minhas ligações...

– Esqueça esse assunto, Laércio. Desculpe por ter deixado você preocupado. – Levantando a carta que estava em sua mão, mudou de assunto. – Quer me explicar onde achou isso, Laércio?

Laércio respirou fundo e explicou, fingindo ter acreditado na história dela:

– Estava colado na porta do Vegevida hoje de manhã. E o pior é que a reunião é no sábado de manhã...

– Se eu fosse você, iria a essa reunião. Dela depende a existência do restaurante. – Júlia tinha um semblante sério.

– Por que diz isso? Você sabe o que será discutido na reunião?

– Não posso dizer com 100% de certeza que sei, mas tenho uma boa ideia...

– Então me conte! – Seus olhos suplicavam.

– É que saiu uma nova legislação em Brasília, que foi aprovada ontem pelo Senado. – Júlia estava séria. Parecia entender as implicações do que estava para revelar. – É a lei dominical.

– O quê? – Ele não podia acreditar no que estava ouvindo... Sabia que isso iria acontecer, mas não esperava que fosse tão rápido.

– É, Laércio, essa lei entra em vigor em noventa dias e terá um grande impacto em todas as áreas da sociedade. Por isso, desconfio que esse deve ser o assunto da reunião.

– Impacto? Que tipo de impacto, você sabe?

– Bem, a lei foi feita para estimular as pessoas a guardarem o domingo... Você se lembra daquele acordo entre os Estados Unidos, o Vaticano e a Associação Ecumênica Mundial? E a ajuda financeira que eles prometeram dar para os países que também assinassem o acordo? Pois é, o Brasil foi um dos primeiros a entrar na jogada. Com isso, iremos receber uma quantia descomunal de dinheiro pra investir em infraestrutura, saúde e educação do país.

– E se eu quiser continuar a guardar o sábado. Como fica?

– Então, aí vem o problema – ela parecia sentir pena dele. – Os governos devem dar estímulos para as pessoas que guardarem somente o domingo. Então, provavelmente, irão solicitar que todos os empreendimentos abram no sábado e não funcionem no domingo. Aqueles que não funcionarem no sábado, provavelmente terão que pagar multa. O problema é que, como o governo está sendo subsidiado, deverá contratar fiscais para garantir que estamos mantendo nossa parte no trato. Dessa maneira, o dinheiro estrangeiro continuará a entrar no Brasil.

– Meu Deus... então agora vai ser assim? O que vamos fazer?

– Ora, Laércio, mande o Nelson abrir o restaurante no sábado. Você nem precisa aparecer lá...

– Júlia, você sabe que o quarto mandamento diz que “nem teu servo nem tua serva”...

– Ah! Então realmente prepare seu bolso, pois as multas serão altas... Desse jeito iremos perder tudo que temos... Por que isso não me surpreende? – Ela tinha um tom frio e sarcástico. – Bom, preciso voltar pra aula. Era só isso?

Abriu a porta, desceu do carro e virou para dar um tchauzinho, esboçando um sorriso. Laércio reclinou a cabeça no encosto do banco do carro. Estava preocupado e frustrado. Ficou assim por alguns minutos, sentindo um vazio muito grande no peito. Os problemas pareciam engoli-lo e não havia nada que pudesse fazer. Era como se estivesse numa poça de areia movediça. Quanto mais tentava resolver os problemas, mais afundava. De repente, ouviu uma voz suave em sua mente: *Confia em Mim, Meu filho. Eu estou contigo.*

Só então percebeu que sua conversa com Júlia tinha sido providencial. Deus a havia usado, mesmo sem ela saber, para revelar a Seu filho o que iria acontecer. Uma paz inexplicável invadiu o coração de Laércio. Sabia que em breve veria a face do seu Salvador.

Naquela tarde de sábado, o coral jovem da igreja de Ipanema iria fazer uma apresentação musical. O programa terminaria com o batismo de alguns jovens participantes do coral, que haviam feito estudos bíblicos e tinham decidido demonstrar publicamente sua vontade de seguir a Jesus. A programação daquela tarde era especial e os coristas tinham se comprometido a levar uma pessoa que nunca havia visitado a igreja.

Depois que começou a namorar com Tiago, Nina decidiu estudar a Bíblia. Durante os estudos, seus olhos brilhavam ao compreender questões e assuntos que, por muito tempo, a

atormentavam. Agora, finalmente, chegara o dia de seu batismo. Várias semanas antes, ela convidara seu pai, mãe e irmã a comparecerem à igreja para presenciar esse momento tão importante de sua vida.

Os cinquenta jovens que tomariam parte no programa estavam se preparando para o início da apresentação, quando Nina apareceu no fundo da igreja. Tiago notou que ela estava sozinha e foi a seu encontro:

– Nina, você está atrasada... Já acabou o ensaio geral. O programa vai começar em 5 minutos. Cadê sua família?

A cabeça baixa e a expressão de desânimo disseram tudo. Colocando a mão no ombro da namorada, ele disse seriamente:

– Eles não quiseram vir, né?

Nina balançou a cabeça positivamente. Tiago ainda tentou animá-la:

– Não fique triste, não; nunca se sabe. De repente, eles ainda aparecem por aqui.

Quando levantou a cabeça, ele notou que os grandes olhos verdes dela estampavam desespero. Abaixando a cabeça de novo, Nina sussurrou:

– Você não tem ideia do que aconteceu lá em casa hoje.

– Então me conta! – Tiago suplicou.

Nesse momento o regente do coral anunciou lá da frente:

– Coristas, por favor, tomem suas posições, pois iremos iniciar o programa.

Conferindo o horário no relógio de pulso, Nina disse:

– Ti, vá lá na frente, pois precisam de você. Depois eu lhe conto. Vou sentar ali, pois a igreja está quase cheia.

– OK, Nina, conversamos no final. Fique feliz, tá? Hoje é o dia que você tanto aguardava.

A igreja repleta de pessoas e os 50 coristas tomaram seu lugar na parte frontal da igreja. O pastor se posicionou atrás do púlpito e fez uma oração pedindo a bênção de Deus sobre a programação.

O programa iniciou, mas Nina mantinha os olhos fechados. Ainda se lembrava das palavras duras que havia ouvido naquela tarde:

– E aí, pai? Tudo certo pra hoje à tarde?

– Hoje à tarde? Do que você está falando?

– O programa na igreja, pai! Lembra que você tinha dito que ia lá comigo? Tem uma

surpresa...

– Ai, Nina, você sabe que não gosto de surpresas e muito menos de igrejas.

– Mas você prometeu...

– Não me lembro de ter prometido nada. Diga logo, que surpresa é essa?

Nina sentiu a seriedade na voz grossa do pai. Então, pegou suavemente em suas grandes mãos e puxou-o até o sofá:

– Pai, você sabe que já faz algum tempo estou frequentando a igreja.

– É... aquele namoradinho a convence a fazer qualquer coisa.

– Não, pai, isso foi bom pra mim. Aprendi muitas coisas lindas sobre o amor que Jesus tem por mim e sobre a promessa que Ele fez de vir nos buscar e levar para o Céu, um lugar onde não haverá mais tristeza, morte...

– Ah! Nina, francamente... – Ele tinha a voz impaciente. – Não comece a pregar... Você sabe muito bem no que acredito e tudo isso é pura besteira.

– Eu sei, pai... Você crê na filosofia da Nova Era.

– Isso mesmo, minha filha. O objetivo da Nova Era é reconciliar todas as religiões e unificar as pessoas em paz, ajudando-as a evoluir por meio da força interior, pensamento positivo, meditação, hipnose...

– Mas, pai – ela o interrompeu. – Onde fica Deus nessa história?

– Ai, Nina, Deus está dentro de nós... dentro das pessoas. A Nova Era diz que um Cristo, igual a esse que os crentes acreditam, virá para resolver todos os problemas da humanidade. Quando ele vier tudo ficará melhor. Prefiro acreditar nisso a crer em um Deus invisível, que mora lá no Céu e não resolve os problemas que enfrentamos aqui na Terra.

– Pai, o Deus em quem acredito é um Ser amoroso e maior que eu. Conheço minhas fraquezas e, sinceramente, não gostaria de depender de alguém como eu para alcançar a felicidade e dirigir minha vida. Tentei isso no passado e não deu muito certo.

– Ai, minha filha, você era tão centrada. O que colocaram na sua cabeça? – Seu tom era impaciente.

– Paizinho querido, não fique nervoso. Creio que nossas crenças são 100% opostas, mas não precisamos brigar por causa disso.

– Não quero brigar, Nina. Mas também não aceito que vire crente. Essa gente acredita em cada coisa...

Nina respirou fundo. Nunca imaginaria que seu pai fosse reagir daquela forma. Ele sempre

havia sido permissivo e apoiava tudo que ela queria fazer. Era simpatizante da filosofia da Nova Era, mas nunca seguiu nenhuma religião. Criou suas filhas com liberdade de escolha.

Nina notou que, depois que seu pai começou a se aprofundar nessas filosofias, sua escolha por frequentar a Igreja Adventista parecia incomodá-lo. Hoje sua desconfiança estava confirmada.

– Pai, você sempre me disse que deveria buscar meu próprio caminho. – Sua voz transmitia profundo respeito. – Foi isso que fiz. Na Igreja Adventista encontrei amor, companheirismo, paz de espírito e respostas para questões que me atormentavam... Também acredito que encontrei a verdade... Por isso decidi...

– Decidiu o que, Ana Maria? – ele a interrompeu com o olhar enfurecido.

Trêmula, ela sussurrou:

– Decidi ser batizada... Por isso, o convidei para ir à igreja.

Ele abaixou a cabeça e passou as mãos no rosto suado. Estava transtornado. Nina tentou acalmá-lo, segurando suavemente em seu braço.

– Paizinho, se você me der uma chance, podemos estudar a Bíblia juntos e você verá como as coisas que aprendi têm sentido.

Ele olhou para ela com raiva. Levantou-se e disse firmemente:

– Nina, essa igreja está enlouquecendo você. Não aceito ter uma filha crente...

– Mas o senhor sempre disse que era pra gente buscar nosso caminho... Decidi me batizar porque a Bíblia diz que “quem crer e for batizado será salvo” (Marcos 16:16). Eu creio em Jesus Cristo, pai... Tenho que fazer isso!

– Se quiser ser batizada, tudo bem. Mas pode arrumar as malas e sair de casa.

– O quê? – As lágrimas começaram a rolar.

– Não vou aguentar ver minha filha metida nesse tipo de coisa. É uma vergonha! Não conte comigo pra nada!

– Mas, pai?

– Nina, a escolha é sua. Se for para a igreja, você tem 24 horas pra sair desta casa.

O pastor cutucou em seu braço, fazendo Nina voltar de seus pensamentos perturbadores:

– Está na hora de você ir se preparar para o batismo.

O coral ainda cantava, enquanto Nina colocava sobre sua roupa a beca comprida e azul que usaria na cerimônia. Seu coração ainda tremia ao se lembrar das palavras de seu pai. Sua escolha

de seguir a Jesus envolvia muitas coisas. Onde iria morar? Como iria pagar a faculdade? Será que conseguiria desobedecer ao pai que a havia criado com tanto amor? Teria que escolher entre o amor de Deus e o amor de seu pai?

Naquela tarde, Nina seguiu o exemplo de Jesus e foi batizada por imersão. Enquanto o pastor a batizava em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ela compreendia que agora fazia parte de uma nova família: a família de Deus. Não sabia o que iria acontecer quando chegasse à casa naquela noite. Somente confiava que seu Deus iria suprir todas as suas necessidades.

Ao sair das águas do tanque batismal, sabia que todos os seus pecados haviam sido lavados. Era um novo começo ao lado do Deus das segundas chances.

Era domingo de madrugada e Laércio rolava na cama. Tinha acordado às três da manhã, quando Júlia entrou pela porta da cozinha na ponta dos pés para não acordá-lo. Para ele, aquela havia sido a gota d'água. Laércio era um homem de temperamento forte e que lutava constantemente para controlar seus impulsos. Sua vontade era se levantar da cama, exigir uma explicação da esposa e fazê-la pagar por todo o sofrimento que estava causando. Tentava tirar da cabeça o pensamento de que ela estava envolvida com outro homem, mas as desculpas ficavam cada vez mais mirabolantes e o horário em que chegava em casa, cada vez mais tarde.

Além de ser um homem impulsivo, também havia aprendido, no decorrer de sua jornada espiritual, a ouvir e obedecer à voz de Deus. Muitas vezes, a vontade de Deus era contrária à sua própria vontade e, nesses momentos, suplicava por forças para fazer aquilo que o Senhor mandava. Sabia que os caminhos de Deus sempre eram melhores que os seus.

Júlia entrou no quarto enrolada em uma toalha de banho. Na lavanderia, havia tirado a roupa que cheirava cigarro e a havia colocado na máquina. Dessa maneira, buscava evitar que o esposo fizesse perguntas sobre onde estava e com quem. Passou rapidamente pelo quarto escuro, entrou no banheiro e fechou a porta cuidadosamente. Apesar de seu cuidado, o cheiro de cigarro que estava impregnado em seu corpo e cabelo invadiu o quarto.

Laércio se mexia na cama. Lutava com Deus. Queria brigar com Júlia, mas o Príncipe da Paz o instruiu a ficar quieto e esperar. Enquanto ela tomava banho, Laércio sentiu uma forte impressão em seu coração de que ainda não era o momento de confrontar a esposa. Aos poucos, foi se acalmando.

Alguns momentos depois, o corpo gelado de Júlia entrou debaixo das cobertas. Ela fitou o marido, que dormia tranquilamente. Uma pontada de sentimento de culpa invadiu seu coração. Logo em seguida, começou a justificar mentalmente todas as suas ações. Ela era a vítima, não ele. Virou para o lado e dormiu, enquanto seu esposo abria os olhos e fitava o teto.

Pedi a Deus que desviasse sua mente dos problemas que enfrentava dentro de casa. Começou a pensar na lei dominical. Esse pensamento era ao mesmo tempo amedrontador e empolgante. Sabia o que iria acontecer, pois conhecia as profecias de Daniel e Apocalipse. Entretanto, tinha medo de não ter sua fé fundamentada em Deus de tal maneira que pudesse

suportar o que estava por vir.

Lembrou-se de textos proféticos que mostravam claramente que, antes da volta de Cristo a este mundo, o povo de Deus seria separado do restante das pessoas. As pessoas que não escolhessem obedecer a Deus receberiam a “marca da besta”.

Para entender o significado da “marca da besta”, Laércio havia estudado as profecias de Daniel e Apocalipse. Naquele momento, pegou a Bíblia e foi para o escritório. Abriu em Daniel 7:1-17, que descreve o surgimento de quatro animais que saem do mar. Em linguagem profética, “mar” representa povos, nações e línguas (Apocalipse 17:15). Os animais – leão, urso, leopardo e o animal indescritível – representam Babilônia, Média-Pérsia, Grécia e Roma, os quatro grandes impérios que dominaram a Terra. Em Apocalipse 12 e 13, o dragão – que representa Satanás e a atuação dele por meio da Roma pagã (Estado) – dá seu poder e autoridade para a primeira besta – que representa Roma papal (religião). Com essa união, a Roma papal teve o poder civil e religioso por 1.260 anos (entre 538 d.C. e 1798).

A mente de Laércio viajava pela Idade Média. Lembrou-se dos cristãos que foram perseguidos, mas que preferiram morrer a ser infiéis a Deus. Mais uma vez, sentiu a solenidade do momento que estava por vir. O texto de Apocalipse 14:6 a 12 ecoava em sua mente. Ali Deus convidava Seu povo à verdadeira adoração: a adoração do Criador no dia de sábado. Ficou triste ao lembrar-se da advertência dos versos 9 e 10: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o sinal na sua testa, ou na mão, também este beberá do vinho da ira de Deus.

Laércio não tinha dúvida de que Deus estabeleceu mandamentos para serem cumpridos, e não modificados ou quebrados pelos seres humanos. A guarda dos mandamentos de Deus é um sinal da lealdade de Seu povo a Ele. O quarto mandamento, que trata da guarda do sábado, não era obedecido por grande parte dos cristãos. Laércio compreendia que, especialmente com a saída da lei dominical, a questão não se limitava ao dia da semana que as pessoas escolhem para adorar a Deus. Era uma demonstração pública de quem domina o coração: a vontade de Deus ou a vontade humana.

Era irônico pensar que o selo de Deus ou aquilo que iria diferenciar o Seu povo nos momentos finais da história deste mundo era a guarda do sábado. Esse povo tinha vindo de todas as igrejas e denominações. Esse povo fiel a Deus seria chamado a obedecer-Lhe independentemente da religião ou credo.

Agora, Laércio entendia por que o verso dizia que a marca da besta seria colocada na testa ou na mão. A testa significa nossos pensamentos e a mão, nossas ações. Mais do que nunca, seria muito fácil desobedecer à vontade de Deus e guardar o domingo. Quem fizesse isso, estaria recebendo a “marca da besta” e quebrando os mandamentos de Deus. Sabia que teria que depender de Deus a cada minuto e receber forças do Céu para ir contra tudo e todos e fazer aquilo que Deus havia estabelecido. Essa viagem entre o passado e o futuro fez com que ficasse um pouco angustiada, pois sabia que era seu dever advertir a todos que conhecia para que não escolhessem seguir o inimigo de Deus. Lamentava profundamente ao ver que a pessoa mais próxima, sua esposa, escolhia diariamente que não queria receber o selo de Deus.

O suor rolava em sua testa. Levantou-se da cadeira e se dirigiu silenciosamente para o banheiro da suíte. Abriu a torneira, e um fio de água fresca começou a descer. Molhou a testa e abriu o armário embaixo da pia para pegar uma toalha limpa. Viu uma pilha de toalhas e, sem pensar, puxou a última. Ouviu um barulho e notou que uma pequena cartela de comprimidos tinha caído no chão. Lentamente, abaixou-se para pegar a cartela e demorou alguns segundos para entender o que aquilo significava.

Ele encontrou uma cartela de comprimidos anticoncepcionais que Júlia provavelmente havia escondido no fundo do armário do banheiro. O problema é que ele tinha feito uma cirurgia de vasectomia havia muitos anos.

Suas suspeitas foram confirmadas: Júlia estava tendo um caso com alguém! Como podia ser tão fria e ingrata? Depois de tantos anos juntos e de tudo que havia feito por ela? Seu amor incondicional não era suficiente? Seu dinheiro e apoio nos bons e maus momentos também não bastavam? Por que ela era infiel? Sabia que a fidelidade era fruto do amor. Sem amor, a fidelidade era vazia e não duraria.

Enquanto permanecia sentado no chão do banheiro, massacrado pela dor da traição, sentiu o abraço de Deus. Percebeu que Ele também tinha amado ao Seu povo incondicionalmente e havia sido traído. A raça humana era fria, ingrata e não passava de uma esposa muito amada que escolheu ser infiel.

CAPÍTULO

XIII

Tinha, Tinha, onde você está?

– Estou esperando o táxi que vai me levar para o aeroporto. Ontem lhe disse que iria chegar às três horas em Brasília. Você pode mesmo me buscar?

– Posso... Venha tranquila. Estou ligando porque tenho uma notícia maravilhosa! – Sua voz transmitia emoção e alegria.

– Sério? Então fale logo!

– Meu pai... os médicos acham que ele está curado!

– Meu Deus! Que bênção maravilhosa! Muito obrigada!

– Ele ainda vai ter que passar por outros exames, mas, como lhe disse, o quadro dele só tem melhorado. Ontem, o médico afirmou que o câncer não apareceu nos últimos exames... Dá pra acreditar?

– Dá, sim! Isso se chama milagre. Deus operou! Pra Ele, nada é impossível.

Ela ouviu um suspiro do outro lado da linha:

– Deus e a medicina, né, Tinha? Olha, venha logo, que vou buscar você, sim?! Vamos ter um fim de semana maravilhoso. Beijinho, meu amor.

– Beijinho... amo muito você! Até daqui a pouco.

O táxi estacionou na frente da casa de Letícia. O motorista do Santana quatro portas era um senhor moreno, que abaixou o vidro do carro e perguntou:

– Você é a Letícia?

– A própria!

Ele desceu do carro e colocou a mala azul-marinho no porta-malas. Letícia abriu a porta do lado do passageiro e se acomodou no banco de trás.

– Moça, você vai para o aeroporto de Joinville, certo?

– Isso mesmo. Quanto tempo iremos demorar para chegar?

– Olha, são 49 quilômetros. Devemos demorar menos de uma hora.

Letícia olhou para o relógio de pulso e viu que eram nove horas. Seu voo sairia às onze.

– Temos tempo...

O carro começou a se mover e Letícia não conseguia parar de sorrir. Seu sogro estava curado! Que bênção maravilhosa! Uma pequena esperança começava a brotar em seu coração. *Será que agora Rogério vai levar as coisas de Deus mais a sério? Isso foi um milagre! Espero que ele reconheça!*

As atitudes do noivo tinham piorado nas últimas semanas. Letícia havia compartilhado com ele sua preocupação: “Tico, quero um esposo que seja o líder espiritual da família. Esse é um peso muito grande, que não posso e não quero carregar sozinha. Você precisa acertar as coisas com Deus antes de nos casarmos.” Quando ela fez esse comentário, Rogério mudou de assunto. Disse que estava pesquisando locais exóticos para a lua de mel: “O que você acha do Caribe? Se preferir, podemos ir para a Europa – sei que esse é seu sonho, professorinha. Já pensou? Todos aqueles museus? Todas aquelas igrejas? Sei que em cada esquina você teria uma história pra me contar...”

Enquanto isso, ela pensava: “Rogério é tão cheio de energia e vida! Como eu amo esse homem... Por que nem tudo pode ser perfeito, meu Deus?” Letícia suspirou.

– Pra onde a senhora vai viajar? – Ela voltou de seus pensamentos ao ouvir a pergunta do taxista.

– Vou para Brasília – respondeu. Não queria puxar assunto. Queria aproveitar a viagem para conversar com Deus. Precisava de direção.

O taxista olhou pelo espelho retrovisor e disse:

– Brasília! Terra boa. Só tem marajá! Eu sou de Anápolis.

Enquanto o taxista olhava pelo retrovisor, não percebeu que um ônibus tentava ultrapassar um fusca e se movia rapidamente pela contramão.

– Olha o ônibus! – ela gritou.

Desesperado, o motorista puxou o volante do carro para a esquerda. O carro rodou e bateu de lado na frente do ônibus que vinha em alta velocidade.

Eram dez horas. O celular de Rogério tocou. Era Letícia:

– Oi, Tinha, já chegou ao aeroporto?

– Bom-dia. Aqui é da Polícia Rodoviária.

– Por que você está me ligando do celular da minha noiva? – Um calafrio estremeceu seu peito. Tinha uma sensação ruim.

– Ela sofreu um acidente aqui na estrada. O táxi bateu em um ônibus.

Rogério sentou na cadeira. As lágrimas rolavam pelo rosto:

– Deixa eu falar com ela. Quero falar com Tinha! – gritava desesperadamente.

– Senhor, agora não vai dar.

– Ela está bem? Ela vai ficar bem? – As palavras quase não saíam de seus lábios.

Ele ouviu um suspiro do outro lado da linha.

– Sinto muito. A dona Letícia faleceu no acidente. Peço que, por favor, avise a família. Ela será levada para o IML de Joinville e a família precisa reconhecer o corpo.

Rogério desligou o telefone. Pegou a chave do carro e saiu de sua sala. Tinha o olhar vazio. Uma colega de trabalho notou o desespero no olhar e perguntou:

– Está tudo bem, Rogério?

– Está sim... – respondeu de maneira seca, enquanto continuava andando em direção à porta de saída.

Sentia as pernas anestesiadas e ainda não conseguia acreditar no que tinha ouvido. Não podia ser verdade... Em breve Letícia, sua amada Tinha, despontaria no portão de desembarque do aeroporto de Brasília. Poderia reconhecer de longe seus olhos expressivos e sorriso caloroso. Ela viria ao seu encontro correndo e jogaria os braços em volta de seu pescoço.

Entrou no carro e tentou enfiar a chave no contato. Sua mão trêmula não permitia. Na terceira tentativa, a chave caiu no chão. Encostando a cabeça no banco, gritou, enquanto chorava alto:

– Por quê? Por quê? Por quê? Não é justo? Logo ela? Deveria ter sido eu!

Laércio acabava de voltar da cozinha do Vegevida, onde Luzia preparava o almoço. Notou que estava tudo quase pronto. Verificou o cardápio dos próximos dias e fez um levantamento do que precisava comprar. Foi para o escritório a fim de ligar para alguns fornecedores. Sentou na cadeira em frente à sua mesa. O celular tocou. Viu que era Rogério:

– Oi, Rogério. Quanto tempo, hein?

– Seu Laércio. Algo terrível aconteceu... Vou dizer de uma vez.

A voz do outro lado da linha era rouca e desesperada. Laércio prendeu a respiração.

– Letícia sofreu um acidente na estrada e... ai, meu Deus! como vou dizer?... Ela morreu, seu Laércio, ela morreu!

Rogério começou a chorar desconsolado.

– Sinto muito...

O coração de Laércio se dilacerou. Letícia era sua filha mais velha. Sua linda e preciosa filha, que sempre lhe trouxe tanta alegria e orgulho. As lágrimas brotaram em abundância.

– Rogério, você precisa se acalmar e me explicar o que aconteceu!

O genro contou o que sabia, mas definitivamente não estava em condições de dar mais explicações.

Laércio desligou o telefone. Nada nesta vida o havia preparado para aquele momento. Um pai nunca espera enterrar seus filhos. “Meu Deus... me sustenta”, suplicou. Estava estático, sentado em frente à sua mesa. Seus olhos anuviados fitaram um porta-retratos que tinha uma foto de Letícia em sua formatura da faculdade. Ela vestia uma beca preta. Estampava um sorriso largo que fazia com que seu delicado nariz sardento ficasse com ruguinhas nas laterais. Na foto, abraçava Laércio, Júlia e seu irmão Tiago. *Como a família estava feliz naquele dia*, lembrou. Abraçando o porta-retratos, chorou amargamente. A dor era insuportável.

Lembrou-se da primeira vez que a viu na maternidade. Era um bebê muito pequeno, branquinho e frágil. Tinha medo de segurá-la nos braços, pois era tão indefesa. Nesse dia, prometeu que iria protegê-la contra tudo e todos. Naquele momento, Laércio entendeu o que era amor incondicional.

Lembrou-se do dia em que Letícia trouxe Rogério para conhecer a sua família. Ao vê-la segurando nas mãos do namorado, Laércio percebeu, pela primeira vez, que sua menina havia se transformado em uma mulher. Uma mulher inteligente, com princípios e, aparentemente, apaixonada pela primeira vez. Chorou ao pensar que a filha nunca concretizaria o sonho de entrar em uma igreja usando um vestido branco. Imaginou como ela teria ficado linda vestida de noiva. Laércio chorava profusamente, enquanto do Céu o Senhor Deus também chorava. Sentia a dor de Seu filho Laércio. Toda a dor da perda de Seu único Filho era experimentada novamente. Enviou anjos para abraçar Laércio, Seu servo fiel.

Depois de chorar bastante, Laércio sentiu que já não tinha lágrimas. Olhou para o céu e disse: *Mesmo assim, Senhor, eu confio em Ti*. Pegou o telefone e ligou para o Tiago, no Rio de Janeiro. Decidiu que iria conversar com Júlia pessoalmente. Sabia que ela precisaria tomar alguns calmantes antes de receber a notícia.

Chovia em Uberlândia. O som da chuva batendo no teto e nas janelas ecoava pela casa

silenciosa. A família de Laércio tinha acabado de voltar do enterro de Letícia. Tiago e Nina vieram do Rio de Janeiro, assim que receberam a notícia. Tia Ester disse que não tinha mais coração para aguentar tanta tristeza. Ficou em casa, orando pelos familiares. Camila, que foi uma grande ajuda para Laércio no processo de liberação e traslado do corpo para a cidade natal da amiga, também estava hospedada na casa da família.

Rogério apareceu rapidamente no velório. Vestia um terno preto e usava óculos de sol. Estava abatido. Colocou um ramallete de margaridas – as flores favoritas de Letícia – em cima do caixão e foi embora. Não quis ficar para ver sua amada ser enterrada.

Júlia estava no quarto dormindo. Quando recebeu a notícia da morte da filha no dia anterior, desmaiou e foi levada ao hospital, onde recebeu uma alta dose de calmantes. Durante o enterro da filha, tinha o olhar perdido, vazio, parecia não acreditar no que estava acontecendo. Chegou em casa exausta e o esposo a carregou para a cama.

Laércio também sofria muito com a perda da filha. Estava cansado física e emocionalmente. Sempre tinha sido o braço forte da família em todas as situações de crise. Dessa vez, não era diferente. Apesar de estar extremamente triste, não estava desesperado. Deus tinha colocado em seu coração a segurança de que, em breve, veria o sorriso carismático de sua filha novamente. Confiava na volta de Jesus e isso trazia consolo ao seu coração.

A personalidade sanguínea de Tiago veio à tona mais forte do que nunca. Ele não conseguia conter as lágrimas. Agora, estava parado em frente à porta do quarto da irmã. Não tinha coragem de entrar e se deparar com a dura realidade. Letícia, sua companheira constante, não estaria mais ali. Ela lhe ensinara as primeiras coisas que aprendeu. Com ela tinha jogado futebol, brincado de esconde-esconde e pega-pega. Letícia era sua protetora na escola, companheira nas aulas de natação e inglês. A presença da irmã em sua vida sempre trouxera segurança.

Naquele momento, o desejo de querer ficar novamente perto da irmã e de trazer lembranças queridas à memória o levou para a porta do quarto dela. Vendo a angústia do namorado, Nina se aproximou vagarosamente, abraçou-o com ternura e disse suavemente:

– Ti, você não precisa entrar aí agora. Vá para o seu quarto descansar. Eu ajudo Camila a encaixotar as coisas dela.

Ele a abraçou com força, deu um beijo em sua testa e entrou no quarto ao lado. Nina encostou a cabeça na porta do quarto da cunhada, que não conheceu pessoalmente. Elas já haviam conversado por telefone, *chat* e trocado *e-mails*. Quando Nina foi expulsa de casa por seu pai, Letícia foi a primeira a sugerir que ela fosse morar com tia Ester e que Tiago mudasse para um apartamento pequeno ali perto. Letícia conversou com Laércio e os dois se comprometeram a enviar dinheiro para ajudar Tiago em suas despesas. O pai de Rogério arranhou um emprego na loja de um amigo e, dessa maneira, Nina não precisou largar a faculdade. A iniciativa da cunhada havia feito toda a diferença.

Nina tinha muita vontade de conhecer a irmã mais velha de Tiago. Sabia que a amizade dos dois era profunda. Tiago sempre dizia que Letícia era a única na família que conhecia suas

fraquezas e as coisas erradas que fazia e, mesmo assim, não havia desistido dele. Nunca o repreendia. Simplesmente mostrava, por meio de pequenas ações, que o amava. Sempre que possível, envolvia-o nas atividades da igreja. Ele dizia que “foi por causa dela que não debandei completamente. Sentia que a Tinha sempre estaria pronta a estender a mão e me ajudar a levantar”.

A dor da perda de uma pessoa que nunca havia conhecido era estranhamente grande. Nina respirou fundo e abriu vagarosamente a porta do quarto. Viu Camila sentada na cama de casal coberta por uma colcha roxa. Ela estava rodeada de almofadas coloridas: azul, verde, laranja, amarelo. Do lado oposto à cama, existia uma escrivaninha cheia de potes de diversos tamanhos. Cada pote continha canetas, lápis de cor, giz de cera, elásticos, clips coloridos...

Acima da escrivaninha, Letícia havia feito um imenso painel com centenas de fotos que tirou, no decorrer do tempo, com pessoas amadas: Rogério, suas amigas do colegial, a família, colegas da igreja... A outra parede era coberta de fora a fora por livros sustentados por uma estante de madeira. Ali existia um número incontável de livros, de todos os tamanhos, cores e assuntos.

– Ainda não tive coragem de mexer em nada.

Camila tinha olheiras profundas e a voz rouca.

– Este lugar é exatamente como ela descreveu... Fico imaginando seu Laércio contando histórias para a pequena Letícia dormir. Esses momentos marcaram sua vida.

Nina não sabia o que dizer. Tudo parecia inapropriado naquele momento. Ela conhecera os amigos e pais de Letícia havia pouco tempo. Compartilhava de sua dor, mas, em sua timidez, não se sentia à vontade para expressar suas emoções. Arriscou:

– Queria muito ter tido a chance de conhecer a Letícia.

Camila suspirou.

– Sua cunhada é inesquecível. Tinha uma índole boa. Era meiga e carinhosa, mas sabia muito bem o que queria. Lutava até o fim pelas coisas em que acreditava. Queria mudar o mundo e ajudar a todos. Tinha uma fé inabalável em Deus.

Nina caminhou vagarosamente até a cama de Letícia. Pegou algumas almofadas e sentou no chão. Cruzou as pernas e comentou:

– Nunca fui num enterro como esse.

– Como assim? Enterro é enterro...

– Eu sei! Mas o enterro da Letícia foi diferente... Não sei, as pessoas estavam tristes, mas não desesperadas... Dava pra sentir que existe uma esperança.

– Ah, tá, você está se referindo à mensagem do pastor?

– Isso também. Foi lindo quando ele leu a Bíblia e nos lembrou que a morte é somente um sono (João 11:11-14).

– Em breve, Letícia vai acordar para ver o momento que tanto esperou: a volta de Jesus.

Nina abraçou uma almofada e pensou alto:

– E pensar que eu sempre acreditei que, quando as pessoas morrem, vão para o Céu... Não seria justo, né?

– Pois é, já pensou se a Letícia estivesse em um lugar maravilhoso agora olhando aqui para a Terra e vendo todo o sofrimento de sua família, seu noivo e amigos? É meio contraditório... Desse jeito, ninguém iria querer ir para o Céu. Pra quê? Pra ver as pessoas amadas sofrendo e não poder fazer nada?

– Antes de ser batizada, estudei sobre esse assunto na Bíblia e fiquei muito feliz em saber que os mortos não vão para o inferno, limbo ou Céu. Eles voltam para o pó da terra (Salmo 6:5; 1 Tessalonicenses 4:15, 16). A Bíblia também diz que os mortos dormem e não têm consciência do que está acontecendo em nosso mundo. Só irão ressuscitar na segunda vinda de Jesus.

– Nina, Deus é amor. Como poderia permitir que Seus filhos, mesmo os que fizeram más escolhas, ficassem a eternidade queimando no fogo do inferno? Isso seria contra o caráter de Deus.

Nina sentou-se ao lado de Camila. Essa troca de palavras fez com que se sentisse mais à vontade para compartilhar seus pensamentos:

– Camila, a Letícia teve muita sorte em ter uma amiga cristã como você. Somente agora estou me relacionando com pessoas que confiam em Deus. Isso faz toda a diferença na maneira como encaramos a morte... Você acredita que, quando minha avó morreu, minha mãe foi procurar um médium? Ela disse que conseguia conversar com minha avó. Por muito tempo, acreditei que isso era possível.

Camila balançou a cabeça:

– Satanás é muito astuto. Ele engana as pessoas pegando no seu ponto fraco. Olha que coisa triste, sua mãe sentiu saudade de sua avó, e isso é natural. O inimigo aproveitou essa situação para fazer com que ela acreditasse que a alma de sua avó estava pairando por aí. Esse é um grande engano.

– Pois é. E pensar que tanta gente acredita nessa mentira!

– Nina, a conversa está boa, mas prometi para o seu Laércio que iria encaixotar as coisas de Letícia. Tenho que ir embora amanhã...

– Ele está certo em não querer que a dona Júlia fique com essa responsabilidade.

– Ela não iria conseguir. Pra mim, vai ser difícil...

Nina se levantou, separou cuidadosamente uma pilha de livros e colocou-os em uma caixa.

– Vamos lá, eu ajudo. Assim, lhe faço companhia...

– Hoje, vamos encontrar muitos pedaços da história de Letícia: minha querida amiga que amava histórias...

CAPÍTULO

XIV

Algumas semanas antes da morte de Letícia, Júlia tinha participado do processo seletivo para promotora na cidade do Rio de Janeiro. A seleção foi composta por quatro etapas: prova objetiva, prova subjetiva, prova oral e avaliação de títulos. Duas semanas depois do acidente da filha, ela recebeu o resultado do concurso público. Naquela manhã, entrou descalça na cozinha e chamou o marido:

– Laércio.

Ele estava tomando o café da manhã e lendo o jornal. Levantou os olhos e deparou-se com uma Júlia completamente diferente da mulher com quem tinha convivido por tantos anos. Ela vestia uma calça de moletom cinza-escuro, uma camiseta branca larga e comprida que estava toda amarrotada. Seu cabelo estava despenteado e as olheiras escuras contornavam os olhos azuis avermelhados. Sua voz era fria e seca:

– Vou me mudar para o Rio de Janeiro. Até amanhã saio de casa. Passei no concurso para promotora.

Laércio colocou o copo de suco de laranja que segurava na mão em cima da mesa. Não sabia como reagir. Por alguns segundos, foi tomado por uma mistura de sentimentos. Por um lado, estava feliz pela esposa, que tinha conseguido alcançar seu objetivo. Nem acreditava que ela finalmente seria uma promotora. Ao mesmo tempo, percebeu que teria que lidar com mais uma grande perda. Sabia que Júlia o deixaria na primeira oportunidade. No fundo, acreditou que, por causa da vulnerabilidade que ela apresentou desde a morte da filha, talvez mudasse de ideia e quisesse ficar com ele.

O olhar vazio da esposa estava sobre Laércio. Ela esperava uma resposta.

– OK, Júlia, a escolha é sua – respirou fundo e completou: – Eu sei que você está envolvida com outro homem há algum tempo. Sabia que esse momento era inevitável.

Ela arregalou os olhos. Agora era possível ver um pouco de emoção na sua expressão:

– Você sabia? Por que não disse nada?

Sua expressão se enrijeceu novamente e ela completou:

– Você é muito mole... conformado. – Seu tom era sarcástico e cruel.

Laércio sentiu uma punhalada no peito. Seus olhos se encheram de lágrimas e sussurrou:

– Não... não sou conformado. Sofri muito com isso. Você nunca vai entender que eu a amo e sempre amarei. Tinha esperança de que você mudasse de ideia.

Ela abaixou a cabeça, envergonhada. Desejou nunca ter dito aquelas palavras horríveis. Agora, era tarde demais. Virou as costas e disse ao sair:

– Não lhe quero mal. Só quero ser feliz.

A redação da agência de notícias era um ambiente agitado. O fluxo de trabalho era grande e sempre havia pessoas falando ao telefone. Trocavam informações, verificavam fatos. Naquele momento, não se ouvia uma palavra sequer. Era a primeira vez que Rogério ia trabalhar desde a morte da noiva. Todos souberam do ocorrido e lamentaram a perda do colega. Quando ele entrou na agência com seu *laptop* debaixo do braço e a fisionomia abatida, todos pararam o que faziam.

Rogério percebeu que as pessoas olhavam para ele com pena. Incomodado com a situação, falou em alta voz:

– Voltem a trabalhar, acabou o espetáculo.

Armando, seu chefe, viu a cena através da vidraça que separava sua sala do grande galpão, onde divisórias baixas separavam as ilhas de trabalho dos jornalistas. Abriu a porta e chamou:

– Rogério, venha cá. Quero falar com você.

Ele se dirigiu com passos firmes e sentou na cadeira posicionada na frente da mesa do chefe.

– Meu filho, o que está fazendo aqui? Você precisa de mais tempo para se recuperar.

– Não, Armando, o que preciso é trabalhar. Se ficar em casa mais um minuto, vou enlouquecer.

O chefe encostou a cabeça na cadeira larga. Sua barriga volumosa foi jogada para a frente. Pensou um pouco. Colocou o cotovelo na mesa e disse:

– OK, se você quer trabalhar, vou lhe dar trabalho.

Rogério esboçou um sorriso. Aguardou instruções:

– Como você sabe, a lei dominical foi aprovada no Congresso há 30 dias. Geralmente, dão um prazo de 90 dias para que as pessoas se ajustem e possam cumprir o que foi definido na nova lei. Dessa vez, o prazo será mais curto. O governo está sendo pressionado pelos Estados Unidos, Vaticano e AEM, que já injetaram 20 bilhões de dólares no país. Então, parece que hoje vão começar a fiscalizar e exigir que os cinco regulamentos estipulados na lei se cumpram.

– Que regulamentos são esses?

Armando coçou a cabeça e começou a digitar em seu computador. Quando encontrou o que procurava, disse:

– Está aqui, você pode acessar a lei no Diário Oficial da União. Os cinco regulamentos estipulam as seguintes obrigatoriedades:

- 1) funcionamento do comércio todos os dias da semana, menos no domingo;
- 2) aulas de religião em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental, utilizando livro-texto publicado pela AEM;
- 3) aulas aos sábados em todas as instituições de ensino básico e superior;
- 4) cadastramento de toda pessoa jurídica na sede da AEM regional para obtenção de licença de funcionamento;
- 5) cadastramento de toda pessoa física na sede da AEM regional para obtenção de cartão magnético que possibilitará a compra de qualquer mercadoria ou serviço com descontos substanciais subsidiados pelo governo.

Rogério franziu a testa.

– Nossa, Armando; pegaram pesado. Está tudo amarradinho...

– Eu sei, quero que acompanhe o trabalho do governo na implantação dessas regras. Com certeza, irão enviar fiscais para checar as escolas, empresas e instituições.

– Pode deixar... Vou cuidar disso pra você.

Armando segurou no braço de Rogério e disse:

– Seja coerente, Rogério. Se achar que não vai dar conta do trabalho, me avise. Não quero que faça mais do que aquilo que pode. Essa é uma fase muito frágil.

– Pode parar com isso. Estou aqui porque quero mais é trabalhar!

Levantou um pouco mais animado e se dirigiu para o fundo do prédio, onde estava sua sala. Abriu a porta, sentou em sua cadeira e suspirou. Não imaginava o que ia encontrar pela frente.

Nas semanas seguintes, Rogério mergulhou no trabalho. Fazia questão de acompanhar os fatos relacionados com a lei dominical.

Naquela noite, estava em casa. Perdeu o sono. Pensava em Letícia. Como sentia saudade! Decidiu pegar as anotações coletadas no fim do dia e adiantar a matéria que teria que entregar no dia seguinte. Abriu o *laptop* no colo e começou a digitar:

Há três semanas, o governo começou a exigir o cumprimento dos regulamentos

estabelecidos na lei dominical. Para grande parte da população, tais regulamentos não mudaram muito sua rotina diária. Ingrid Fontana, uma empregada doméstica em Brasília, afirmou: “Na verdade, essa lei me beneficiou.” Ela estava se referindo ao cartão magnético disponível para as pessoas cadastradas nas sedes da AEM. Com o aumento da inflação, o preço dos alimentos e produtos subiu em média 35% nas últimas semanas. O cartão da AEM representava um desconto de até 60% na compra de qualquer produto ou serviço.

Rogério tirou a mão do teclado. Começou a pensar na Igreja Adventista. Tinha entrevistado o pastor naquela tarde. Queria usar a igreja como exemplo em sua matéria, pois sabia que ainda não estava cadastrada na AEM. Quando levantou essa questão, o pastor Sérgio sorriu e respondeu:

– Rogério, você cresceu em nossa igreja. Sabe que nunca iremos concordar com a filosofia da AEM. A Igreja Adventista e seus membros não irão se cadastrar.

– Pastor, você tem consciência de que essa decisão pode ter consequências muito sérias? Vocês tiveram sorte, porque meu pai conseguiu usar sua influência para convencer os fiscais a adiar a visita à igreja durante o culto de sábado.

– Eu sei, já agradei seu pai pela gentileza.

– Pastor, isso é momentâneo. A pressão é muito grande. Se não fizerem nada, em breve irão fechar a igreja!

– Nós já estamos prontos para isso há muito tempo. É o cumprimento da profecia.

Rogério virou os olhos.

– Pastor, se fecharem a igreja, ainda dá pra aceitar. Vocês podem fazer o culto em casa. Só acho complicado que os membros não possam se associar e usufruir do cartão da AEM. Tem muita gente que, daqui a pouco, vai começar a passar necessidade.

– Os membros da igreja são livres. Temos nossa posição como denominação, mas cada pessoa tem que tomar sua decisão individual. Muitos, inclusive, já fizeram seu cadastro na AEM.

A fisionomia do pastor ficou séria, ele colocou a mão no ombro de Rogério e disse:

– Meu filho, agora a luta entre o bem e o mal vai ser ainda mais acirrada. O povo fiel de Deus vai se levantar. Essas pessoas virão de várias igrejas, não só da Igreja Adventista. O que vai diferenciar o povo de Deus é a guarda dos mandamentos, especialmente a guarda do sábado. Não se iluda, Rogério, para muitos, a adesão à AEM não significa nada. Acredito que seja a marca da besta descrita nos livros proféticos da Bíblia.

Rogério arregalou os olhos:

– Ah, pastor! Pare com isso! Você está ficando meio fanático, hein? Estou acompanhando essa história de perto e não tem muita saída não...

– Tem sim, Rogério. Confiança em Deus. Jesus está voltando. Todas as profecias estão se cumprindo. Pense nisso, meu filho. Aproveite a oportunidade e seja fiel a Deus. Não vai ser fácil... Mas no final vai valer a pena.

– Pois é, pastor, vou ser sincero, às vezes fico pensando... Se o Céu realmente existe, será que eu seria feliz naquele lugar? Acho que não teria paciência pra ficar tocando harpa pela eternidade – Rogério tinha um tom sarcástico na voz.

– Meu filho... a maior alegria de estar no Céu é poder viver eternamente com Jesus. Nosso amado Jesus!

– E se eu não amar a Jesus como vocês amam? Qual a graça de sofrer tanto pra ir viver naquele lugar cheio de gente boazinha... Tenho certeza de que seria infeliz no Céu, e pela eternidade! – pensou alto.

O pastor parecia frustrado e desapontado com os comentários do jovem ambicioso que estava à sua frente. Olhou em seus olhos com carinho e disse:

– Meu filho, no Céu você vai reencontrar Letícia... Ela era apaixonada por Jesus!

Rogério se levantou. Estava visivelmente abalado.

– Pastor, essa entrevista está encerrada. Passar bem!

Olhou para o computador em sua frente. Como iria escrever sobre a igreja que havia frequentado durante toda a sua vida? Lembrou-se dos olhos do pastor. Ali existia determinação e coragem. Isso fez com que se lembrasse de Laércio. Como estaria seu ex-sogro? “Ih, aquele lá, com certeza, ainda não se cadastrou!” Pegou o celular e ligou para Laércio.

– Alô? – A voz era sonolenta.

– Você está dormindo? Desculpe, ligo depois – Ele ia desligar.

– Não, meu filho. Que bom ouvir sua voz. Você recebeu meus recados?

– Recebi, seu Laércio. Voltei a trabalhar e estou correndo bastante. Como estão as coisas?

– Tudo bem, graças a Deus. Grandes mudanças, mas estou bem.

– O que mudou?

– Bom, a Júlia mudou para o Rio. Virou promotora. O Vegevida fechou, não me cadastrei na AEM, não abri o estabelecimento no sábado e não adquiri o cartão de desconto.

– Desse jeito, seu Laércio, é lógico que também não ia conseguir manter o restaurante.

– Eu sei, foi uma escolha consciente. Não me arrependo. Jamais poderia desobedecer a Deus.

Rogério pensou alto:

– Por que essa notícia não me surpreende?

– O que disse?

– Nada... E agora, o que pretende fazer?

– Acho que vou para Remanso visitar a minha mãe por uns tempos. Ela ficou muito triste com a notícia da morte de Letícia. Estava aguardando a visita de todos nós em julho. Com tudo que aconteceu, não pude visitá-la. Acho que agora é um bom momento.

– É, pelo menos fome vocês não vão passar... E o Tiago? Nunca mais soube dele.

– Também está meio complicada a situação do Tiago. Ele reprovou em várias matérias da faculdade, pois não assiste às aulas aos sábados. A namorada dele, a Nina, foi mandada embora da loja onde trabalhava, pois se recusou a trabalhar no sábado. Ontem, o Tiago me disse que ela ia trancar a faculdade. Não tinha dinheiro para se manter no Rio.

– Oh, seu Laércio! Que coisa! O que custa vocês fazerem o cadastro na AEM? Esse negócio de sábado está acabando com todos os sonhos de vocês.

Laércio sorriu:

– Meu filho, meu sonho é ver Jesus voltar. Meu sonho é encontrar minha filha novamente. Estou feliz! Essas coisas que perdemos são passageiras. Jesus está às portas, quero encontrá-Lo de braços abertos e consciência limpa. Esse é meu sonho, espero que seja o seu também.

O silêncio predominou por alguns instantes.

– Seu Laércio, foi bom falar com o senhor. Espero que seus planos deem certo. Se precisar de qualquer coisa me avise, OK?

– Obrigado por se lembrar da gente, meu filho. Manda um abraço para o seu pai. Soube que ele está completamente curado! Que bênção!

– É, ele está bem, sim... Pode deixar que dou o recado.

– Fique com Deus!

– Tchau!

Rogério desligou o telefone. Seu coração batia rapidamente. A determinação dessas pessoas o impressionava. “Até o Tiago estava abrindo mão da medicina por causa do sábado! Inacreditável!”, pensou.

Os dedos de Tiago se movimentavam rapidamente sobre o teclado do computador velhinho

da tia Ester. Ele havia acabado de conversar com seu pai ao telefone. Laércio disse que todas as economias que tinha estavam se esvaindo rapidamente. Sugeriu que Tiago saísse do apartamento alugado e voltasse para a casa da tia Ester. Disse que iria para Remanso, sem data para voltar. Era a única solução naquele momento.

– Não sei não, pai, acho que agora é melhor trancar a faculdade. A própria tia Ester está com dificuldade de pagar as suas contas. Disse que sua aposentadoria, que era pequena, agora está ainda menor.

– Meu filho, por que você, Nina e tia Ester não vêm pra Remanso comigo? Acho que, se estivermos juntos, vai ser mais fácil passar por esse momento de crise.

– A ideia é boa. Vou conversar com as duas. Podemos viajar no carro da tia Ester. Acho que, com o dinheiro que tenho, conseguimos pagar a gasolina.

– Que bom que gostou da ideia. Ando tão só ultimamente... A sua mãe ligou para você desde que chegou no Rio?

– Não ligou, pai. Estou chateado com ela. Está aqui na cidade e nem dá sinal de vida.

– Deixe sua mãe se estruturar, meu filho. Daqui a uns dias ela vai ligar, você vai ver.

– Pai, estava pensando, vamos fazer assim: você já podia ir para Remanso nessa semana. Eu organizo minha vida aqui e pego a estrada na semana que vem. Podemos nos encontrar lá na chácara da vovó.

– Está bem. A gente combina melhor sua viagem. Um beijo, querido!

Depois dessa conversa com o pai, Tiago começou a pensar em sua viagem para Remanso. Imaginou o momento em que colocaria as malas no fundo do carro e pegaria a estrada. Quantas pessoas ficariam para trás sem receber uma última advertência de que o tempo do fim era iminente? Quantas pessoas decidiriam obedecer a Deus e guardar Seus mandamentos se soubessem qual era a Sua vontade? Quantas pessoas sinceras aguardavam uma oportunidade para se posicionar ao lado da verdade?

Um forte sentimento de missão invadiu Tiago. Ele se ajoelhou e rogou pelo derramamento do Espírito Santo naquela cidade.

Senhor, da mesma maneira que os apóstolos receberam o Espírito Santo e as pessoas foram tocadas, se arrependeram de seus pecados e seguiram a Jesus, eu suplico um novo Pentecostes (Atos 2). Cumpra a Tua promessa, meu Pai, que Teu povo esteja perto de Ti. Que Tu sejas a proteção daqueles que confiam em Ti e cumprem a Tua Palavra.

Ainda de joelhos, começou a imaginar como poderia entrar no lar das pessoas e adverti-las sobre a gravidade do momento que estavam vivendo. Como faria o último chamado, convidando-as a voltar seus olhos para o criador e mantenedor do Universo?

Naquele momento, olhou para a frente e viu o microcomputador da tia Ester. “Vou escrever no meu blog!” – pensou animado. Ligou a máquina e começou a digitar.

Meu nome é Tiago. Sou aluno do primeiro ano da faculdade de medicina da UFRJ. Ainda não consigo acreditar que passei no vestibular de uma universidade federal. Não foi nada fácil. Mas sabia que não podia desistir do meu sonho de ser médico. Desde pequeno, nas minhas brincadeiras de menino, assumia o papel de doutor, que, no caso, operava as bonecas da minha irmã, coitadinha! Você pode imaginar minha alegria e entusiasmo agora que estou dentro da uma sala de aula, aprendendo como ser um médico de verdade...

Entretanto, existe uma coisa na minha vida que considero mais importante que a medicina: a minha relação com Deus. Acredite, isso vem em primeiro lugar...

O Brasil é um país democrático. Isso significa que as pessoas têm liberdade de ir e vir, escolher seus governantes e viver da maneira que bem entendem, desde que não invadam o espaço dos outros. Essa é a base da democracia. Esse sistema é muito valorizado, especialmente pela geração dos meus pais, que sentiu na pele os horrores do sistema militar. Nunca valorizei a liberdade até que a perdi.

Isso mesmo! O Brasil, país democrático, implantou uma lei que está impedindo que me torne um médico. Você pode perguntar: de que lei ele está falando? Estou me referindo à lei dominical.

Como já disse, Deus vem em primeiro lugar em minha vida. Ele me deu vida, família, amigos, saúde, inteligência, perdão, salvação... Enfim, Deus é tudo de bom! O que Ele pede em troca? Amor e obediência. Jesus, o Deus encarnado, disse quando esteve na Terra que aqueles que O amam guardam os Seus mandamentos (João 14:15). Ele foi bem claro em Sua afirmação!

Pois então... Aqui fico um pouco confuso... Na criação, Deus santificou o sábado para Adão e Eva (Gênesis 2:1-3); quando o povo de Israel estava no deserto, Ele deu os 10 mandamentos. O quarto mandamento é bem claro: “Lembra-te do dia do sábado para o santificar” (Êxodo 20:8). Em todo o Antigo Testamento, Deus faz promessas maravilhosas para os Seus filhos que, pela obediência, demonstram que O amam.

Minha promessa favorita está em Isaías 58:13 e 14:

‘Se desviares o pé de profanar o sábado e de cuidar dos teus próprios interesses no Meu santo dia; se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do Senhor, digno de honra, e o honrares não seguindo os teus caminhos, não pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falando palavras vãs, então, te deleitarás no Senhor. Eu te farei cavalgar sobre os altos da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai, porque a boca do Senhor o disse.’

O texto fala por si só. Deus leva a questão da guarda do sábado muito a sério. No Novo Testamento, também vemos diversos registros de Cristo, Seus discípulos e, posteriormente, os primeiros cristãos guardando o sábado.

Agora vem minha dúvida: Por que todo mundo está guardando o domingo? Parece loucura. Na Bíblia não existe nenhum texto que diga que o dia santificado passou a ser o domingo. Nesse caso, vejo essa mudança como desobediência deliberada à vontade de Deus.

Nosso país está em trevas espirituais, e não na luz, como muitos anunciam por aí. Estamos pecando contra Deus, fazendo algo diferente do pouco que Ele nos pediu.

Por isso, vou ter que largar meu curso de medicina. Não estou conseguindo passar nas matérias, pois não vou à aula aos sábados e estou estourando em falta. Você pode achar que estou fazendo besteira, mas nunca estive tão convicto. Nem a medicina fica antes da vontade de Deus.

Estou escrevendo este texto para chamar você a ouvir e obedecer à voz de Deus. Talvez você diga que, durante toda a sua vida, guardou o domingo, especialmente agora, e por que deveria fazer algo diferente? A resposta é: agora você sabe a verdade. Abra sua Bíblia e deixe que Deus lhe mostre a verdade. Deixe que Ele transforme seu coração. Aproveite o chamado de Deus. Ainda temos tempo. Sei que vai chegar o momento em que não teremos essa oportunidade.

Coloque as leis de Deus antes das leis do país... Ele vai ser seu abrigo e força e vai recompensar sua fidelidade quando voltar nas nuvens dos céus muito em breve. Eu estarei pronto para recebê-Lo. Olharei nos olhos do meu Deus sem temor. Ele sabe o quanto sou grato pela paz que sinto e pela segurança de que viverei eternamente no Céu ao Seu lado. Você não vai se arrepender. Eu não me arrependo da escolha que fiz.

Tiago publicou o texto na internet e enviou uma cópia por e-mail para todos os seus amigos. Senhor, fiz o que pude. Espero que Teu Espírito Santo use esse texto para tocar no coração dos Teus filhos espalhados por aí. Chegou a hora da colheita... Sorriu satisfeito. Sabia que Deus iria atuar para salvar pelo menos uma pessoa.

CAPÍTULO

XV

Rogério estava terminando de escrever um artigo sobre a lei dominical. O enfoque eram os benefícios usufruídos pelo país depois da implantação da lei. Enquanto digitava, notou que havia recebido uma mensagem por *e-mail* de Tiago. *Nossa!* pensou ele. *Nunca recebi um e-mail do Tiago! Deve ser alguma coisa séria.*

Abriu a caixa de correio eletrônico e leu a mensagem escrita pelo ex-cunhado. Ficou boquiaberto com a coragem que revelou ao assumir sua posição e especialmente desistir da faculdade por causa do sábado. Foi tocado pelo convite de Tiago e teve uma grande ideia. *Vou enviar o link do blog de Tiago para que seja publicado nos principais jornais do Brasil. Acho que vai ter uma repercussão interessante. Só preciso pensar em um título que chame a atenção das pessoas.*

Pegou uma caneta e começou a escrever em um bloco de papel que ficava na sua mesa. Arriscou: “Um estudante de medicina solta o verbo”. *Não, muito fraquinho*, pensou. Tentou de novo: “Estudante de medicina larga a faculdade por causa do sábado”. *Sei lá, acho que ainda pode ficar mais intrigante. Acho que ninguém iria querer ler o artigo se tivesse esse título. Já sei!* “Estudante de medicina afirma que lei dominical é antidemocrática.” *Agora sim... isso vai dar o que falar!*

– Alô?

– Boa tarde, poderia falar com o Sr. Tiago Almeida?

– Sou eu mesmo.

– Sr. Tiago, meu nome é Oswaldo Nogueira, sou jornalista do jornal *Notícias de São Paulo*.

Tiago mal podia acreditar no que ouvia.

– *Notícias de São Paulo?* Esse é o jornal mais respeitado do país.

– Isso mesmo. Queria fazer umas perguntas...

– Tem certeza de que está falando com a pessoa certa?

– Acho que sim. Você é o estudante de medicina que publicou um blog afirmando que a lei dominical é antidemocrática?

– Bom, não foi exatamente isso que escrevi... – Tiago fez uma pausa para pensar e disse logo em seguida: – Falei que as leis de Deus são mais importantes que as leis dos homens... Como você descobriu o endereço do meu blog?

– Tiago, não posso dizer quem foi a fonte que indicou seu *site*. Só aviso que os principais jornais do país vão publicar seu artigo na íntegra. Estou entrando em contato pra lhe dar a oportunidade de se retratar.

– Como assim, me retratar? Não disse nada que seja mentira. Sua voz mostrava segurança, mas ele sentiu fraqueza nas pernas e uma sensação estranha. Não gostava do tom de voz do jornalista.

– Você não tem noção do que fez, né, Tiago?

– Tenho. Posicionei-me ao lado daquilo em que acredito. Não quero ofender ninguém. Só disse a verdade.

– OK, se é assim que pensa, é isso que vou escrever no jornal.

O jornalista estava pronto para desligar o telefone, enquanto pensava: *Como esse moleque é ingênuo, tentei avisar...* Antes que pudesse desligar, disse:

– Tá bom, Tiago... Obrigado pelo seu tempo.

A mão de Tiago tremia enquanto desligava o telefone. Teve um pressentimento ruim. Por um momento, se arrependeu de ter escrito o blog e, depois, por não ter feito mais perguntas ao jornalista para entender qual era o real motivo da ligação. Olhou para o céu e rogou ajuda. Nesse momento, tia Ester e Nina abriram a porta do apartamento.

Tiago ficou feliz por não estar mais sozinho. Compartilhou o que havia acontecido.

– Eu li seu blog, Ti, e fiquei muito orgulhosa de você. – Nina segurou na mão dele, com o olhar preocupado. – Mas você sabe que, do jeito que as coisas estão, muita gente vai ficar incomodada com o que disse.

– É, eu sei... Será que fiz a coisa certa? Será que exagerei?

– Meu filho – disse tia Ester, pausadamente –, você orou sobre o assunto?

– Orei, tia.

– Então não se preocupe. O Senhor vai guiar tudo... Sente aqui no sofá que vou preparar um chá pra você se acalmar.

Tiago e Nina sentaram no sofá da sala e tia Ester foi para a cozinha.

– Eu concordo com ela, Ti. Deus está no comando. Só acho que a gente não precisa ficar aqui esperando que alguma coisa aconteça.

– A que tipo de coisa você está se referindo?

Os olhos de Nina mostravam temor. Ela falou pausadamente.

– Só me lembrei da época da ditadura... E isso nem aconteceu há tanto tempo assim... As pessoas diziam o que pensavam e...

Ela não foi capaz de terminar a frase. Tiago terminou por ela:

– Sumiam, desapareciam... – sussurrou.

– É.

Os dois se entreolharam. Estavam tendo um vislumbre do que poderia acontecer num futuro próximo. Tiago segurou firme nas mãos de Nina. Nesse momento, tia Ester entrou na sala equilibrando uma bandeja de inox, com três xícaras contendo chá fumegante de erva-cidreira.

– Meninos, estava ali na cozinha pensando. – Ela colocou a bandeja na mesa de centro. – Acho que vocês devem partir para Remanso o quanto antes.

– Vocês? E a senhora, não vai conosco?

– Ah, meu filho, já não tenho idade para essas coisas. A viagem é longa. Vai levar de dois a três dias. Eu não aguentaria. – Ela sentou no sofá e pegou uma xícara de chá. Assoprou a bebida e um vapor quente tocou seu rosto enrugado. Cautelosamente tomou um golinho de chá. Entre um gole e outro sugeriu:

– Vocês podem viajar com meu carro. Eu me viro por aqui.

– Mas, dona Ester, a senhora não tem o cartão da AEM. Suas economias estão acabando. Como vai conseguir sobreviver aqui no Rio sozinha?

– Nina, minha filha, Deus nunca me abandonou. Não vai ser agora que vai falhar. Sinceramente, acredito que devem partir o quanto antes. Eu fico aqui...

– Tia, não vou deixá-la... Você precisa vir conosco!

Ela sorriu amorosamente.

– Vocês são muito queridos... se preocupando tanto comigo. Olha, essa viagem vai ser longa e talvez até perigosa.

Os dois franziram a testa.

– Vocês estão achando que um repórter do jornal *Notícias de São Paulo* ia ligar para o Tiago à toa? Essa história é séria. Se eu for com vocês, posso atrasar a viagem e até atrapalhar vocês. É

importante que estejam perto do Laércio e da minha irmã, são e salvos, o quanto antes.

Tiago ainda tentou argumentar. Tia Ester era irredutível. Viu que ela jamais mudaria de opinião. Finalmente, deu um beijo na testa da tia e disse:

– Está certo, nós vamos separar algumas coisas pra levar e partimos antes do anoitecer. Acho que vai ser melhor sairmos daqui antes que os jornais de amanhã sejam colocados nas bancas.

Tia Ester sorriu aliviada.

– Que bom que você me ouviu, meu filho. Vá tranquilo. Deus vai cuidar de nós.

Os três se abraçaram. Sentiam um aperto forte no peito. Ninguém disse nada, mas a despedida parecia ser permanente. Oraram suplicando a direção de Deus. Poucas horas depois, Tiago e Nina estavam na estrada.

O Sol surgia no horizonte, enquanto o Gol de tia Ester deslizava pela BR 101. Tiago coçou os olhos e mirou Nina, que dormia profundamente no banco ao lado. O sono que sentia era mais forte do que ele. Sentia que não conseguia controlar seus olhos que se fechavam. Avistou um posto de gasolina e decidiu parar.

O tremor do carro atingindo o paralelepípedo acordou Nina que, ainda confusa, perguntou entre um bocejo e outro:

– O que aconteceu?

Tiago esticou o braço direito e respondeu:

– Estou com muito sono. Achei melhor parar para tomar o café da manhã. Espero despertar.

– Se quiser, eu posso dirigir um pouco – disse ela, enquanto passava os dedos entre os cabelos negros e lisos.

Tiago parou o carro em frente à lanchonete. Olhou ao redor e viu vários caminhões estacionados nos limites do posto. Alguns caminhoneiros abriam a porta dos caminhões, e dirigiam-se, cambaleantes, para a lanchonete.

O casal de namorados avistou o banheiro feminino e masculino, e se dividiram antes de adentrar a lanchonete. Ao entrar no ambiente coberto por azulejos cinza, Nina sentiu o terrível odor de banheiro sujo. *O que posso fazer, vou ter que aguentar*, pensou. Jogou um pouco de água fria no rosto e fitou sua face cansada no espelho. Pensou no que estava fazendo: *Estou aqui, no meio do nada, indo para o interior da Bahia com meu namorado... Parece loucura!*

Nesse momento, duas senhoras de meia-idade entraram no banheiro segurando um jornal na mão. Nina entrou em uma cabine contendo um vaso sanitário. Fechou a porta de metal, mas não

pôde evitar ouvir o que uma delas disse.

– Fiquei pensando no que esse estudante de medicina disse. Esse negócio de sábado.

Nina arregalou os olhos e espiou pela fresta da porta de sua cabine. Viu que seguravam o jornal *Notícias de São Paulo* nas mãos.

– No que ficou pensando? O menino está maluco! Esses jovens só querem causar problemas!

Pela fresta, Nina viu uma foto de Tiago entrando no prédio de tia Ester publicada na primeira página do jornal.

– Eu sei que parece loucura mesmo... Sempre fomos à igreja no domingo e agora isso é um privilégio que todos podem ter. Só acho que o que ele disse também faz sentido. Por que mesmo o dia de guarda foi trocado?

– Ah, por favor! Não venha me perguntar essas coisas. Fale com o pastor!

– É, vou falar mesmo. Também quero ver isso direito na minha Bíblia. E se todo mundo estiver errado, como ele disse?

Não acredito que o artigo de Tiago teve esse impacto na vida dessa mulher? Será que ela é a única que foi tocada? E se Deus decidir usar o artigo para chamar Seus fiéis, espalhados em todas as igrejas e fora das igrejas para guardarem o sábado e receberem Seu selo salvador? O povo de Deus não pertence a uma igreja só. O povo de Deus é composto por todos aqueles que aceitam o chamado de Deus e são obedientes ao que Ele pede!

Esse pensamento fez os olhos de Nina brilharem. Até que algo lhe ocorreu: *E se Deus estiver derramando Seu Espírito Santo sobre a Terra, como fez nos dias do Pentecostes? Ele prometeu. Pode ser que isso se cumpra agora!*

Voltou de seus pensamentos ao ouvir que uma senhora jogou o jornal no grande cesto de lixo que ficava abaixo das toalhas de papel de secar a mão. Ela pegou no braço da amiga e ralhou:

– Não começa... O objetivo do artigo é informar que o governo vai caçar os anarquistas que estão perturbando a paz, ao questionar uma lei que só tem beneficiado especialmente os mais pobres. A lei dominical trouxe progresso e crescimento para este país.

Ao ouvir tais palavras, Nina emitiu um som abafado e logo tapou a boca com as mãos. As duas perceberam que existia outra pessoa no banheiro. Antes de saírem, Nina ouviu as seguintes palavras:

– É, pode ter trazido progresso, mas, mesmo assim, sinto que alguma coisa está errada. Algumas pessoas podem até ser julgadas por causa dessa lei. Será que não estamos abrindo mão

de nossa liberdade por conta de uns trocados? Será que estamos fazendo a vontade de Deus?

– Ai, meu pai... Feche essa boca e pare de inventar história. Se quiser falar sobre esse assunto, procure outra pessoa.

As duas saíram do banheiro discutindo, enquanto Nina abria a porta da cabine e corria para a lixeira do banheiro. Pegou o jornal e leu o título na primeira página publicado em letras garrafais:

Democracia brasileira é questionada por estudante de medicina.

Os olhos de Nina se encheram de lágrimas ao ver o texto escrito por Tiago em seu blog publicado, na íntegra, no jornal. Logo depois, o jornalista discorria sobre as medidas imediatas que o governo tomaria contra anarquistas que eram contra a lei dominical. Ele também relatava que entrou em contato com o estudante e deu uma oportunidade para que se retratasse. Disse que o estudante não havia demonstrado arrependimento pelo que havia feito. Muito pelo contrário, parecia ter orgulho daquilo que publicou no blog. Terminou o artigo relatando que tais atitudes atrasam o desenvolvimento econômico do país e deveriam ser reprimidas pela justiça.

As pernas de Nina estavam adormecidas. Saiu do banheiro segurando o jornal na mão esquerda. Entrou na lanchonete e viu Tiago sentado em frente ao balcão, tomando um copo de suco de laranja. Ao vê-la, sorriu:

– Que demora! Sente-se aqui, pedi um suco e pão na chapa pra você.

Nina era incapaz de proferir uma palavra sequer. Levantou a mão trêmula e apontou para a primeira página do jornal. O semblante de Tiago foi se transformando enquanto lia as palavras ali escritas. O atendente da lanchonete colocou um prato com dois pães fumegantes na frente de Tiago. Ele levantou os olhos incrédulos do jornal e pediu:

– Por favor, embrulhe pra viagem.

– Nina, sou eu, Laércio. Onde vocês estão?

– Oi, seu Laércio – sua voz mostrava cansaço. – Estamos perto de Ilhéus. Ainda vamos demorar várias horas para chegar a Remanso.

– Nina, algo muito sério aconteceu. Coloque o telefone no viva-voz, porque quero que o Tiago escute.

Tiago olhou para o lado e perguntou:

– O que foi?

Ela não respondeu. Apertou um botão em seu celular e disse:

– Pode falar.

– Oi, Tiago, sou eu. Estou ligando pra dizer que um maremoto atingiu a cidade do Rio de Janeiro há poucos momentos. Ouvi o noticiário no rádio.

– Maremoto? – Seu tom de voz demonstrava terror.

– É, Tiago, parece que cobriu os bairros perto da praia. Falei com Júlia e ela está bem. Estava passando uns dias em Petrópolis com Fernando.

– Meu Deus! E a minha mãe? Minha irmã! – A voz de Nina era oca.

Tiago estacionou o carro no acostamento.

– Tentei ligar para a casa da tia Ester, mas ninguém atende. Temo que algo tenha acontecido com ela.

Nina tinha a cabeça baixa. Tiago segurou sua mão e disse:

– Vamos tentar ligar pra sua mãe agora mesmo! – Ele pegou o telefone das mãos trêmulas da namorada e disse: – Pai, ligo daqui a pouco. Precisamos fazer umas ligações.

Procurou o número da mãe de Nina na agenda do celular e ligou. Ninguém atendeu ao telefonema. Ligou para o número da irmã e a mesma coisa aconteceu.

– Vou tentar seu pai.

Achou o número de Teodoro e ligou. O celular tocou algumas vezes e ele atendeu:

– Que foi agora, Nina?

Tiago colocou o telefone nas mãos da namorada, que suspirou aliviada ao ouvir a voz grossa do pai.

– Paizinho. Que bom ouvir sua voz! Você está em Brasília?

– Estou, sim. O que você quer? Estou ocupado.

– Pai, eu soube do maremoto no Rio e não consigo falar com a mamãe.

– Ela foi pra Paris com sua irmã, ontem. Foram fazer compras. Dessa, elas se livraram.

Nina suspirou aliviada:

– Graças a Deus!

– Pelo visto você também não está no Rio. Sorte sua... Tenho que ir.

Teodoro desligou o telefone e não deu a chance de Nina dizer mais nada. A maneira fria como a tratava cortava seu coração. Sempre havia sido a filha favorita. Era alvo constante da atenção e amor de Teodoro. Essa mudança era dolorosa. Entregou o telefone para Tiago e sugeriu:

– Vamos tentar a tia Ester novamente. Espero que ela esteja bem.

CAPÍTULO

XVI

Naquela tarde, o Conselho Nacional de Segurança Pública se reuniu com delegados da AEM e convidados especiais no quarto andar do prédio do Ministério da Justiça, em Brasília. A pauta da reunião era discutir o impacto da tragédia que havia assolado o Rio de Janeiro naquela manhã e as ações que deveriam ser tomadas para minimizar as consequências que abalavam o país nos âmbitos sociais e econômicos. Rogério foi o repórter selecionado na agência de notícias para acompanhar a reunião.

O clima era tenso. Na história do Brasil, não havia registros de uma tragédia como essa. As imagens transmitidas pela televisão mostravam resquícios da cidade que simbolizava a beleza tropical do país.

O juiz, Dr. Teodoro, fora convocado para presidir a mesa e iniciou a reunião consultando um oceanógrafo sobre os possíveis motivos do maremoto. Ele se colocou de pé e começou a explicar:

– Os maremotos podem ocorrer por diversos motivos. Geralmente se formam devido a movimentações da Terra e das placas tectônicas. Os tremores quase sempre ocorrem nas divisas entre uma placa e outra. O Rio de Janeiro não era considerado área de risco. A cidade não se preparou para uma catástrofe como esta, pois era improvável que algo assim pudesse acontecer. A ciência ainda busca uma explicação concreta para determinar a razão do maremoto.

Um dos delegados da AEM, um missionário evangélico americano que morava no Brasil havia muitos anos, levantou a mão e recebeu autorização de Teodoro para falar:

– Se me permite a palavra, gostaria de dizer que a AEM acredita que as catástrofes atuais resultam da ira de Deus contra nosso planeta. Sei que essa parece uma explicação simplista. Entretanto, com toda a tecnologia que temos, ainda não somos capazes de prever quando catástrofes como essas irão destruir a vida de pessoas inocentes. Hoje, até a ciência prega a existência de um Deus, um Ser superior que rege as forças da natureza. Só Ele tem poder para nos salvar da força deste planeta, que temos destruído por tantos milênios.

O silêncio na sala era absoluto. Rogério não podia acreditar que a soberania de Deus estava sendo anunciada naquele lugar e que as pessoas pareciam concordar com o que estava sendo dito. O pastor continuou:

– Durante toda a história da humanidade, podemos ver o homem fugindo de Deus e querendo seguir seus próprios caminhos. As consequências sempre foram visíveis. Deus usava

Seu poder e a natureza para mostrar à raça humana quem está no controle. A Bíblia está cheia de exemplos. Veja a história do povo de Israel. Quando saíram do Egito, eles cruzaram o Mar Vermelho em terra seca. Quando o exército do Faraó tentou fazer a mesma coisa, Deus Se manifestou, o mar se fechou e todos morreram. Deus usa Seu poder para julgar a humanidade.

Ele tomou um gole de água e continuou:

– Acredito que, com a lei dominical, nós demos um grande passo no sentido de fazer a vontade de Deus. Nunca antes existiu um tempo em que as pessoas se preocupassem tanto em buscar a aprovação do Todo-poderoso. Sei que o que vou dizer agora pode parecer loucura para alguns dos senhores, mas... – respirou fundo – tenho convicção de que essa tragédia aconteceu porque ainda existem pessoas que não estão aderindo à lei dominical. Tais pessoas estão trazendo a perdição para todos nós.

Vários membros do conselho começaram a sussurrar com os companheiros que estavam ao lado. O pastor levantou a voz e abriu a Bíblia:

– Aqui na Palavra de Deus, no livro de Josué, capítulo 7, encontramos a história da desobediência de Acã. Deus mandou o povo agir de uma determinada maneira e ele não cumpriu a vontade de Deus. Como resultado, o povo de Israel perdeu uma batalha e muitos foram mortos. Somente quando o pecado de Acã foi descoberto e ele foi morto, o povo de Israel recebeu a proteção de Deus novamente.

– Morto! – Rogério repetiu.

A partir daquele momento, vários membros do conselho começaram a discutir o que tinha sido dito, mesmo que implicitamente, pelo pastor. A reunião se delongou até tarde da noite. Rogério mal podia acreditar nas coisas que ouvia. Finalmente, ficou decidido que as pessoas que não tinham se associado à AEM teriam nova chance de fazê-lo. Em um período de 15 dias, caso insistissem em não guardar o domingo, seriam presas e levadas a julgamento. Dessa maneira, o país estaria se prevenindo contra futuras catástrofes.

No final da reunião, Teodoro determinou as ações que deveriam ser tomadas imediatamente.

1. A Polícia Federal divulgaria uma lista com os nomes dos principais sujeitos que estavam se levantando contra a lei dominical e provocando tumulto na sociedade.

2. Essa lista deveria ser divulgada na mídia de todo o país no dia seguinte.

3. Tais sujeitos seriam caçados pela polícia e levados a Brasília, onde responderiam a um processo judiciário no Supremo Tribunal Federal.

4. O juiz responsável pelo caso teria autonomia para decidir a sentença do acusado.

5. Essa ação serviria de exemplo para as outras pessoas que tinham pensamentos rebeldes. Depois dessas prisões, provavelmente não seria necessário publicar uma nova lista. Todos iriam se associar à AEM.

Teodoro solicitou que todos permanecessem na sala, enquanto o representante da Polícia Federal trazia uma lista com os nomes das pessoas que seriam caçadas. Alguns minutos depois, cada participante da reunião recebeu uma folha que continha uma lista com 53 nomes.

Os olhos de Rogério percorreram a lista rapidamente e fixaram-se no número 45. Mal podia acreditar. Ali estava escrito o nome de Tiago Almeida.

Depois que havia mudado para o Rio de Janeiro, a vida de Júlia era tudo que ela sempre sonhara. Morava em um apartamento de luxo com Fernando, na Avenida Vieira Souto, em Ipanema. Tomava café da manhã olhando para o mar. Caminhava na praia e depois ia para o escritório da promotoria. Perguntava-se a todo minuto por que tinha demorado tanto tempo para seguir o seu sonho. Por que tinha ficado tantos anos casada com Laércio? Quando pensava nisso, respirava aliviada e dizia para si mesma: *Antes tarde do que nunca!*

Agora, a feição de Júlia não era nada feliz. Havia viajado para um hotel SPA em Petrópolis, para usufruir do clima de montanha tão apreciado por Fernando. Desde as 10 da manhã do dia anterior, quando recebeu uma ligação de Laércio com a notícia do maremoto que atingiu o Rio de Janeiro, os dois estavam no quarto do hotel, em frente à TV, acompanhando as notícias. Laércio havia dito para Júlia que Tiago não estava no Rio. Ela ficou aliviada ao saber que o filho estava são e salvo.

Depois começou a pensar em sua casa. Em seus móveis, roupas, bolsas, joias... *Será que tudo se perdeu nesse maldito maremoto?* O antigo sentimento de revolta e gosto amargo na boca tomaram conta dela. Ainda se lamentava pela insegurança de saber o que tinha acontecido com seu novo apartamento, quando se deparou com o jornal da manhã. Surpresa, viu a carta e a foto de Tiago. Ficou irritada com a atitude do filho.

– Esse irresponsável é igual ao pai. Não sabe como algo assim pode ter um impacto negativo na minha profissão! – disse para Fernando.

Era de madrugada e Júlia não conseguia dormir. Os pensamentos perturbadores a haviam perseguido por várias horas. Essa crise a fez lembrar-se da morte de Letícia. Sentia que tudo que amava lhe era tirado. Lembrou-se de Fernando. Ele ainda restava e era seu fiel companheiro. Viu que dormia em frente à TV, na sala que antecedia o quarto do apartamento. Levantou-se para colocar uma coberta sobre o namorado. Nesse momento, ouviu o toque de seu celular no quarto.

Voltou correndo, temendo acordar Fernando. Atendeu ofegante.

– Alô?

– Oi, dona Júlia. Aqui é o Rogério. Desculpe ligar a essa hora.

Júlia sentou na cama. Não falava com Rogério havia meses.

– Em que posso ajudar?

– Acabei de sair de uma reunião do Conselho Nacional de Segurança. Estavam decidindo como proceder depois dessa catástrofe no Rio. Disseram que isso aconteceu porque ainda existe gente que insiste em não guardar o domingo. Alegaram que essa atitude irrita a Deus, por isso Ele castiga a todos nós.

Júlia deu um suspiro impaciente. Queria saber logo por que ele estava ligando para seu celular tão tarde da noite.

– Pois então – ele continuou. – Vou resumir. Eles decidiram que vão prender e julgar algumas pessoas que estão fomentando na sociedade a ideia de que a lei dominical é antidemocrática.

Nesse momento, Júlia começou a entender o motivo da ligação. Colocou a mão esquerda na frente do rosto, enquanto ouvia as palavras seguintes.

– O nome de Tiago faz parte de uma lista que vai ser divulgada amanhã. Ele vai ser caçado, preso e julgado.

– Meu Deus! Agora mais essa! – Júlia lamentou, desconsolada.

– Estou ligando pra avisar. De repente, a senhora pode usar sua influência pra tirar Tiago dessa enrascada.

– Como vou fazer isso? Ele está na primeira página do jornal de ontem! Meu Deus, que loucura! Eu avisei, eu disse para o Laércio parar de exagero! Olha o resultado. Perdi minha filha, agora vou perder meu filho!

Fernando apareceu na porta do quarto. Havia ouvido as palavras amargas de Júlia.

– Rogério, por onde anda o Tiago?

– Não sei, tentei falar com ele pra avisar, mas não consegui.

Rogério começou a se sentir culpado por tudo que estava acontecendo com o ex-cunhado. Ele era a pessoa responsável pela publicação do texto do blog nos jornais. Jamais desejou prejudicá-lo.

– Olha, obrigada por me avisar. Vou ver o que consigo fazer. Preciso avisar o Tiago.

Júlia jogou o corpo para trás e caiu na cama. Tapou os olhos com as mãos e começou a chorar. Fernando sentou-se ao seu lado e colocou a cabeça dela em seu colo. Alisou carinhosamente os cabelos finos dourados até que, entre soluços, Júlia conseguiu explicar o que havia acontecido.

– Se não dá pra falar com Tiago, só há uma coisa a fazer.

Pegou o celular que estava jogado na cama e ligou para Laércio.

– Alô? – A voz de Laércio estava rouca e grossa. Ele havia sido acordado.

– Oi, aqui é o Fernando. Eu sei que já é tarde, mas o assunto é importante.

Laércio sentou na cama e espremeu os olhos, tentando verificar as horas no relógio de pulso.

– Preciso saber onde está o Tiago.

– Tiago está vindo para Remanso. Deve estar dormindo em um hotelzinho da BR 101. A resposta veio naturalmente. – Por que é tão importante encontrar Tiago agora?

– A história é longa, mas vou resumir. – Nos momentos seguintes, Fernando discorreu sobre o que havia acontecido.

– Preso? Essas pessoas perderam o senso das coisas? Isso é loucura!

– Sinto muito pela notícia, Laércio. Se conseguir falar com Tiago, diga o que está acontecendo. Júlia e eu vamos ver o que é possível fazer para remediar a situação.

– Está bem, Fernando. Eu aviso, sim. Qualquer novidade, me avise.

– Boa-noite.

Laércio desligou o telefone e se ajoelhou. Seu coração batia rapidamente. Estava alterado. Sabia que, com a implantação da lei dominical, seria difícil manter-se ao lado da verdade. Em seus pensamentos, nunca havia imaginado que seu filho querido pagaria um preço tão alto. Suplicou ao Senhor que o protegesse. Orou para que ele mesmo fosse preso no lugar de seu filho. Tinha medo que a fé de Tiago fraquejasse.

Subitamente foi tomado por um sentimento ruim. Sentiu que não devia ter dado nenhuma dica sobre o paradeiro de Tiago. Tentou tirar esse pensamento da mente. Ficou ajoelhado o restante da madrugada, orando pelo filho que deveria chegar a Remanso na hora do almoço daquele mesmo dia.

Os primeiros raios de sol iluminavam o céu multicolor, quando Júlia finalmente dormiu. Quando recebeu a notícia de Tiago, tomou uma dose alta dos comprimidos que costumava usar para dormir. Fernando ficou ao seu lado, apoiando-a. Sabia que essa era uma situação delicada, pois não via escapatória para Tiago. Mais cedo ou mais tarde, alguém o encontraria. Nesse caso, o fato de sua mãe ser promotora não mudaria seu destino.

Fernando colocou uma manta marrom e macia sobre o corpo espremido de Júlia. Foi para a sala do apartamento e ligou a televisão. O noticiário apresentou novas informações sobre a catástrofe do Rio. Logo em seguida, foi anunciada a decisão tomada pelo Conselho Nacional de Segurança. A foto de Tiago publicada no jornal no dia anterior surgiu na TV, enquanto a lista de pessoas que seriam presas foi apresentada. A repórter explicou o motivo pelo qual era importante a apreensão de tais cidadãos. Pediu que o público em geral se empenhasse em denunciar os causadores de problemas.

Como que num impulso, Fernando pegou seu celular, que estava na mesa de centro da sala. Discou o número 190. Esperou um pouco para ser atendido. Quando ouviu a voz do outro lado

da linha, disse:

– Tenho uma pista sobre onde a polícia pode encontrar Tiago Almeida.

A situação era muito desconfortável. O corpo todo de Nina doía. No dia anterior, ela e Tiago tinham planejado passar a noite em alguma pousada na beira da estrada. O nível de cansaço era imenso e precisavam descansar. A partir das 5 da tarde, começaram a prestar atenção em todos os postos, para ver se encontravam um lugar barato onde pudessem dormir.

Na verdade, o dinheiro estava acabando. Como não tinham o cartão da AEM, os preços de todos os produtos eram incrivelmente caros e muitos vendedores se recusavam a efetuar a venda sem o cartão. Por volta das dez da noite, ainda percorriam a estrada sem encontrar uma pousada que pudessem pagar. Agora a situação começava a ficar mais preocupante, pois a gasolina estava acabando.

Nina acendeu a luz fraca dentro do Gol e olhou o guia das estradas. Viu que ainda precisavam percorrer 50 quilômetros até chegar ao próximo posto. Avisou Tiago que talvez a gasolina não fosse suficiente.

– Vamos orar. O Senhor vai nos proteger. Vai ser muito perigoso dormir aqui na beira da estrada.

Naquela noite, a gasolina foi multiplicada e eles conseguiram percorrer os 50 quilômetros com o ponteiro marcando que o combustível estava na reserva. Quando chegaram ao posto, tudo estava escuro. Existiam vários caminhões parados ao redor da parte coberta. A lanchonete estava fechada e a pequena pousada tinha uma lâmpada acesa.

– Vamos arriscar. De repente, conseguimos dormir ali.

Tiago parou na frente da entrada da pousada, desceu do carro e bateu na porta. Ninguém atendeu. Ele insistiu e nada acontecia. Quando ia entrar no carro para sair dali, uma senhora descabelada, usando uma camisola longa e amassada, colocou a cara redonda na fresta da porta.

– Posso ajudar?

– Gostaríamos de dormir aí na pousada. Tem quarto disponível?

Ela coçou os olhos, mirou o relógio de parede e disse:

– Tem um quarto.

Tiago olhou para Nina, sorrindo esperançoso. Precisava desesperadamente de um banho e uma cama.

– Quando custa a diária?

– 30 reais com café da manhã e cartão da AEM.

Tiago sentiu um friozinho subir pela espinha e arriscou:

– Quanto fica pra quem não tem o cartão?

A mulher franziu a testa e colocou a mão na cintura inexistente.

– E por que alguém não teria o cartão? Seria loucura!

– Ora, as pessoas acreditam em coisas diferentes. Nem todo mundo acredita que o domingo é o dia de guarda estabelecido por Deus.

Nina começou a escorregar no banco do carro. Viu a cara de indignação da dona da pousada. Esperava que o chinelo dela voasse na cara de Tiago a qualquer minuto. Ainda com o rosto vermelho de ira, a senhora disse rudemente:

– Se as pessoas podem acreditar dessa maneira, eu também posso decidir quem dorme na minha pousada... – Antes de bater a porta na cara de Tiago, esbravejou: – Sem o cartão da AEM, vocês não dormem aqui.

Cabisbaixo, Tiago se dirigiu lentamente para o carro. Sentou-se ao lado de Nina e murmurou:

– Desculpe, Nina, não pude evitar...

Ela não disse nada. Também estava cansada, com sono, com fome e precisando de um banho morno. Os dois ficaram ali por alguns momentos, sem saber o que fazer. Na verdade, sabiam que a opção inevitável era encostar o carro perto dos caminhões e dormir ali. Seria a segunda noite consecutiva longe de uma cama.

Tiago finalmente rodou a chave no contato, mas o carro não pegou.

– É, agora a gasolina acabou mesmo!

Colocou o carro em ponto morto e, com a última gota de energia que lhes restava, empurraram o carro para debaixo de uma mangueira. Nina pulou para o banco de trás e ficou se mexendo em busca de uma posição menos desconfortável. Estava tão cansada que, poucos momentos depois, estava dormindo profundamente. Tiago abaixou o banco do passageiro e deitou ali com as duas mãos atrás da cabeça. Sua mente borbulhava. Percebeu que a questão do cartão da AEM estava ficando cada vez mais séria.

Olhou para as estrelas abundantes no céu e se lembrou de sua viagem para o Rio de Janeiro. Como estava feliz! Ia realizar o sonho de ser um médico. Essa viagem tinha características muito diferentes. Foi massacrado pelo pensamento de que havia deixado tudo para trás por uma besteira. *Sábado ou domingo... O que importa é adorar a Deus!*, pensou. Olhou para o céu e rogou que o Senhor tirasse esses pensamentos de sua mente. Sabia que era trabalho do inimigo. Pensou em Letícia, sua querida irmã. Como seria bom encontrá-la novamente. Como seria bom ver a face de Jesus e viver com Ele eternamente!

De repente, todos os problemas que vivia pareciam pequenos perto da esperança que encontrava na promessa da volta de Jesus. Fechou os olhos e começou a imaginar como tudo iria acontecer. Imaginou o abraço apertado de Jesus e Seu sorriso amoroso, enquanto dizia: “Meu filho, você foi fiel a Mim. Venha desfrutar das coisas que preparei para você. São melhores do que tudo que você jamais imaginou.” Envolvido nesses pensamentos, sentiu uma paz profunda e conseguiu dormir.

O sol despontava e os raios quentes batiam nos olhos de Nina. Ela tentou se espreguiçar no espaço limitado que tinha. Viu que Tiago dormia profundamente. Pulou para o banco do motorista e saiu do carro. Encheu os pulmões com o ar fresco da manhã. Viu que alguns caminhoneiros se dirigiam para a lanchonete do posto. Pegou sua bolsa cuidadosamente para não acordar Tiago e decidiu que iria providenciar o café da manhã.

Foi ao banheiro, jogou água fria no rosto, molhou o cabelo oleoso e puxou-o para trás com as pontas dos dedos. Quando entrou na lanchonete, percebeu que era a única mulher no ambiente. Vários caminhoneiros presentes a fitavam com um olhar mal-intencionado. Nina sentiu-se mal com a situação, mas não tinha outra opção.

Dirigiu-se ao balcão e perguntou baixinho para o atendente:

– Gostaria de comprar dois queijos quentes e duas vitaminas. Quanto custa?

Ele apontou para o painel grudado na parede que continha o preço dos lanches.

– Eu sei, custa 8 reais. A questão é que não tenho o cartão da AEM.

O atendente franziu a testa e gritou:

– João, tem uma moça aqui que não tem o cartão da AEM. Quanto sai dois queijos quentes e duas vitaminas pra ela?

O gerente enfiou a cabeça na fresta da porta que separava a lanchonete da cozinha e disse:

– Custa 20 reais.

Nina abriu a carteira e viu que só tinham sobrado 35 reais. Com esse dinheiro, precisavam abastecer o carro e comer. Se gastasse 20 reais no lanche não daria para comprar combustível suficiente para levá-los até Remanso. Ela abaixou a cabeça e agradeceu. Começou a se dirigir para a porta de saída. Nesse momento, um caminhoneiro que tomava um café com leite e havia observado toda a cena, seguiu-a e colocou uma sacola em sua mão.

– Não sei por que a moça ainda não fez o cartão, mas também não quero que fique com fome.

Nina tentou recusar, mas foi em vão. Agradeceu a dádiva e saiu da lanchonete. Abriu a sacola e viu que tinha três pães de queijo e um pedaço grande de bolo de fubá. Agradeceu ao Senhor em seu coração pela provisão.

Deu mais alguns passos e parou. Suas pernas congelaram. Não podia acreditar na cena que presenciava. Dois carros da Polícia Rodoviária estavam ao lado do Gol de tia Ester. Tiago estava encostado no carro de costas para os policiais enquanto eles o algemavam.

Ele viu a hora em que Nina apareceu feliz com a sacola de alimentos nas mãos. Olhou no fundo dos olhos desesperados da namorada, como que dizendo para ela não se aproximar. Nina não conseguia entender o que estava acontecendo. Queria correr até Tiago e explicar que algum mal-entendido havia ocorrido. Ele continuava olhando fixamente para ela. Seus olhos transmitiam segurança. Aos poucos, ela foi dando pequenos passos para trás e se escondeu atrás de uma banca de revistas que ficava próximo à lanchonete. Ali espiava o que acontecia. Vários caminhoneiros curiosos observavam a cena e começaram a se aproximar do carro de tia Ester.

Os policiais analisaram os documentos de Tiago e, sem mais explicações, colocaram-no no camburão e saíram do posto, deixando um alto e denso rastro de poeira. Os caminhoneiros arriscavam o motivo da prisão. “Deve ser um riquinho drogado”, disse um. Outro completou: “É, vai ver que tinha maconha no carro.” Eles discutiam as possibilidades, quando um caminhoneiro levantou o jornal e anunciou:

– Tá aqui! Esse aí é aquele estudante de medicina que é contra a lei dominical. Será que foi por isso que prenderam esse moço?

Subitamente, todos ficaram calados. Aos poucos, foram se dispersando.

Nina continuava agachada atrás da banca de jornais. Não tinha forças para se levantar. Subitamente, foi tomada por um medo imenso. Percebeu que estava sozinha, com pouco dinheiro, num lugar que não conhecia e cheio de pessoas estranhas. Encostou-se à parede e foi levantando vagarosamente. Viu que logo à frente estava o banheiro feminino. Decidiu correr para lá e se esconder até decidir o que iria fazer.

Chegou ao banheiro e olhou seu rosto no espelho. Tinha um aspecto assustador: branco, desesperado. Abriu a bolsa com as mãos trêmulas. Pegou o celular e tentou ligar para Laércio. Viu que a bateria do celular havia acabado. Remexeu na bolsa grande, procurando o carregador do aparelho. Finalmente, o encontrou no fundo da bolsa. Ligou o carregador na tomada e conectou o telefone. Poucos momentos depois, conseguiu completar a ligação. Entre lágrimas, contou para Laércio o que tinha acontecido.

Ele tentou acalmá-la e explicou o motivo da prisão de Tiago. Sugeriu que Nina ficasse onde estava que, em quatro horas, estaria no posto. Daria um jeito de tirá-la daquela situação. Ainda com medo, Nina entrou em uma cabine, trancou a porta e sentou sobre a tampa do vaso sanitário. Aquele era o momento mais escuro de sua vida. Quase conseguia tocar na solidão e desespero que despedaçavam sua alma.

CAPÍTULO

XVII

A ligação de Nina havia deixado Laércio extremamente preocupado. Primeiro, porque seu filho tinha sido levado pela polícia e não tinha ideia para onde nem o que iriam fazer com ele. Além disso, sabia dos riscos de uma moça bonita como Nina ficar sozinha, sem dinheiro em um local isolado e longe de tudo. Quando desligou o celular, pediu a direção de Deus, pois suas opções eram limitadas: não tinha dinheiro, influência ou qualquer amigo que pudesse ajudá-lo.

Decidiu ligar rapidamente para Júlia e pedir que ela tentasse descobrir o paradeiro de Tiago. Depois chamou Donato, que havia mudado com sua família para o sítio de dona Carminha, quando saiu a lei dominical.

– A situação é crítica. Meu carro está aqui, mas não tenho dinheiro para abastecer o tanque. Preciso buscar Nina imediatamente.

Donato tirou o chapéu de palha da cabeça e coçou o couro cabeludo enquanto pensava. De repente, sua face se iluminou.

– Já sei! Seu Aluísio, o carteiro, passou aqui ontem e disse que iria levar a mudança da irmã dele hoje para Porto Seguro. Ele tem uma caminhonete Ford antiga. Acho que talvez dê pra você pegar uma carona.

O rosto de Laércio se encheu de esperança. Aluísio tinha sido seu amigo de infância. Era um homem honesto e sincero.

– Valeu, Donato, obrigado pela sugestão. O Aluísio ainda mora naquela chácara aqui perto?

– Mora, sim.

– Então vou pegar meus documentos e correr lá. Espero que ele ainda não tenha saído. Deus vai providenciar uma carona para voltarmos para cá.

Laércio saiu correndo e Donato gritou:

– Não se esqueça de avisar sua mãe.

Ao entrar na cozinha da casa, Laércio encontrou dona Carminha lavando a louça. Abraçou-a com força e contou, ao pé do ouvido, o que tinha acontecido. Dona Carminha colocou as duas mãos no rosto do filho e disse:

– Meu filho, não fique triste. Tudo isso me mostra que estamos mais perto do que nunca de encontrar nosso Senhor. Vá em paz. Ele vai dirigir seus passos.

Laércio pegou sua carteira e, alguns minutos depois, estava na frente da porteira do sítio de Aluísio. Viu que a caminhonete estava cheia de móveis no fundo. Bateu palma e vários cachorros vieram correndo em sua direção, latindo sem parar. Logo depois, Aluísio surgiu de dentro da casa.

– Posso ajudar?

Parecia não reconhecer o visitante. Laércio acenou os braços e gritou:

– Aluísio, sou eu, Laércio. Posso falar com você?

Um sorriso branco surgiu na face morena do dono da casa. Ele se dirigiu ao portão, gritando com os cachorros. Abriu a porteira e convidou Laércio a entrar. Na sala da simples casa, Laércio compartilhou com Aluísio o que havia acontecido e perguntou, um pouco sem graça, se seria possível pegar uma carona.

Aluísio pareceu se comover com a história. Mesmo assim, tinha um aspecto preocupado:

– Nossa, compadre! Que confusão... Minha irmã ia descer para Porto Seguro comigo hoje, mas decidi ir de ônibus com as crianças ontem; portanto, tenho espaço na caminhonete. O único problema é que...

Laércio respirou fundo. Será que teria seu pedido negado?

– Ninguém da cidade pode saber que o ajudei. O prefeito disse que quem ajudar as pessoas que não possuem o cartão da AEM irá perder o seu cartão. Se isso acontecer, não tenho como sobreviver, entende?

– Aluísio, não quero complicar sua vida. Se acha que vai ser ruim pra você, procuro outra solução para o problema.

O carteiro colocou a mão no ombro do visitante e disse:

– Pare com isso, vou levar você sim. Só não quero que as pessoas descubram... Estava de saída. Você está pronto?

Pouco tempo depois, os dois ganharam a estrada. Laércio ligou para Nina e avisou que estava a caminho.

– Você tem notícias de Tiago?

– Não tenho. Pedi pra Júlia descobrir o que vai acontecer com ele. Para onde vão levá-lo.

Nina se encolheu um pouco mais no canto da cabine do banheiro e completou:

– Vamos ver se Júlia descobre alguma coisa. Mesmo sem saber se vai dar certo, acho que

conheço uma pessoa que realmente pode nos ajudar. Vou fazer uma ligação e nos falamos depois. Estou aqui esperando.

– Isso, minha filha, não saia do banheiro. Acho que aí está mais segura.

Nina desligou o celular e sentou em cima da tampa do vaso. Aquele lugar cheirava mal e ela estava ali havia mais ou menos uma hora. Sabia que ainda teria um longo tempo de espera. Tentava não pensar no que estavam fazendo com Tiago. *Será que ele comeu? Coitadinho, estava morrendo de fome! Será que estão tratando ele mal?* Mesmo com muito medo, viu que era o momento de agir.

Pegou o telefone e selecionou um número familiar. Alguns momentos depois ouviu a resposta:

– Por que você está me ligando de novo? São duas vezes em uma semana! Disse que não tenho tempo pra você.

– Pai, por favor! Preciso da sua ajuda. A polícia prendeu o Tiago há pouco. Não sei o que vai acontecer com ele.

– E por que teria interesse em ajudar aquele desgraçado que transformou você em crente? Ele roubou minha filha de mim.

– Pai, eu ainda sou sua. Você sabe que eu o amo e sempre amarei. Faça esse favor, por mim, pai. Ajude o Tiago! Por favor.

Nina ouviu um suspiro do outro lado da linha.

– Pare de suplicar. Eu não a criei pra isso. Ontem, na reunião do Conselho Nacional de Segurança, eu até tentei evitar que isso acontecesse. Seu namorado pediu, né? Que ideia idiota escrever contra uma lei do governo num blog!

– É, pai, mas agora já foi... O que podemos fazer?

Por um momento, Nina acreditou que havia um pouco de compaixão na voz de Teodoro.

– Agora não posso fazer nada. É a lei, Nina. Sinto muito. Ele vai ter que pagar o preço. Está todo mundo culpando pessoas como ele pelo que está acontecendo.

– Culpando, pai?

– É. O maremoto e agora, para piorar, em diferentes partes do mundo coisas estranhíssimas: o Mar Mediterrâneo está vermelho. Vi as imagens no noticiário e parece sangue. Todos os peixes e plantas submarinas morreram. Além disso, uma praga de gafanhotos está destruindo as plantações da América Central. Uma peste de piolhos invadiu Manhattan. A cidade teve de ser evacuada, pois estava infestada de bichos... O caos é geral e a lista de catástrofes é grande... Isso é sério, Nina. Não é brincadeira! Ontem, o chanceler da AEM falou em rede nacional que esses são sinais da vingança de Deus, pois ainda existem pessoas, como seu namoradinho, que

insistem em desafiar a vontade dEle.

Agora ela não conseguia mais conter as lágrimas:

– Pai, como podem culpar Tiago por essas coisas?! Isso que está acontecendo são as pragas e foi profetizado na Bíblia.

– Ora, Nina, essa história de profecia não existe. Só lhe digo que agora ele vai ter que pagar o preço.

– Que preço, pai? Que preço?

– Isso você vai ter que descobrir sozinha. Nina, esqueça que eu existo, tá? Eu já disse que não sou seu pai. É uma vergonha ter uma filha que namora um preso. Não me ligue mais.

Teodoro desligou o telefone. Nina abraçou as pernas dobradas e ficou assim por algum tempo. Perguntava para Deus se estava fazendo a coisa certa. Começou a se lembrar de todos os pecados que havia cometido no passado. Sentia que era indigna do amor de Deus. Tinha dúvidas de sua salvação. *O que adianta passar por tudo isso se não estou salva? É puro legalismo! Perda de tempo!* Lembrou-se de que, um pouco antes da volta de Jesus, o Espírito de Deus seria retirado da Terra.

O Espírito Santo é o Consolador que convence o mundo de seus pecados (João 16:7, 8). A força de Seu trabalho não podia ser sentida naquele momento. A angústia e dúvidas pareciam tirar-lhe o ar dos pulmões. O peso era grande demais. Ficou ali, parada, com lágrimas umedecendo o rosto abatido, sem esperança, sentindo-se indigna, rogando por ajuda do Céu, por um milagre... pela volta de Jesus.

A cabeça de Tiago latejava. Tentava abrir os olhos, mas não conseguia. Estavam incrivelmente pesados. *Será que estou acordando de um pesadelo?*, pensou. *Parece que meu corpo não me obedece!* Tentou mover vagarosamente as pernas e teve a sensação de que sua tentativa falhou. Com muito esforço, levantou a mão esquerda e esfregou os olhos. Sentiu que estavam inchados. Nesse momento, conseguiu abrir um pouco as pálpebras. O que viu fez com que se lembrasse, como que num filme de terror, o que havia acontecido nos últimos dias. Ou horas, não tinha certeza.

A Polícia Rodoviária o prendeu no posto de gasolina da BR 101. Havia questionado o motivo da apreensão, mas não obteve nenhuma resposta. Eles o levaram até a delegacia de uma cidade a poucos quilômetros do posto e o jogaram em uma cela imunda, que tinha somente um colchão velho e malcheiroso no chão e um vaso sanitário cheio de fezes e urina no outro canto. Tiago não tinha certeza de quanto tempo havia ficado ali. Só conseguia pensar no rosto desesperado de Nina. O que havia acontecido com ela? Seu estômago doía. Devia ser fome, mas, só de pensar em comer, sentia náusea.

Pouco tempo depois, dois homens, vestidos de preto e com uma arma enfiada na calça e um

pedaço grande de pau na mão, apareceram na frente da cela e disseram sarcasticamente:

– Então, esse é o sujeito riquinho, aluno de medicina, que criticou a lei dominical...

O olhar daqueles homens era maligno. Enquanto giravam a chave na fechadura, Tiago tentava se arrastar para trás para se encostar na parede do canto da cela. Suas pernas não lhe obedeciam. Gaguejou:

– É por isso que estou aqui? O que vai acontecer comigo?

Agora um dos homens entrava na cela. Ele o interrompeu aos gritos:

– Cale a boca! Quem faz as perguntas aqui sou eu!

Tiago estava com tanto medo que achou que ia cair no chão. Rogou a Deus por forças. O homem chegou bem perto dele e levantou o pedaço de pau, enquanto esbravejou:

– Você sabe que aqui todo preso de primeira viagem leva uma surra! Você está pronto?

As pernas de Tiago começaram a formigar. O sangue sumiu de seu rosto. Seus olhos arregalados mostravam seu pavor.

– Nossa! O abusadinho está com medo! – disse, rindo e olhando para o outro homem. – Será que podemos suspender a surra?

Com um sorriso nos lábios, o homem do lado de fora da cela disse:

– Isso depende de você, riquinho!

– O quê? – foi a resposta angustiada de Tiago.

– É, maninho! – disse o homem dentro da cela, colocando as mãos em volta do pescoço de Tiago e apertando. – É só você fazer o cartão da AEM e escrever um novo artigo para os jornais se retratando. Pedindo desculpas por ter falado tanta baboseira...

Tiago sentia tontura. Não conseguia respirar. Começou a perder as forças. O homem soltou as mãos. Ele caiu no chão, sugando todo o ar que pôde. De repente, sentiu uma paulada fortíssima nas costas.

– Vamos! Responde! Não temos o dia todo!

Tiago olhou para cima e disse com segurança:

– Não. Não posso.

Agora, a paulada foi na cabeça. Ele não conseguia lembrar o que aconteceu depois daquilo. Só sabia que agora via, por uma pequena fresta dos olhos entreabertos, que sua mão estava suja de sangue. Seu corpo todo doía. Parecia ter sido atropelado por um caminhão. Sua mente voltou a focar em Nina.

“Meu Deus... e agora?”

Tentou se mover em cima do piso de cimento frio. Não teve muito sucesso. Decidiu ficar quieto e elevar os pensamentos ao Céu. Rogou por forças. Pediu livramento. Chegou a questionar se Deus estava ouvindo. Sentia-se sozinho e abandonado. Precisava de um milagre. A exaustão física e mental era muito grande. Tentou se arrastar até o colchão, mas não conseguiu. Doía muito. Fechou os olhos.

Algum tempo depois, ouviu uma voz familiar:

– Ai, meu Deus, é ele!

Tentou se levantar, mas não conseguiu. Uma mão suave acariciou sua testa com carinho.

– Meu filho, o que fizeram com você!

O som da voz de Júlia foi recebido como uma forte injeção de ânimo.

– Mãe – murmurou, com a voz rouca e falha.

Ela colocou as mãos na nuca do filho e colocou sua cabeça em seu colo. Enquanto passava um lenço no rosto e cabeça de Tiago, disse:

– Desgraçados! Eles vão pagar pelo que fizeram. Não podiam ter tratado você assim. Quem eles acham que são?

A suavidade da mão da mãe limpando seu rosto era reconfortante.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Há quase dois dias. Assim que foi preso, Nina avisou seu pai, que me ligou. Eu mexi meus pauzinhos pra descobrir aonde iriam levar você. Aluguei um jatinho e vim direto pra cá. Cheguei tarde demais – suspirou. – Desgraçados!

– E a Nina?

– A última notícia que tive é que seu pai ia buscá-la no posto. Ela ficou trancada no banheiro, esperando por ele. Não se preocupe com isso. Laércio já deve estar com ela. Agora, precisamos resolver o seu problema.

Tiago abriu lentamente as pálpebras e se deparou com a face de sua mãe.

– O que vão fazer comigo, mãe?

– Ora, Tiago, querem que seja exemplo. Querem que as pessoas fiquem com medo de criticar a lei dominical. Vão transferi-lo para Brasília somente na próxima semana. Lá, você vai responder a um processo judicial no Supremo Tribunal... Esse julgamento vai ser ridículo, porque eles querem mesmo é prender, bater... acabar com você.

O desconforto nauseabundo que dominava Tiago tomou proporções quase insuportáveis.

– Estou aqui para ajudá-lo. Você precisa se associar à AEM, meu filho. Essa história de sábado já foi longe demais.

– Mas, mãe...

– Nada de “mas” – ela o interrompeu bruscamente. Seu tom era rude e desesperado. – Chega, Tiago, chega de gracinha! Eu já perdi sua irmã. Agora quer morrer também? Eles vão matá-lo na prisão... Vão matá-lo! Você vai ser jogado numa cela junto com assassino, traficante, estuprador. É isso que você quer pra sua vida? Chega de ser cabeça-dura! Pare com isso agora!

Tiago ficou quieto. Uma luta interior ferrenha se travava naquele momento. O amor que tinha pela sua mãe era imenso. Ele sempre tinha sido o filho favorito. Apoiava-o em tudo. Sabia que a morte de Letícia tinha trazido um vazio imenso ao coração daquela mulher. Como iria cortar o seu coração novamente? Estava tentado a emitir as palavras: “Tudo bem. Vamos embora. Eu irei guardar o domingo.” Nesse momento, foi lembrado das palavras de Cristo: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a Mim não é digno de Mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a Mim não é digno de Mim; e quem não toma a sua cruz e vem após Mim não é digno de Mim” (Mateus 10:37, 38).

Tiago sabia o que devia fazer. Com dor profunda no coração, finalmente falou:

– Mãe, obrigado pelo seu amor – ele respirou fundo e tomou coragem. – Mas não posso fazer o que está me pedindo. Não posso desobedecer ao meu Deus.

O olhar de decepção que, inicialmente, se apossou do rosto de Júlia foi rapidamente substituído por raiva.

– Seu idiota. Você não vai mudar de ideia. Eu já devia saber que ia fazer isso comigo. Não sei quando decidi ficar igual ao seu pai. Se é assim... – ela empurrou sua cabeça, que bateu no chão. – Vou embora.

Antes de sair da cela, declarou:

– Por escolha sua, hoje eu perdi meu segundo filho... Vivi por vocês e agora não sobrou nenhum. Não sobrou nenhum... – Agora sua voz era fria. – Não vou mais chorar por essas perdas. Vou tocar minha vida.

Jogado no chão, ferido e sentindo dor, Tiago começou a tremer, enquanto ouvia os passos rápidos de Júlia se distanciando de sua cela. Logo em seguida, ouviu que alguém se aproximava, quando foi emitido o som da chave girando na fechadura da porta da cela. Ele sentiu o peso de sua escolha e começou a chorar. A angústia de ter machucado uma das pessoas que mais amava era indescritível. Também chorava por compreender que sua mãe havia virado as costas para a salvação. Ela havia escolhido se apegar às coisas passageiras que este mundo oferece. A solidão e o desamparo o massacravam. Seria tão simples resolver o problema. Era só deixar de lado aquilo em que acreditava.

Em meio à dor, sussurrou seu verso favorito que havia memorizado e agora era seu conforto e fonte de forças: “Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações” (Salmo 46:1).

O sol causticante daquela tarde fazia com que o mau odor do banheiro do posto ficasse ainda mais acentuado. Nina não aguentava mais ficar entocada naquele lugar. Mirou as horas estampadas na tela do celular e viu que já estava ali havia quase dois dias. Muitas mulheres tinham entrado e saído do banheiro nesse período. Quando isso acontecia, ela colocava os dois pés sobre a tampa do vaso para que não vissem que havia uma pessoa ali.

Tinha tentado falar com Laércio várias vezes, mas as ligações eram transferidas para a caixa postal. Estava temerosa de sair do lugar e começou a se questionar se ele realmente tinha conseguido ir buscá-la. O pavor de ficar sozinha, sem dinheiro e sem apoio naquele lugar só crescia. Depois de relutar, decidiu que tinha que sair dali, senão iria enlouquecer. Estava com fome e a água da torneira do banheiro que tomava a fez vomitar. Abriu a porta da cabine vagarosamente. Olhou a sua volta e não viu ninguém. Voltou os olhos para dentro da cabine para pegar sua bolsa. Antes que pudesse sair, ouviu:

– Nina!

Ela deu um pulo e esticou a cabeça para fora:

– Graças a Deus você chegou! Pensei que não vinha mais.

Correu na direção de Laércio e o abraçou com força. Não pôde evitar derramar algumas lágrimas. Seus ombros tremiam enquanto soluçava. A sensação era de alívio.

– Minha filha, desculpe-me pela demora. Tudo que tentei deu errado. Depois lhe conto o que fiz para conseguir chegar até aqui.

– O importante é que não estou mais sozinha... Foi horrível! Você tinha que ver como trataram o Ti... Coitadinho!

Laércio pegou em seu braço e disse:

– Nina, eu sei que está abalada, mas precisamos agir rápido. Temos que encontrar uma maneira de sair daqui o quanto antes.

Os grandes olhos verdes de Nina estavam arregalados. Laércio continuou:

– Consegui várias caronas para chegar até aqui, mas não tenho a mínima ideia de como vamos chegar até Remanso. Você tem algum dinheiro?

– Tenho 35 reais – disse, balançando a cabeça positivamente.

Nesse momento, uma mulher entrou no banheiro.

– Ei, o que você está fazendo aqui? Este é o banheiro das mulheres. Você vai ter que sair agora!

Laércio tinha planejado sair com Nina sem que ninguém percebesse sua presença. Agora, alguém tinha visto que estavam ali. Teria que pensar em outra estratégia. Pegou na mão de Nina e a puxou para fora do banheiro. A forte luz do sol a cegou e, por alguns instantes, não conseguiu ver para onde Laércio a levava. De repente, ouviu:

– Ei, você não é a mocinha que estava junto com aquele rapaz que foi preso aqui anteontem? Era a dona da pousada. Ela falava alto e com ar de indignação.

– A polícia também devia ter levado você!

Nina abaixou a cabeça, enquanto continuavam caminhando na direção do carro de tia Ester. A mulher gorducha continuou fazendo alarde.

– Essa moça está fugindo da polícia!

A essa altura, várias pessoas fitavam os dois com olhar acusador. O atendente da lanchonete disse:

– Ela não tem cartão da AEM. Deve ser porque está fugindo da polícia com o namorado.

– Vocês não sabem de nada! – Nina explodiu – Não é nada disso! Ele foi preso injustamente.

Laércio apertou o passo e sua mão enquanto dizia:

– Nina, não retruca... Vai ser pior.

Um tumulto estava se criando. Várias pessoas começaram a caminhar na direção de Laércio e Nina, que agora tinham chegado perto do Gol de tia Ester. A dona da pousada estava no celular, provavelmente ligando para a polícia. Laércio abriu a porta do automóvel e olhou rapidamente dentro. Tirou a cabeça e disse:

– A chave não está aqui.... Só temos uma opção: correr!

Puxou Nina pela mão e começou a se dirigir para a plantação de cana-de-açúcar que emoldurava o posto. O coração de Nina disparou. Ainda não podia crer que estavam fugindo daquelas pessoas.

– Eles estão fugindo! – anunciou um caminhoneiro, que começou a correr atrás deles.

Alguns segundos depois, Nina e Laércio adentraram a plantação e continuaram correndo o mais rápido que conseguiam, sem olhar para trás. As folhas do canavial cortavam sua pele. Mesmo assim, não ousaram parar. Não era possível ver o fim da imensa plantação. Tudo que faziam era correr sem destino certo. Depois de uns quinze minutos, os dois não aguentavam mais. Começaram a diminuir o ritmo e finalmente tiveram coragem de olhar para trás. Não havia ninguém os seguindo. Nina se jogou no chão. Seu tronco subia e descia, buscando absorver o

precioso ar que lhe faltava.

Laércio estava suado e seu braço tinha pequenos cortes feitos pelas folhas. Jogou-se ao chão e uma nuvem de pó seco fez com que Nina começasse a tossir. Ficaram calados por alguns momentos. Até que ela se atreveu a falar:

– E agora?

Ele pensou um pouco e citou o Salmo 46.

– “Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações.”

Nesse momento, sentiram pequenas gotas de água tocar sua pele. Olharam para cima e viram as nuvens negras se movimentando. Pouco tempo depois, as pequenas gotas se transformaram em uma chuva torrencial.

CAPÍTULO

XVIII

Os dias seguintes foram os mais sombrios da vida de Tiago. Apesar do cansaço, dor e fome, não conseguia relaxar. O filme de sua vida passava várias vezes em sua mente. Memórias boas da infância e da adolescência pareciam fazer parte da vida de outra pessoa. A dura realidade que o rondava não se parecia com as memórias que carregava. Em vários momentos, sentiu-se tentado a desistir de tudo e correr para a casa de sua mãe, onde teria amor, carinho, cuidado e poderia continuar estudando medicina. Todos os seus pecados e fraquezas estavam estampados em sua cara. Começou a questionar se estava fazendo tudo aquilo pelo motivo certo. Será que mais alguma pessoa estava obedecendo à vontade de Deus? Chegou a pensar que era o único “louco” que havia decidido não ceder.

Perdeu a noção do tempo. Se dormiu, não percebeu. Seus pensamentos iam e vinham, atormentando-o constantemente. Foram interrompidos pelo som da chave abrindo sua cela:

– Você tem uma visita.

Tiago tentou se mover. Cada parte de seu corpo doía.

– Meu Deus. O que foi que eu fiz? – lamentou o visitante.

Com muito esforço, Tiago entreabriu os olhos inchados para certificar-se de que sua suspeita estava correta. Viu a face familiar de Rogério.

– Ei, cunhadinho... é você!

Rogério se aproximou de Tiago e, sem falar nada, colocou uma pequena manta debaixo de sua cabeça coberta de sangue ressecado. Seu rosto transmitia desespero e culpa.

– Trouxe uma garrafinha de suco de laranja. Será que consegue tomar?

Tiago abriu um pouco os lábios rachados e Rogério derramou uma porção de suco. Fez isso algumas vezes. O açúcar da bebida fez com que Tiago se sentisse melhor. Finalmente, pediu:

– Você me coloca ali no colchão? Esse chão está muito duro.

Rogério fitou o colchão imundo. O forro estava rasgado, não tinha lençol e cheirava mal. Não teve dúvida. Tirou a manta cuidadosamente de baixo da cabeça de Tiago e forrou o colchão. Depois, tirou sua camiseta e fez um pequeno travesseiro. Colocou as mãos sob as axilas do preso e o arrastou até o colchão. Primeiro, colocou sua cabeça e depois levantou as pernas. Tiago

esboçou um sorriso:

– Bem melhor.

Rogério despejou mais um pouco de suco na boca de Tiago e disse:

– Consegui autorização pra entrevistar você. Foi difícil, mas consegui. Na verdade, vim aqui pra lhe pedir desculpas.

– Desculpas? – ele falava baixo.

– É. Sou o responsável por tudo isso. Fui eu quem enviou o conteúdo de seu blog para os jornais. Não sei o que estava pensando... Achei que poderia convencer outras pessoas a fazer o que é certo.

Tiago apertou a mão de Rogério e disse:

– Então, você concorda comigo?

– Claro que sim! Essa lei é maluca e vai contra o que Deus mandou.

– Que bom, cunhado! Assim, não me sinto tão só.

– Só? É o que você pensa! O seu artigo teve uma imensa repercussão. O Conselho de Segurança Nacional mandou prender você porque, depois do artigo, muita gente cancelou a associação à AEM. – Pensativo, completou: – Muita gente decidiu se levantar contra tudo e todos e guardar o sábado.

Tiago sorriu. Aquela foi a primeira vez, desde que tinha chegado à prisão, que sentiu um pouco de alento.

– Esse é o derramamento do Espírito Santo. É Deus colocando Seu selo naqueles que O servem.

– Ai, Tiago, não me fala dessa história de selo... Olha o seu estado! Nunca imaginei que fossem fazer isso com você. – Agora seus olhos estavam marejados. – Desculpe.

– Eu sei. Tenho certeza de que Deus tem um propósito com tudo isso.

Rogério colocou mais um pouco de suco na boca rachada do ex-cunhado.

– Eu o admiro... Não tive a sua coragem. Não consegui me levantar contra a AEM.

A expressão de Tiago se enrijeceu. Mostrava profunda preocupação.

– Ainda dá tempo, cunhado. Jesus está voltando. Tudo isso foi profetizado na Bíblia.

– Tenho minhas dúvidas.

– Não perca a salvação, Rogério. Não vale a pena...

O rosto de Rogério mostrava tristeza, enquanto proferia as seguintes palavras:

– Quem precisa de salvação é você, cunhadinho. O que tenho de concreto hoje é esta vida. Não vou abrir mão dela por uma crença. E se tudo que você acredita não se concretizar?

Nesse momento, um policial bateu na grade da cela.

– Acabou o tempo.

Rogério apertou a mão de Tiago e, com pesar, disse:

– Eu o admiro, cunhado. Pena que não tenho sua coragem.

Ele se levantou e saiu vagorosamente. Sua cabeça estava baixa e o coração, vazio.

Antes da visita, Tiago estava arrasado pela situação que enfrentava. Agora, sua angústia tomou proporções inimagináveis. Deitado ali, naquela cela malcheirosa e fria, chorou pela escolha de Rogério, pela escolha de sua mãe e de todos os filhos de Deus que não queriam ouvir o Seu clamor. Não queriam aceitar a salvação oferecida de graça.

– É só aceitar... – sussurrou, enquanto apertava os olhos e as lágrimas molhavam sua face desfigurada.

A noite caiu e trouxe com ela a angústia dos servos de Deus espalhados em diversas partes do país e do mundo. Todos eles sofriam de algum tipo de perseguição. Muitos estavam em prisões escuras nas piores condições possíveis. Outros fugiam sem destino. Ainda existiam aqueles que foram expulsos de seus lares e abandonados pelas pessoas que amavam. Muitos sofriam gozação e calúnia. Esses servos de Deus sofriam angústia jamais vista em nosso planeta. Sabiam estar fazendo a vontade de Deus, mas não sentiam o abraço reconfortante do Pai como haviam sentido em outras situações desesperadoras vividas na Terra.

Suas orações e lágrimas subiam até o Céu e alcançaram o trono de glória do Pai. O Rei da eternidade, rodeado de honra e glória, chorava por aqueles que rejeitaram Seu amor. Quantas vezes os chamara! Quantas provas de Seu amor foram reveladas! Mesmo assim, preferiram buscar os prazeres passageiros desta vida em vez de colocarem seus propósitos e sonhos nas mãos dAquele que os havia criado. Havia deixado advertências claras sobre os sinais de Sua vinda. Com isso, queria evitar que as pessoas se confundissem ou se perdessem. Sua descrição era o quadro perfeito da realidade vivida pelos seres humanos, nos últimos tempos.

“E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o princípio das dores. Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do Meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos” (Mateus 24:6-12).

“Nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus” (2 Timóteo 3:1-4).

Os homens haviam escolhido fechar os olhos e ouvidos para tais advertências claras descritas na Palavra de Deus. Eles não tinham tempo para ler a Palavra e ouvir a voz do Pai. Agora, o coração de Deus se rasgava de tristeza. Havia feito tudo o que podia. Até Sua vida entregou por eles. Não foi suficiente... Eles não quiseram aceitar.

O Deus forte também tinha lágrimas nos olhos ao ver a prova de fé e obediência de Seus filhos fiéis. Sabia que tinham deixado tudo por esse amor. Viviam o compromisso feito com o Pai até as últimas consequências. O Senhor dos senhores sofria ao ver tal angústia e já não podia esperar o momento em que poderia abraçá-los e tê-los para sempre em Sua companhia.

O Universo inteiro acompanhava o sofrimento dos servos de Deus na Terra. Nunca entenderiam a angústia e provas que estavam passando. Somente Jesus, sentado à direita do Pai, conseguia entender a magnitude desse sofrimento. O Pai olhou para o Filho e proferiu palavras que desejou proferir desde que Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden. Levantando-Se do trono de glória, proferiu com voz de mil trovões, que ecoou pelo Universo atento:

– Meu Filho, é chegada a hora. Vá buscá-los. Traga Meus filhinhos amados de volta para casa.

Jesus Se levantou. Seu rosto resplandece a glória do Céu e a alegria da salvação. Esse era o momento do resgate. Tem na cabeça uma coroa de honra. Milhares de anjos se reúnem ao Seu redor. Este é o momento mais esperado na história do Universo.

Meu Deus, tem misericórdia de nós, era o clamor angustiado de Nina, que tremia de frio. A chuva forte não cessava. Estava escuro. Ela e Laércio estavam escondidos no canavial havia mais de uma semana. Durante o dia, o sol era muito forte e, quando chovia, passavam frio. Não tinham onde se proteger. Dois dias antes, chegaram até a BR e pensaram em pedir uma carona para Remanso.

Enquanto tentavam fazer com que um veículo parasse para ajudá-los, viram que um agricultor da região se aproximava manejando sua bicicleta. Perguntaram onde estavam. O agricultor os fitou com desconfiança e perguntou:

– São vocês que estão fugindo da polícia?

Laércio olhou para Nina e para ele mesmo e reconheceu o estado deplorável em que se encontravam. O agricultor completou:

– A polícia está rondando a região à procura de uma moça e um homem. Se não quiserem ser presos, é melhor voltar para o mato.

O homem subiu na bicicleta e sumiu na curva da estrada. Com medo e exausta, Nina foi puxada por Laércio para dentro do canavial. Ela já não tinha forças para continuar andando. Seus pés sangravam e suas pernas estavam cortadas. Permaneceram ali nos dias seguintes. Mordiam pedaços de cana-de-açúcar para recuperar um pouco da energia esgotada.

Agora, estavam sujos de lama e chovia novamente. Os dois estavam sentados em meio ao canavial e clamaram por um refúgio. Não existia outra alternativa. Deus era sua única esperança. Com uma voz pequena, Nina começou a sussurrar o hino que ouvira na igreja no dia de sua conversão e que havia cantado muitas vezes depois disso: *Quanto almejo ver a Cristo! Ver-Lhe o rosto, que prazer! Quando enfim, no lar eterno, poderei pra sempre O ver!*

Nas proximidades de Remanso, dona Carminha e a família de Donato haviam recebido a visita de vários moradores da cidade. Queriam expulsá-los da região. Eles os culpavam pela praga que havia matado todos os animais da região. Acreditavam que sua presença trouxera ruína para a cidade. Os servos de Deus estavam no meio do jardim, rodeados de pessoas rancorosas, que os agrediam verbalmente. Ameaçavam matá-los ali mesmo. Diziam que essa era a única solução. As crianças choravam. Tinham medo. Donato abraçou sua família e a dona Carminha. Nesse momento, Pedrinho fechou os olhos e começou a entoar o coro de seu hino favorito:

Face a face eu hei de vê-Lo...

Seu irmãozinho e irmã começaram a acompanhar:

Quando vier em glória e luz...

As pessoas rancorosas continuavam agredindo-os, mas agora o grupo que estava sendo acusado cantava em voz alta:

Face a face lá na glória, hei de ver meu bom Jesus...

Na prisão malcheirosa, Tiago recebia novos visitantes. Dessa vez, não era sua mãe ou Rogério. Eram os mesmos homens que o haviam surrado havia mais de duas semanas. Eles tinham um pedaço ainda maior de pau nas mãos. Ao ver que se aproximavam, rogou: *“Meu Deus, eles vão me matar! Tem misericórdia de mim!*

No meio do canavial, Laércio olhou para cima. Raios iluminavam a noite molhada, de um lado ao outro do céu. Os trovões estremeciam a Terra. Nina estava agachada no chão e tinha a cabeça sobre as pernas cruzadas e continuava entoando suavemente a melodia e letra: *Face a face, que alegria há de ser viver assim, vendo o rosto tão querido de quem morto foi por mim!* Em meio aos sons da natureza e à tímida voz de Nina, Laércio escutou, ao longe, um som que jamais tinha ouvido. Focou os olhos em um canto do céu que estava mais iluminado. Seu coração quase parou.

– Nina! Olhe ali! – Sua voz exprimia uma felicidade incontida.

Ela levantou os olhos e viu uma pequena nuvem, do tamanho da mão de um homem. A

nuvem era iluminada e crescia rapidamente.

– Meu Deus! – foi tudo que ela pôde dizer.

Seus olhos não conseguiam se desviar daquele ponto iluminado. As nuvens escuras da chuva foram se afastando e o céu foi sendo iluminado. O som de trombetas e a voz de milhares de anjos podiam ser ouvidos. A música era apoteótica e maravilhosa: “Glória, glória ao Cordeiro que morreu e ressuscitou.” Esse era o tema da trilha sonora da redenção.

Com as pernas trêmulas, Nina e Laércio se levantaram e estenderam os braços para cima. No centro daquela nuvem, que agora tomava metade do céu, brilhava a face resplandecente de Jesus Cristo. Ao contemplar a face de seu Senhor, Laércio e Nina se prostraram em adoração. Seu olhar era puro amor, compaixão e alegria. Sentiam que podia ler seu coração e preencher cada pedaço de sua alma que estivera vazio por tanto tempo. Nunca imaginaram que um simples olhar do Mestre faria com que sentissem, pela primeira vez, o que era felicidade completa.

Tiago estava encolhido no canto do colchão da cela, enquanto os seus acusadores o agrediam verbalmente. Como ele não respondia às suas acusações, tinham as mãos levantadas para acertar uma paulada em seu corpo, que somente agora começava a mostrar alguns sinais de melhora. Ele fechou os olhos e começou a pensar em sua família e em Nina. Como que instintivamente, começou a cantar o hino que a namorada entoava toda vez que estava preocupada ou triste: *Face a face hei de vê-lo, quando vier em glória e luz, face a face lá na glória hei de ver meu bom Jesus.*

Nesse momento, um terremoto jamais visto abalou os fundamentos da prisão. As paredes caíram e o teto se abriu. Como num piscar de olhos, Tiago sentiu que recebia o vigor de seu corpo de volta. Levantou-se e, mirando o céu, viu Jesus descendo em honra e glória. Suas feridas eram saradas e seu corpo transformado, enquanto fixava os olhos em seu amado Salvador. E foi assim que começou a subir na direção de seu Deus.

Olhou para o lado e viu Letícia. Sua amada irmã havia ressuscitado. Ele a abraçou com força e beijou sua face iluminada. Seus grandes olhos castanhos eram ainda mais expressivos. A alegria do reencontro era muito maior do que havia imaginado nas diversas vezes que sonhou acordado com aquele momento.

Em poucos momentos, encontrou sua avó, dona Carminha, que abraçava seu avô, que ele não conhecera. Tia Ester, que havia morrido no maremoto do Rio, agora abraçava sua irmã. Todos estavam transformados. No corpo deles, não havia evidência de pecado. A família de Donato também cantava louvores e glórias ao nome do Rei dos reis.

Enquanto continuavam subindo, sentiu que alguém tocou em seu ombro. Voltou o olhar e viu que era Nina e seu pai. Todos se abraçaram. Lágrimas de alegria umedeciam suas faces. Sabiam que nunca mais teriam que se separar. Juntaram-se ao coral de anjos no louvor ao Criador, Mantenedor e amado Salvador.

Letícia olhava ao redor, procurando algo que não via ali. Segurou no braço do irmão e perguntou:

– Cadê a mamãe e o Rogério? Eles virão nos encontrar?

Tiago segurou sua mão e, com tristeza profunda no olhar, explicou:

– Maninha, eles não quiseram aceitar. Tiveram todas as chances, mas não quiseram...

Os grandes olhos castanhos de Letícia se encheram de lágrimas, que escorriam lentamente sobre sua face alva. Tiago a abraçou com força, pois compartilhava do mesmo sentimento de imensurável perda. Nesse momento, Letícia sentiu-se abraçada pelos olhos de Jesus, que a fitava com carinho. Ela viu no olhar do Salvador a dor que sentia por não ter todos os filhos ao Seu lado naquele momento. Ele levantou as mãos e mostrou as marcas dos cravos que O transpassaram na cruz. Letícia compreendeu que o Redentor havia feito tudo que podia para salvar Seus amados. Foram eles que escolheram rejeitar este presente de Deus: a vida eterna.

Confiante, Letícia enxugou as lágrimas e segurou na mão do irmão. Com um sorriso no rosto, disse:

– Ti, Deus é justo! Se eles não estão aqui é porque seriam infelizes no Céu. Agora teremos a eternidade para compreender o porquê de todas as coisas.

Naquele momento, as lágrimas pararam de rolar. Deus cumpriu Sua promessa descrita em Apocalipse 21:4: “E [Deus] enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.”

Chegaram perto do Salvador, que os abraçou individualmente. Somente Cristo sabia a luta interior que cada um deles havia travado para estar ali. Tiago tocou a mão do Mestre. Lembrou-se, extasiado, que aquela mão havia criado o Universo. Ali viu as marcas dos cravos que transpassaram seu amado Jesus na cruz.

– Por que, Senhor? Nós não merecemos.

Jesus sorriu amavelmente. Colocando a mão de Tiago em Seu peito, disse:

– Fiz por amor. E quer saber mais? Eu faria tudo de novo. Este é o fim do começo. Agora começa a eternidade.

CONHEÇA A AUTORA



Carolina Costa Cavalcanti é jornalista, pedagoga e mestre em tecnologias educacionais. Ministra aulas para o curso de pedagogia e atua como assessora pedagógica em educação a distância no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada da Universidade de São Paulo (USP). Filha do maestro e pastor Williams Costa Jr. e da cantora Sonete, é casada com Helder Cavalcanti e tem dois filhos pequenos: Lucas e Davi.